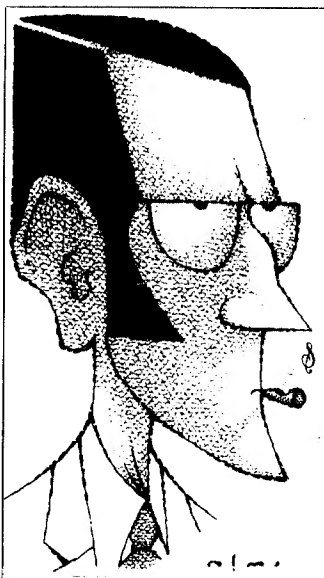


Crespo já tem preparada declaração de renúncia e PSD está pronto a pedir eleições antecipadas



É o fim da AD!



O CDS assinou ontem a declaração de óbito da Aliança Democrática quando o actual presidente da sua Comissão Directiva Basílio Horta telefonou, à uma da manhã, ao dr. Pinto Balsemão, fornecendo-lhe a lista de candidatos a ministros centristas.

A presença de elementos política e partidariamente desqualificados, dos quais o único até agora conhecido é o advogado Narana Coissoró, indicado para a pasta da Reforma Administrativa, foi particularmente mal recebida pelo presidente do PSD e provocou enorme descontenta-

mento nas cúpulas deste partido que afirmam que o elenco centrista «não reflecte o empenhamento sério do CDS no Governo», segundo a opinião de um alto dirigente social-democrata.

A hora a que o nosso jornal começa a circular deve estar reunida na Buenos Aires, a Comissão Permanente do PSD que ao fim da manhã apenas aguardava a presença de Pinto Balsemão para iniciar os seus trabalhos, o que aconteceria logo que terminasse o Conselho de Ministros, que reuniu com uma agenda muito pequena.

Segundo soube o «DL» junto de um dos membros da Comissão Permanente do PSD, é ainda possível que os centristas possam arrepiar o passo e indicar outros nomes para o Executivo de Vítor Crespo, que permitam a constituição do Governo. Só que essa decisão teria de ser tomada de imediato, o que, concretamente, significa ao princípio da tarde de hoje.

Esta hipótese é praticamente inviável e a Comissão Política do PSD deverá reunir ao fim da tarde para formalizar a ruptura

Continua na pág. 24

Sem Governo no País de Abril

Pág. 24

De 79 a 83: CDS sai com um sorriso...



De extrema-direita, eu? Isso é uma provocação...

Narana Coissoró:
a «gota que fez transbordar» o Governo Crespo?

Pág. 5



Em 79 nasce a AD...



Jaime Gama



Vítor Dias



J.M. Tengarrinha

Partidos da Oposição ao «DL»

Eleições são inevitáveis

Pág. 5

Só em nove meses

Comércio externo perdeu 300 milhões de contos

Pág. 15

Atrasando tráfego Lisboa-Porto

Despiste de camião-cisterna cortou EN n.º 1 na Mealhada

O despiste de um camião-cisterna na Estrada Nacional n.º 1, à entrada da Mealhada, a poucos quilómetros de Coimbra, dificultou esta manhã a ligação entre Lisboa e Porto, por um lado, e Coimbra e Aveiro por outro.

O camião-cisterna transportava ácido sulfúrico que não se derramou no pavimento da EN n.º 1, junto ao «Teatro Messias», na parte Norte da vila — onde ocorreu o despiste. Apesar da espectacularidade do acidente não se registaram vítimas, apurou o «DL» junto da GNR da Mealhada.

Apesar do acidente, o trânsito entre Lisboa e Porto e Coimbra e Aveiro, e ainda entre Porto e Coimbra, não foi interrompido, pelo facto da EN n.º 1 passar na Mealhada a Norte da vila e haver uma entrada e saída da vila para a Estrada Nacional.

Foi assim possível desviar o trânsito para o interior da vila e isolar o troço onde se verificou o despiste, junto ao «Teatro Messias». A circulação passou a processar-se com atrasos e alguns transtornos, mas sem interrupção. O mesmo informador da GNR contactado pelo «DL» admitiu a hipótese da circulação se normalizar ainda hoje. Trabalhadores da CM da Mealhada e pessoal da JAE tentavam ao fim da manhã desimpedir a EN n.º 1.

A Brigada de Trânsito previra inicialmente a possibilidade dos reboques enviados para o local do acidente afastarem o camião-cisterna de modo ao tráfego na EN n.º 1 se normalizar até ao fim da manhã.

Anunciado em Paris

Angola e China restabelecem relações

Págs. centrais



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
«ASSISTENTES ESTAGIÁRIOS
PARA ESTUDOS
ANGLO-AMERICANOS»

A Faculdade de Letras de Lisboa aceita candidaturas para Assistentes Estagiários do Departamento de Estudos Anglo-Americanos».

Resposta com todas as informações curriculares à Secretaria da Faculdade no prazo de 10 dias.

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 5 de Janeiro de 1983.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO,
(ilegível)

CACILHAS

Fabricantes de móveis por medida.
De costura e camas.
Bom sortido de mobiliário, bons preços e assistência.
Facilidades. Transportes práticos.
Vendemos madeiras a retalho. Faça o seu móvel.

LM - Móveis de Cacilhas
Rua Cândido dos Reis, 51, 54 e 91 — CACILHAS

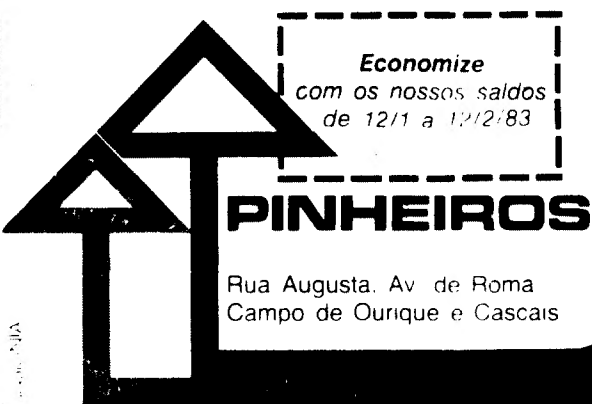


Chegar primeiro vai sendo um hábito nas lojas **PINHEIROS!**

Para si, os primeiros saldos de Inverno... neste Inverno.

Mais uma vantagem de ser Cliente das lojas **PINHEIROS**.

PINHEIROS
A justa medida da moda



Depois das Autárquicas-82
4 – Defender o património

Pedro Vieira de Almeida

OUTRO dos argumentos massacrados e massacrantes que funcionam um pouco como pau para toda a colher, é o do património.

Defender o património passou a ser a pedra-de-toque de uma linha política que se pretenda correcta, o que a ser verdadeiro seria de facto um bom augúrio. Só que não o é, e que tudo não passa afinal de mistificação.

Com uma grande dose de descaro foi mesmo possível nos folhetos de propaganda do actual presidente da Câmara Municipal de Lisboa, apresentar uma fotografia da Sala Ogival do Castelo de S. Jorge, esquecendo informar que aquela intervenção no Castelo, foi genericamente reprovada por quantos a apreciaram, reprovção manifestada até com veemente indignação em vários casos, que se tratou de uma intervenção abusiva, e que o saldo foi catastrófico para o património nacional.

Um pouco mais de desplante e lá apareceria a Feira de Belém talvez apresentada como grande proposta de uma gestão preocupada com os problemas patrimoniais e quem sabe se, até se lhe poderia juntar o projecto das Torres do Tejo. Porque não?

Mas para além do facto de aquilo que se fez no Castelo de S. Jorge ter sido desastroso, caricato, abusivo e contrário, a qualquer sentido crítico, o que torna inconcebível o seu aproveitamento eleitoralista, para além disso tudo, é importante registar a ideia de património cultural que grassa em certo tipo de gestões municipais, nomeadamente na Câmara de Lisboa.

E o património cultural não é nada do que ali se *pensa* ou parece pensar-se.

Por isso talvez ali também se surpreendam ao saber que a primeira intervenção a nível municipal, em termos de defesa do património, é fazer funcionar a cidade, e o território envolvido.

Não se trata, portanto, de na melhor versão, proteger os monumentos, nem de na pior versão promover o tipismo e o folclore.

Trata-se sim da qualificação do quadro de vida urbano.

E é este precisamente um terreno patrimonial, próprio à política municipal. Um Ministério da Qualidade de Vida tal como o conhecemos parece ser, uma quase contradição nos termos, porque a qualidade de vida não é uma matéria ministerial, de directrizes hierárquicas estabelecidas ou estabelecíveis.

E se algum sentido tem em termos de administração (e creio que o tem) terá de ser um sentido dialogante com o poder central, corrector do carácter aditivo deste, pelo que será necessariamente ao nível do poder local e em relação a um território e a uma população concretos, que a qualidade de vida se pode definir e organizar, numa lógica de pensamento integrado e construído de baixo para cima.

A qualidade de vida faria sim o maior sentido, como sector autónomo de uma gestão municipal responsável, e essa seria a primeira linha de um património cultural a defender.

Demonstrativo de uma incompreensão total, dos problemas e valores em jogo, o empolamento ridículo do património monumentalizável em si mesmo, sem referente qualificado, tende a isolá-lo como categoria académica sem verdadeira correspondência com a vida de todos nós, ao contrário do que será



correcto e exigível: o património como objecto de cultura é globalizador, articula-se com a nossa vida quotidiana, e não admite o seu confinamento em caixas classificatórias prévias. Certo que alguma confusão provém também das palavras de ordem do Conselho da Europa, que como convém a este tipo de organismos internacionais, são ambíguas quanto baste.

O «slogan» «Um futuro para o nosso passado» adoptado para o ano internacional do património, pode ter feito mais mal do que bem, pelo aspecto vagamente mendicante da frase, o que constitui uma informação subliminar a não desprezar, e pela noção de património que veicula, concebido como um bem que se herda, e que se não tem outro remédio senão deixar aos novos.

Ora o património é de facto outra coisa tem a ver com o acto culto (não significa universitário) da procura de raízes próprias, da exploração da nossa particular fundamentação individual e colectiva.

Nesta acepção, o património passará a ser o resultado de uma consciência exploratória das nossas bases culturais, e por isso que o nosso património não é constituído por uma herança, mas sim pelo resultado de uma investigação activa, afectivamente inteligente, inteligentemente afectiva.

Em oposição ao «slogan» do Conselho da Europa, eu diria, e essa sim seria uma posição que creio criticamente correcta e até mais operacional, que precisamos de «um passado para o nosso presente».

Talvez que esta noção dinâmica e responsabilizante de património não agrade a quem se pretenda abrigar atrás de classificações e esquemas, utilizando o património como álibi, para jogar os seus jogos próprios ou colectivos, mas é a mais correcta, arriscaria a dizer a única correcta.

Assim o património é construção nossa, e por isso nós temos apenas e rigorosamente o património que merecemos.

Um património cultural a sagu, como é o nosso, em Portugal hoje, significa um país que perdeu os seus esquemas e quadros de identificação própria, e por aí, de respeito próprio.

Nós não nos gostamos, nem nos respeitamos.

Ao nível da administração, a noção de património envolve, sempre queira-se ou não, uma política cultural, porque o património é também a face mais estável e visível dessa política, e sem ela o património não existe verdadeiramente.

Resulta quase caricato, se não fosse doloroso, o ver as autarquias protestar contra classificações «a mais», feitas a nível central, quando o único cenário aparentemente possível e lógico, seria as autarquias demonstrarem ser de longe muito mais exigentes ao nível da classificação, porque muito mais atentas, conhecedoras e sensíveis, do que o poder central, sendo legítimo esperar que a sua insatisfação proviesse da falta de presteza deste, para responder às classificações propostas. O património cultural ao formular-se enquanto face visível de uma política cultu-

ral, levanta ainda outros problemas que se podem dizer clássicos neste género de discussões, e que correspondem ao definir das prioridades dicotómicas sobre o que encetar primeiro: uma política cultural que se ataque a uma renovação de mentalidades, ou uma política económica que garanta as condições mínimas para esse desenvolvimento cultural.

O problema é quanto a mim falso.

Esquece-se neste tipo de formulações, que a cultura, e concretamente o património cultural, pode ser e é uma variável estratégica de desenvolvimento, variável indispensável sobretudo a nível local.

Isto remete de novo para a estranha situação das autarquias que consideram o património construído ou não, como um verdadeiro fardo que as limita e cerceia na sua liberdade, em vez de perceberem que com ele detêm uma variável importante de planeamento.

Mas isto por sua vez implica outro tipo de planeamento, outra prática e outra teoria, muito diversas da prática e da teoria habituais nos Planos Gerais de Urbanização (quase obsoletos se não totalmente obsoletos) ou dos Planos de Pormenor, que são neste campo as figuras de planeamento normalmente postas em prática pelas autarquias.

Haverá assim em função não só do património mas também em função do património, que repensem os métodos de planeamento utilizados.

Será esse o próximo artigo.



Inquilinato comercial

Luís de Carvalho e Oliveira

NUNCA se legislou tão mal. Parece que se quis fazer da lei, não uma fonte de direito, mas uma fonte de confusões. Um feitor mediocre, a dar ordens, não seria menos claro e mais facilmente o compreenderiam os servos do seu patrão.

A clareza dum Seabra no Código Civil, a clareza mesmo das ordenações, nada se parece com este emaranhado da legislação de inquilinato comercial de Dezembro de 1981, tão emaranhado e obscuro como esta agonia da AD na qual se não percebe bem se se foge ao peso das responsabilidades, se se foge perante a derrocada, se se foge de vergonha pela obra realizada. Ou, ainda, se se foge para safar a água do capote e poder aparecer mais tarde com pureza e sem mácula como a Virgem Maria depois do nascimento do Menino — o que, aliás, seria milagre, como o foi o do nascimento de Deus.

Ninguém poderá acreditar nos homens que agora viram costas à governação como se nada tivessem a ver com ela, montanhas de problemas para resolver, muitos mais, ainda, que se prevêem e outros que cairam no esquecimento como se resolvessem tivessem sido.

Mas, não era deste pobre transe político que vínhamos falar.

O tema é a legislação do inquilinato comercial, dos Decretos 330, 329, etc., de 4 de Dezembro de 1981.

A primeira pergunta que o intérprete faz a si próprio, é esta: pelo Decreto n.º 330/81 há lugar, apenas, a uma avaliação extraordinária, que seria a referida no n.º 2 do Art.º 4.º ou há lugar a tantas avaliações extraordinárias quantas o senhorio ou o inquilino entenderem necessárias

para o ajustamento entre as rendas praticadas e as que se entendam justas?

Não pense os menos atentos que a pergunta não tem lugar ou serve apenas para, oportunisticamente, calcar sob os pés aqueles que caem ou caíram.

Não é assim. Efectivamente, a interpretação, quer literal, quer sistemática, do Art.º 4.º, conduz a que só há lugar a uma avaliação fiscal extraordinária, para os contratos de arrendamento existentes à data da entrada em vigor deste diploma, desde que tenham decorrido cinco anos sobre a sua última avaliação, fixação ou alteração contratual da renda e, ainda, em caso de transpasse ou de cessação de arrendamento para o exercício de profissão liberal, desde que tenha decorrido mais de um ano sobre aqueles factos.

Esta, a redacção do n.º 1. A redacção do n.º 2, diz que poderá ser requerida uma avaliação fiscal extraordinária para o ajustamento das rendas praticadas à data da aplicação do regime de actualização anual.

Ora, como, efectivamente, o diploma em causa (Dec.-Lei 330/81) tem por objecto a actualização de rendas através de um coeficiente anualmente estabelecido por portaria conjunta dos ministros de Estado das Finanças do Plano e da Habitação, Obras Públicas e Transportes, a avaliação fiscal extraordinária aparece como disposição transitória, com carácter de excepção aplicável apenas aos arrendamentos existentes à data de entrada em vigor deste diploma. A regra seria que o diploma se aplicaria, apenas, aos contratos de arrendamento de futuro.

A reforçar esta interpretação a própria redacção do Art.º 4.º ao dizer «o presente diploma aplica-se também aos contratos de arrendamento, comércio, indústria e profissão liberal existente à data da sua entrada em

vigor». Esta palavra «também» obriga a entender as restantes disposições como podendo aplicar-se apenas aos contratos cuja renda venha a ser fixada depois da entrada em vigor do Dec. Lei 330/81 de 4 de Dezembro.

Sintetizando: Pela interpretação de todo o diploma conclui-se que a avaliação fiscal extraordinária só tem lugar uma vez e para os contratos cuja renda tenha sido fixada há mais de cinco anos quando esta lei entrou em vigor.

Vejam, no entanto, a confusão a que conduz o preâmbulo da mesma lei. (É certo que o preâmbulo não faz lei, mas é o seu primeiro elemento de interpretação. No preâmbulo o legislador expõe o seu objectivo ao legislar, no preâmbulo, dão-se os tópicos, as notas fundamentais e o objectivo da lei que vai concretizar-se no articulado).

Vejam o que diz o preâmbulo do Decreto-Lei n.º 330/81 de que estamos a ocupar-nos: «Faculta-se ainda aos inquilinos e senhorios, ainda, se assim o entenderem, o recurso às avaliações fiscais extraordinárias para a correcção de eventuais desajustamentos entre os valores obtidos através das actualizações e os julgados mais justos e razoáveis».

Como se vê fala-se aqui em «desajustamento entre os valores obtidos através das actualizações e os julgados mais justos e razoáveis».

Ora as actualizações havidas neste preâmbulo não podem ser outras senão as previstas no Art. 2.º e que são as que têm por base um coeficiente a determinar por portaria anualmente até 31 de Outubro de cada ano, para vigorar no ano civil seguinte.

Assim sendo, parece chegar-se a uma conclusão absolutamente oposta à primeira: o legislador teria querido actualizar as rendas segundo o coeficiente

anual e ainda permitir o recurso a avaliações fiscais extraordinárias para correcção de eventuais desajustamentos entre os valores obtidos através das actualizações e os julgados mais justos e razoáveis.

Em que ficamos, finalmente?

Há lugar a uma só avaliação fiscal para actualização das rendas que à data da entrada do diploma em vigor tivessem mais de cinco anos, ou haverá mais avaliações fiscais extraordinárias e sempre que se verifique desajustamento entre os valores obtidos através das actualizações e os julgados mais justos e razoáveis?

Poderá continuar a dizer-se que o preâmbulo da lei não faz lei. Que só o articulado é lei. Mas a verdade é que a confusão existe e as interpretações nos dois sentidos surgem. E não venha dizer-se que toda a gente faz interpretação confusa e que apenas o legislador soube dizer com clareza o que pretendia e através de que meios. A verdade é que o legislador se viu obrigado a emendar, esclarecer, arranjar esta lei por diplomas posteriores. E ficou ainda obscura.

Poderá ainda vir dizer-se que o preâmbulo não foi devidamente cuidado e que se deixou passar nele a hipótese de avaliações fiscais extraordinárias sempre que houvesse desajustamento entre os valores obtidos através das actualizações e os julgados mais justos e razoáveis.

Em coisas de tamanha importância e de tamanha gravidade não pode pôr-se no papel aquilo que não se queria que lá ficasse ou não se pode deixar ali o que se queria riscar e que não chegou a riscar-se. E ninguém pode esquecer-se de que o preâmbulo, muitas vezes, é mais importante para descobrir a «mens legislatoris» e até a «mens legis» do que o próprio articulado.

Pensamos não ser abusiva a crítica que fica feita.

ponto a ponto

O representante permanente de Portugal junto da OCDE, **Pedro Roseta**, foi eleito presidente do Comité de Ligação daquela organização internacional com o Conselho da Europa, informou o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O Comité de Ligação tem funções na coordenação da informação recíproca e das actividades da OCDE e do Conselho da Europa.



MÁRIO Soares, Rui Mateus e Jaime Gama receberam, ontem, na sede nacional do PS, uma delegação do Centro de Estudos Jorge Town, encabeçada pelo antigo embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, **Richard Bloomfield**.

A delegação do instituto norte-americano encontra-se em Portugal a convite do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais.

Durante a reunião, foi passada em revista a situação política nacional e abordados temas internacionais como o diálogo Leste-Oeste, a América Latina, África e Médio Oriente.

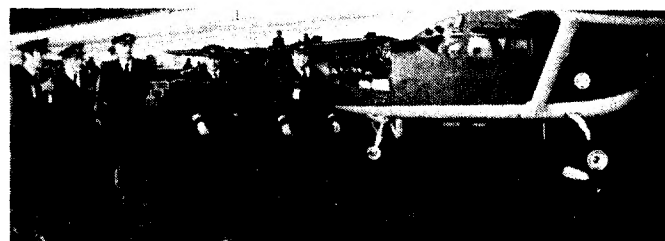


O chefe de Estado-Maior do Exército, **general Garcia dos Santos**, apresentou, ontem, no Funchal, cumprimentos ao ministro da República, Lino Miguel.

Terça-feira, Garcia dos Santos apresentara cumprimentos ao presidente da Assembleia Regional, Emanuel Rodrigues.

O CEME manteve, ontem, reuniões de trabalho com comandos das unidades militares da região.

A visita de Garcia dos Santos ao arquipélago insere-se, como explicou, no quadro das deslocações que tem efectuado a outras regiões do País para trocar impressões sobre os problemas que, actualmente, se põem ao Exército.



O chefe do Estado-Maior da Força Aérea, **general Lemos Ferreira**, deslocou-se, ontem, à **Base Aérea n.º 2**, na Ota, a fim de efectuar uma visita de trabalho. Esta visita, a primeira deste ano, prolongou-se por todo o dia e teve como objectivo proporcionar ao CEMFA um contacto directo com os problemas gerais da unidade nos diversos níveis e, ainda, inteirar-se da actividade do Centro de Instrução n.º 2 (CI-2) que funciona naquela base aérea e que é responsável, entre outras, pela formação de oficiais técnicos e cabos especialistas e, ainda, oficiais e sargentos para o Quatro Permanente da Força Aérea.

COMANDANTES das unidades e directores dos estabelecimentos militares da Região Militar do Norte (RMN) reuniram-se, ontem, no Hospital Militar Regional do Porto.

Presidiu a esta reunião de trabalho o comandante da RMN, general Mário Delgado.

Um oficial do quartel-general que participou na reunião disse que «foram tratados assuntos de rotina, aspectos internos das unidades e estabelecimentos militares».

A mesma fonte acrescentou que reuniões desta natureza «são habituais e periódicas e efectuam-se, bimestral e rotativamente, em unidades e estabelecimentos militares da região».



O gabinete do Primeiro-Ministro confirmou que Pinto Balsemão oferece, sexta-feira, um jantar ao seu homólogo da Guiné-Bissau, **Vitor Saude**, como ontem foi noticiado, nesta secção.

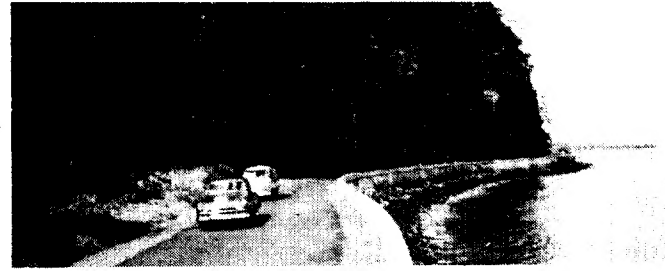
O jantar será na residência oficial do chefe do Governo, em São Bento, poucas horas depois da anunciada chegada a Lisboa do chefe do Governo guineense, que passa dois dias em Portugal a caminho de uma visita à Jugoslávia e à Itália.

Entretanto, na tarde de ontem, o Presidente Ramalho Eanes reuniu-se com os diversos elementos da comitiva que, em Dezembro, o acompanhou à Guiné-Bissau e à Argélia, a fim de efectuar uma retrospectiva e um balanço da viagem.

O Executivo açoriano esclareceu, ontem, ter adjudicado à empresa Norma-Consultar apenas os trabalhos de planeamento, coordenação, controlo e fiscalização da empreitada de construção do molhe Sul da Praia da Vitória (Terceira).

O esclarecimento do Governo Regional vem na sequência de uma notícia veiculada por alguns órgãos de Comunicação Social, de que a empreitada do molhe estaria, totalmente, a cargo daquela empresa continental.

A nota oficial adianta que o processo de adjudicação está, ainda, em fase de análise.



O presidente da Assembleia Popular Nacional de São Tomé e Príncipe, **Alda do Espírito Santo**, chega hoje a Lisboa.

Alda do Espírito Santo, membro do Bureau Político do Comité Central do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe, deverá seguir para Cabo Verde sexta-feira de madrugada.

A visita da poetisa à Cidade da Praia, incide com a de numerosos outros intelectuais de diversos países, convidados para o simpósio internacional, que assinala, entre os dias 17 e 20, o décimo aniversário do assassinio de Amílcar Cabral, fundador do PAIGC.

No sentido da fidelidade ao 25 de Abril (conclusão)

António de Sequeira Zilhão

AGORA importa fixar — apesar de tudo, apesar de todos os atrasos e perdas de velocidade — que, em Abril de 1976, da Constituinte acabou por sair uma CONSTITUIÇÃO progressista, assente em princípios, bases e vectores normativos bem adequados à justiça social e à orientação incubadora de uma sociedade democrática e socialista.

Só que, logo depois, se evidenciou o propósito de a não cumprir cabalmente na concretização de todos os seus aspectos fulcrais (e já houve ocasião, por várias vezes, de nestas colunas do «D.L.» de assinalar como é vão e não pertinente o assacar-se à Constituição a responsabilidade pelos males da crise multifórmica que afecta e envolve o País).

Uma revisão da Constituição (e dúvidas podem manter-se sobre se a revisão foi constitucional...) veio a ter lugar há pouco tempo. Revisão que, sem a destruir — como terá sido a inicial intenção da chamada AD — algo a atingiu na firmeza das suas traves mestras e na viabilidade e operacionalidade das suas directrizes fundamentais. Entretanto, muito nela subsiste de válido e de «incomodativo» para as forças de regressão...

Continuemos fiéis à Constituição de Abril que, na sua inteireza e tessitura — embora sempre aperfeiçoável, técnico-juridicamente — deve resistir a esta ou àquela mutilação que lhe foi desferida.

Está-se em face da crise que

é do País — crise económico-financeira, crise moral, crise cultural e crise de governo —, com lados específicos e próprios; mas que se encontra também contextualizada na crise geral do mundo contemporâneo. Mais designadamente está ligada à crise de governo a crise da coligação de direita AD; AD que, a todo o transe, pretende prosseguir instalada no Executivo, isto é, na direcção político-administrativa do Estado, depois dos seus evidentes fracassos, da sua relativa desintegração e, portanto, depois de tão más provas dadas.

A maioria parlamentar AD nunca correspondeu a uma bem demarcada maioria nacional determinável pela soma e classificação dos sufrágios do eleito. Isto, não obstante as abusivas manipulações da opinião pública, que ostensivamente a favoreceram. Isto, ainda muito menos após as eleições presidenciais de 7 de Dezembro de 1980; e, também ainda muito, muito menos após o conhecimento dos resultados escrutinados das recentes eleições autárquicas (de 12 de Dezembro último).

Mas a AD, assumindo-se como pretensa mandatária da Nação, quer agarrar-se ao Poder — pelo menos até 1984, isto é, até completar a legislatura. Apesar da sua desagregação interior, ensaia a formação de um novo governo AD e procura afastar a saída clarificadora resultante de uma necessária e antecipada consulta eleitoral para a renovação, sim, da Assembleia da República e correspondente Legislação. Consulta que, como é óbvio, deve ser conduzida com um Governo de gestão que ofe-

reça garantias inofensíveis de idoneidade, de isenção e de objectividade em face do pluralismo das forças políticas.

É curioso como, perante a referida decomposição interior da AD, pelos seus próceres é intensificado o recurso ou a hipótese de recurso ao aproveitamento e promoção de indivíduos ligados às responsabilidades políticas dos tempos do «antigamente».

E procura-se, de algum modo, segundo a locução popular, «fazer andar o carro adiante dos bois», quando se pré-indigita partidariamente o homem que deve ser indigitado pelo Presidente da República, para assumir o cargo de Primeiro-Ministro, e quando se vai falando do futuro governo, seu elenco e suas características; como se ao Chefe do Estado devesse ser colocado o facto consumado — irrecusável — de uma proposta, toda feita, de solução, aliás laboriosa..., que se lhe apresenta depois de previamente concertada e ultimada na desqualificada AD.

Então como é?

Fez-se o 25 de Abril. Está-se a querer proceder à consolidação do contra-25 de Abril?

Homens que hibernaram após o 25 de Abril emergem do passado antidemocrático que serviram e parecem ser ressuscitados politicamente, alcançando-se, de novo, a lugares de comando. Serviram antigamente e servem agora nesta democracia?

São desconsiderados, marginalizados, prejudicados, diminuídos e até enxovalhados, mui-

tos dos que se bateram pela derrota e pelo derrubamento do fascismo, dos que prepararam e fizeram o 25 de Abril e que se lhe mantiveram fiéis. Trata-se da desforra dos vencidos então, mas que nos atormentaram durante decénios?

E, ao mesmo tempo, será admissível que alguns verdadeiros democratas, com um inegável crédito histórico de atitudes corajosas e resistentes, na vigência do fascismo, passem a esquecer-se de que o preâmbulo, muitas vezes, é mais importante para descobrir a «mens legislatoris» e até a «mens legis» do que o próprio articulado.

Pensamos não ser abusiva a crítica que fica feita.

Finalmente: o Presidente da República, que em 7 de Dezembro de 1980 foi reeleito contra as proposições e os desígnios da AD, terá agora de aceitar as pressões de subsistência reaccionária dessa mesma AD, que já naquela data foi batida e que recentemente voltou a sê-lo?

Fecham-se estas notas retomando a evocação das gerações da resistência e da unidade antifascistas.

Aqueles que a elas pertencem — embora porventura já distantes da sua idade juvenil — não desejariam, na verdade, ficar desenganados perante o 25 de Abril traído. Porque hoje, como nunca — e respeitando, até, a memória dos que caíram ao longo dos tempos da resistência — hoje como nunca é preciso ser-se fiel ao 25 DE ABRIL, ao seu espírito essencial, na trajectória para uma Democracia avançada do ponto de vista político, económico e cultural.

Defende Eanes

Relações de Portugal com África e com a Europa relacionam-se

O Presidente Ramalho Eanes afirma que os contactos com a África e com a Europa são particularmente importantes no conjunto das relações externas portuguesas.

«O país assume maior importância na Europa devido às suas relações com a África e ganha maior peso nos contactos com a África na medida em que se integra na Europa», declarou o Presidente numa reunião de três horas e meia que manteve, no Palácio de Belém, com a comitiva que, em Dezembro, o acompanhou à Guiné-Bissau e à Argélia.

«Há que fazer com que as aberturas conseguidas possam ser constantemente exploradas», disse Eanes, que sublinhou serem inteiramente diferentes as situações de Portugal em relação a um e a outro dos dois países africanos visitados.

«Devemos apoiar a estabilização da Guiné-Bissau e a Secretaria de Estado da Cooperação e Desenvolvimento deve conseguir apoios ao investimento português no mercado guineense», acentuou também o Presidente, que destacou o entendimento havido entre a parte política, a empresarial e a da Comunicação Social, durante toda a viagem do mês passado.

«Os resultados obtidos ficam a dever-se a todos, mas

especialmente ao ministro da Indústria, Bação Horta, e ao secretário de Estado da Cooperação, Luís Fontoura» — sublinhou o Chefe de Estado.

«Nas relações com a Argélia, como aliás nas relações com outros países, há que manter uma perseverança que muitas vezes não temos tido», disse, por seu turno, Bação Horta, que anunciou para o fim do primeiro trimestre de 1983 a próxima reunião da Comissão Mista Luso-Argentina.

No âmbito de tal Comissão, passam a existir as subcomissões de Habitação e Obras Públicas, Hidráulica e Agricultura e Energia, as duas primeiras especialmente do interesse de Portugal e a última por conveniência da Argélia.

Ainda antes de se reunir a Comissão Mista, irão à Argélia, provavelmente no mês de Fevereiro, duas missões de empresários portugueses: uma na área da Habitação e Obras Públicas e outra no campo da Hidráulica e Agricultura — anunciou o ministro da Indústria, Exportação e Energia.

Por outro lado, passa agora a funcionar em Lisboa um gabinete da Argélia, pelo qual o Ministério da Indústria e o Instituto do Comércio Externo (ICEP) pretendem canalizar toda a aproximação entre industriais e comerciantes de

Portugal e o Mercado argelino.

«Portugal prepara cidadãos da Guiné-Bissau para o desenvolvimento desse país, tem nos seus estabelecimentos de ensino superior 220 estudantes guineenses, apoia a escola de Direito de Bissau e por muitas outras formas está a cooperar com o mesmo Estado», recordou por seu turno Luís Fontoura.

A pescas, as madeiras, o caju e as cervejas são alguns dos sectores pelos quais passa a cooperação luso-guineense — lembrou também o secretário de Estado da Cooperação, no dizer de quem «é do interesse de Portugal favorecer os interesses da Guiné-Bissau».

Outro dos participantes no encontro de Belém, o director da Escola Nacional de Pesca, almirante Garcez de Lencastre, destacou, na sua intervenção, que Portugal poderia ajudar preservar o património cultural de Bolama, «única cidade colonial preservável do mundo, estagnada desde a década de 30».

Quanto aos diversos empresários integrados na comitiva presidencial, fizeram o relato dos contratos assinados, das dificuldades eventualmente encontradas e das perspectivas para o futuro, na sua realocação com a Guiné-Bissau e com a Argélia.

Sociais-democratas já perderam a paciência?

Pouco empenhamento do CDS afundou constituição do Governo

Um ambiente de crise permanente está a instalar-se nas relações entre o CDS e o PSD, enquanto os dois principais parceiros da AD tentam formar o IX Governo Constitucional. As últimas quarenta e oito horas foram férteis em pequenos incidentes que tomam forma e depois desfazem-se, ao mesmo tempo que correm com cada vez mais insistência rumores de que o Presidente da República não vai aceitar o Executivo liderado por Vítor Crespo.

ONTEM de madrugada — às 4.30 — depois de uma reunião da Comissão Directiva do seu partido, Luís Barbosa, que tem sido o centrista empenhado nas negociações para a formação do Governo, telefonou a Vítor Crespo para casa deste, e revelou que estava pronta a lista de candidatos a ministros preparada pelo CDS. O PSD foi de imediato informado e a lista aceite, supondo-se que dela fariam parte, pelo menos, um dos vice-presidentes do CDS, provavelmente Sá Machado, como ministro da Cooperação.

Na manhã de ontem, poucas horas passadas, portanto, Basílio Horta alterava tudo. Em contacto com Pinto Balsemão, Horta, que tem sido particularmente instável nesta crise política, afirmava que nenhum vice-presidente do CDS teria assento no Executivo Vítor Crespo. Estava fora de causa!

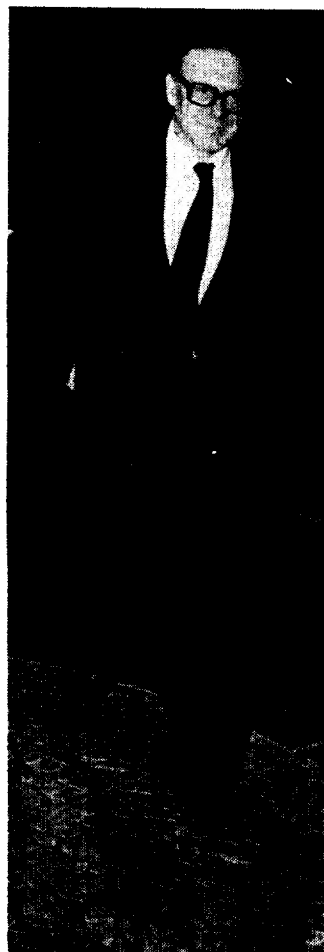
Esta informação, que desorientou completamente os sociais-democratas, foi depois confirmada pelo mesmo Basílio Horta em almoço que teve com o Primeiro-Ministro demitido, Pinto Balsemão.

Logo ao princípio da tarde, a Comissão Política do PSD reúne de emergência, ao mesmo tempo que os centristas convocam uma «reunião permanente» da sua Comissão Directiva para discutir outra vez os termos da sua participação no Governo.

A entrada para a reunião do PSD, ainda Amândio de Azevedo, indigitado ministro para os Assuntos Parlamentares, afirmava que «ignorava quaisquer novas dificuldades no processo» de formação do Governo.

Na sede do PSD, o ambiente adensa-se quando se confirma que o CDS pretende um empenhamento mínimo no Executivo, ao mesmo tempo que reclama para um militante seu a pasta da Cooperação, que seria separada do Ministério dos Negócios Estrangeiros. De imediato Futscher Pereira afirma-se indisponível para aceitar o lugar de ministro, enquanto Luís Fontoura afirma a Vítor Crespo que não será secretário de Estado da Cooperação, se Sá Machado for o responsável pelo pelouro com o nível de ministro.

Na sequência do debate havido na Comissão Política do PSD, Balsemão envia uma carta a Basílio Horta. Qualificada por alguns observadores como sendo um ultimato, a carta é definida por António Capucho, em declarações feitas depois da reunião terminar, às 22.15, que ela é, antes, um «apelo ao CDS, porque é urgente a formação do novo Governo». Informações que transpiram dos bastidores dão conta que os dirigentes do PSD estão particularmente irri-



Vítor Crespo: à procura de saída...

tados com a volubilidade das posições centristas, onde não se sabe quem manda, nem por quanto tempo as decisões tomadas se mantêm efectivas.

De qualquer maneira, à uma da manhã de hoje, o CDS aprova, finalmente, a sua lista de ministros, enquanto que os líderes do PSD já afirmam que a presença de um vice-presidente do CDS não é imprescindível para provar o empenhamento dos centristas no IX Executivo.

Capucho diz, expressamente, que ela é «desejável», mas não é «nem uma exigência absoluta, nem um pretexto para a inviabilidade». Mas vai advertindo: «Não aceitamos contínuos do Caldas». E sublinha que «qualquer fracasso na constituição do Governo é da responsabilidade deles».

Ao princípio da madrugada de hoje, a situação parecia, pois, finalmente, mais clara. O CDS tem pronta a sua quota-parte na equipa governamental, excepto no que à pasta da Justiça se refere. Luís Barbosa deveria ir, hoje de manhã, contactar com um juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

A representação governamental centrista seria, ausentes os vice-presidentes, da «arraia miúda», mas de qualquer maneira, existia.

O percalço em que a crise tropeça era, no entanto, esperado. Os centristas devem ter exagerado na pouca qualidade dos seus ministros e indicaram, como responsável para a pasta da Reforma Administrativa, o deputado e advogado Narana Coissoró, considerado um homem demasiado conservador, ou mesmo fascista.

Foi demais para o PSD, que considerou essa indicação como uma provocação pessoal feita ao candidato a Primeiro-Ministro.

Falta, agora, saber se Narana Coissoró foi a gota de água que fez transbordar a taça da paciência social-democrata. Ou da paciência do general Ramalho Eanes.

**MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO, MÁQUINAS
E 500 m² DE DIVISÓRIAS DE 38 GABINETES**

IMPORTANTÍSSIMO

LEILÃO

**SÁBADO E 2.ª-FEIRA, DIAS 15 E 17 DO CORRENTE
DAS 15 ÀS 19 HORAS
NA RUA CASTILHO, N.º 75-5.º EM LISBOA**

MODERNÍSSIMO MOBILIÁRIO em aço, na sua maioria, «FOC», «LONGRA» e «SEEL» e em madeira «OLAIO», além de máquinas, utensílios e divisórias, que dividiam 38 gabinetes, para ser vendido pela MAIOR OFERTA, sem base de licitação e cujos bens dados a inventário passamos a descrever:

Invulgar SALA DE CONFERÊNCIAS, com extraordinário conjunto de estantes e mesa de reuniões de grandes dimensões, em pau-santo c/ 12 fauteuils estofados, bom gabinete FOC em pau-santo dos últimos modelos, além de gabinetes LONGRA, secretárias em aço c/ tampos em madeira e termolaminado, c/ div. grupos de gavetas e com ângulo, também de dactilógrafa, fauteuils e cadeiras em aço, fixas e rotativas c/ e s/ rodízios, estantes dos mais variados modelos e tamanhos (LONGRA, SEEL e «OLAIO»), algumas c/ portas de correr em vidro. Balcões em madeira c/ prateleiras, estantes para arquivo com diverso número de prateleiras, armário-vestiário, ficheiros em aço de secretária e chão, bancadas em aço c/ rodízios, para ficheiros, cabides de chão cromados, estores de lâminas, mesas de apoio a secretária e reuniões em aço, armários-ficheiros próprios para máquinas, recipientes para papéis e toalhetes, cinzeiros pé alto, bom conjunto de sala em cabedal, etc.

MÁQUINAS E DIVERSOS: Máquinas de escrever, calcular, somar, mecânicas e electrónicas, de cintar embalagens e fotocópias, c/ destaque para fotocopiador electrostático e também 500 m² aproximadamente de divisórias anodizadas e envidraçadas e com placas de madeira, formando 38 gabinetes, e respectivas portas envidraçadas.

NOTA: Devido ao estado impecável de todo este conjunto de mobiliário, chamamos a atenção dos nossos habituais clientes e amigos, para esta invulgar almoceda.

EXPOSIÇÃO: AMANHÃ DAS 15 ÀS 18 h 30 E SÁBADO DAS 10 ÀS 13 HORAS

TRATA E INFORMA:



SOC. DE LEILÕES
AV. CASAL RIBEIRO, 17A e B
Telefs. 532929-546869
1000 LISBOA - PORTUGAL

NOVA ALIANÇA, Lda.

O Governo que não chegará a existir...

Primeiro-Ministro — Vítor Crespo (PSD)
Ministro de Estado e da Defesa — Luís Barbosa (CDS)
Negócios Estrangeiros — Futscher Pereira (independente)
Educação — Esperança Pina (independente)
Finanças — Alípio Dias (PSD)
Administração Interna — Mário Adegas (PSD)
Assuntos Parlamentares — Amândio de Azevedo (PSD)
Assuntos Sociais — Oliveira Dias (CDS)
Coordenação Económica — Viana Baptista (PSD)
Habitação e Obras Públicas — Eugénio Nobre (PSD)
Indústria e Comércio — Bação Horta (CDS)
Trabalho — Luís Morales (PSD)
Reforma Administrativa — Narana Coissoró (CDS)
Agricultura e Pescas — Soares Costa (PSD)
Cultura — Gomes de Pinho (CDS)
Qualidade de Vida — Serra e Moura (PPM)
Transportes e Comunicações — Abílio Rodrigues (PSD)
(Falta preencher a pasta da Justiça com um nome a indicar pelo CDS)

Basílio Horta
na "Folha
do CDS"

**"A
mediocridade
só interessa
aos
mediócras"**

Basílio Horta, na "Folha do CDS" de ontem afirma que «o equilíbrio para a manutenção do transitório só serve para tornar mais difícil e mais distante o acolhimento das soluções sérias e definitivas».

Numa mensagem dirigida aos militantes do partido com data de ontem, o vice-presidente do CDS diz que Freitas do Amaral tem «toda a razão em não querer avaliar com a sua presença um Governo que, tem muito pouco a ver com a vontade maioritariamente expressa pelo eleitorado em duas eleições sucessivas».

«Freitas do Amaral tem ainda razão ao não querer assumir a ruptura da Aliança Democrática por acreditar que a transfiguração, se bem que difícil, poderá ainda ser possível» — refere Basílio Horta.

O vice-presidente do CDS, recordando «a profunda preocupação» que domina o partido e as «interrogações sobre o futuro» garante que «a estabilidade da mediocridade só interessa aos mediócras».

Basílio Horta afirma que «a demissão de Freitas do Amaral não é um abandono e muito menos uma deserção, mas um acto de luta corajosamente assumido contra a mentira e a hipocrisia que corrompe a vida democrática portuguesa».

«Freitas do Amaral tem razão ao afirmar que esta não é a AD que com Sá Carneiro e Amaro da Costa fundou» — diz o dirigente.

No documento apela-se para o conjunto dos militantes e simpatizantes que «acreditam e se reclamam do projecto da AD» para encontrar «forças para resistir e vencer».

«O País está num estado de profunda crise, a todos os níveis, e exige que se pense mais nele e menos no poder» — considera Basílio Horta.

Afirmando que Freitas do Amaral garantiu estar ao lado dos democratas-cristãos, o texto conclui: «enquanto assim for, podemos estar confiantes de que o CDS não sofrerá desvios nem na sua linha programática, nem na sua política».

Depois do ultimato do PSD, entregue por um motorista...

CDS empenha-se a "meio-gás"

«O PSD reclama do CDS uma definição urgente quanto ao empenhamento efectivo e concludente na formação do Governo». O ultimato do PSD ao CDS, chegado ontem à noite à sede do CDS pela mão do motorista de António Capucho, não «caiu em saco roto». Saído do «não ata nem desata», o CDS pronunciava-se poucas horas depois. Mais ou menos assim: o nosso empenhamento é tão efectivo e concludente que não enviamos nenhum dos nossos vice-presidentes para o Governo.

A meio da tarde de ontem, fonte governamental, ligada ao PSD, confirmava ao «DL»: «os gajos (CDS) até já querem os Negócios Estrangeiros e a Secretaria de Estado da Cooperação, que querem elevar a Ministério».

A trama do filme tornava-se ainda mais nítida e, conforme o «DL» anunciava ontem em primeira mão, confirmava-se um volte-face de última hora nos acordos PSD/CDS.

Tudo terá começado na madrugada de ontem, em S. Bento, depois de acesso «desaguisado» na Comissão Directiva do CDS. Os vice-presidentes recusavam-se a participar no Executivo, Rui Pena, rejeitava em definitivo a pasta da Justiça, «há que assumir a ruptura» diziam uns, «temos que aproveitar esta última oportunidade de salvar a face (...) não podemos assumir o ónus da ruptura», diziam outros. Em suma, ninguém se entendia.

Eram 4,30 da manhã quando Luís Barbosa telefonava a Vítor Crespo dizendo-lhe que o CDS ainda não tinha o seu elenco formado e a exigir a pasta dos Negócios Estrangeiros e a Secretaria de Estado da Cooperação (Sá Machado), que o seu partido se propunha elevar a Ministério.

Por banda do PSD, ou melhor, de Vítor Crespo, a reacção não terá sido tão negativa como, à partida, se podia esperar. Havia na proposta do CDS «nomes aceitáveis». No entanto, e segundo fonte centrista revelava ontem ao «DL», «tudo ficou em águas de bacalhau».

O «espanto» de Sá Machado

Perante as dificuldades, as inversões de marcha, e dos «vovos ponderar» de alguns possíveis ministeriais centristas, o CDS marcava uma reunião da sua Comissão Directiva para às 16 horas de ontem.

Reunião que, ao que consta, e até pelo tempo que durou (cerca de 9,30 horas), «não foi isenta de alterações», já que Luís Barbosa

teria durante a madrugada tomado «posições sem consultar os seus pares».

Como vem sendo habitual, a cortina de silêncio que reina no Largo do Caldas dificultou a tarefa da Informação. Contudo, e à imagem do que vem acontecendo numa AD em agitação, quando um dos partidos da coligação se «fecha em copas», o outro encarrega-se de «esclarecer a situação».

Assim, via Buenos Aires, chegava um manancial de notícias que, com maior ou menor dificuldade, iam sendo confirmadas.

Sá Machado, por exemplo, numa breve conversa com os jornalistas em que praticamente nada disse, mostrou amiúde o seu espanto pelo «conhecimento» que os jornalistas tinham de algumas questões. Colocado perante a notícia de que Futscher Pereira e Luís Fontoura tinham comunicado a Vítor Crespo não aceitarem continuar no Governo, caso o CDS retirasse a Secretaria de Estado da Cooperação ao MNE, Sá Machado recuava visivelmente: «Aceito perfeitamente a ideia de que tirar a Cooperação aos Negócios Estrangeiros equivale a esvaziar este Ministério de algumas das suas prerrogativas» — diria em substância.

Só falta um titular

Luís Beiroco e Oliveira Dias saíram entretanto da reunião da Comissão Directiva do CDS. Sem prestarem declarações e com ar de «caso». Horas depois regressavam, tal como tinham partido: fisionomias preocupadas e silenciosas.

Aproximavam-se os ponteiros das 22 horas quando entra no Largo do Caldas o motorista de António Capucho com um envelope na mão. Era o ultimato de Pinto Balsemão ao CDS: «Decidam-se!».

Posteriormente, e através da rádio e do telefone, tinha-se conhecimento do comunicado saído da Comissão Política do PSD reclamando ao CDS «uma definição urgente quanto ao seu empenhamento efectivo e concludente na formação do novo

Governo».

Finalmente, cerca da 1 hora da manhã, e após uma retirada silenciosa e «sem comentários» de Lucas Pires, os conselheiros centristas davam por terminada a reunião.

Luís Barbosa anunciava desde logo que nenhum dos vice-presidentes faria parte do Governo Vítor Crespo. Informava em seguida que o CDS ocuparia as pastas que lhe tinham sido inicialmente atribuídas — Cultura, Defesa, Justiça, Indústria e Comércio, Assuntos Sociais e Reforma Administrativa —, e acrescentava: «Os nomes dos respectivos titulares já foram comunicados verbalmente ao presidente do PSD».

Luís Barbosa frisava também que, «quanto à pasta da Justiça, ainda não está formalizado o nome do seu titular».

Interrogado pelo «DL» sobre a possibilidade da Secretaria de Estado da Cooperação ser subtraída ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e passar a ser dirigida por um centrista, Luís Barbosa confirmou ter havido «uma análise desse problema, que depois foi abandonada».

Referindo-se ao ultimato do PSD, Luís Barbosa que não o encarou como tal, afirmou haver no CDS «empenhamento efectivo e concludente» na formação do futuro Executivo.

Por último, e antes de se embrenhar na noite fria, o futuro ministro da Defesa centrista de um Governo que ninguém sabe se alguma vez entrará em funções (faltam 48 horas para a «sentença» de Belém!), alegou desconhecer o teor do comunicado da Comissão Política do PSD.

Mesmo que o conhecesse, e tudo indica que sim, nada seria alterado. Apesar dos ultimatums dos motoristas-emissários, o CDS optaria sempre pelo «empenhamento efectivo e concludente» no Governo Vítor Crespo. Tão «efectivo e concludente» que nenhum vice-presidente centrista ou figura do partido com peso institucional aceitou a «grata» tarefa de o integrar.

Manuel Anta

ao telefone com



**NARANA
COISSORÓ**

**«De extrema
direita, eu?»**

**Isso é uma provocação
das fontes do PSD...**

A indicação de Narana Coissoró para a pasta da Reforma Administrativa foi considerada por fontes do PSD como «provocação» do CDS, atentando a uma alegada «conotação de extrema-direita» desta personalidade — noticiaram esta manhã a RDP-1 e a ANOP.

Além disso, com o dr. Narana Coissoró demos-lhe conta de tão inusitadas declarações das fontes do PSD. A resposta não se fez esperar:

«Tenho a certeza que no PSD ninguém diria isso, ninguém me faria essa injúria».

Mas a verdade é que isto veio a público. E não deve ser invenção dos jornalistas, que diabo...

«Não acredito que tenham dito isso que me está a relatar. É uma provocação que essas fontes me estão a fazer».

Bem, deixando esse aspecto. Perante o espectáculo a que estamos a assistir — há até quem diga que é melhor que as telenovelas «Baila Comigo» e «Cabocla» — que é que vai acontecer? Que vai seguir-se? Haverá mesmo Governo?

«O Governo vai fazer-se. Mas será um Governo de coligação. Pelo menos está a assumir uma natureza clara de coligação de dois partidos e já nada, ou quase nada, tem a ver com o projecto original da AD».

A sério?

«Da maneira como estão a ser conduzidas as coisas o que está a fazer-se é um Governo da responsabilidade do PSD com alguns ministros indicados pelos outros partidos da coligação».

Não acha que isso que me está a dizer justificaria, por si só, uma intervenção clara de Belém no sentido de eleições gerais antecipadas?

«Não sei o que poderá vir a fazer Belém. Sei, isso sim, que aquilo que o prof. Freitas do Amaral disse na sua mensagem de despedida — a posição assumida pelo PSD não corresponde ao projecto inicial da AD, que como sabe era um projecto de mudança e não apenas de coligação — está a confirmar-se cada vez mais. A análise da actual situação no quadro da AD, pedida pelo CDS, não foi feita. E nós não deixaremos de reivindicar que seja feita».

Insisto com a questão de Belém. Não considera que o mais provável, perante tudo o que se está a passar, é que o PR venha a dissolver a Assembleia e a marcar eleições antecipadas?

«Belém tem poderes constitucionais para isso. O senhor Presidente da República não exorbitará dos seus poderes se depois de uma análise ponderada da situação que certamente fará, vier a optar pelas eleições antecipadas».

Ribeiro Cardoso

assembleia da república

Os mais pequenos são os que falam mais e faltam muito menos

Os grupos parlamentares na oposição e, destes, os mais pequenos, são os que intervêm com maior frequência nos plenários da Assembleia da República, conclui-se de estatísticas a que a ANOP teve acesso.

Esta tendência é confirmada pelos registos de intervenções nas 21 sessões do Parlamento que se realizaram em Outubro e Novembro. Os partidos da Aliança Democrática, os mais representados, não conseguiram atingir metade do total de oradores do conjunto daqueles que se lhes opõem.

Sociais-democratas, democratas-cristãos e populares-monárquicos falaram por 117 vezes na Assembleia, enquanto socialistas, comunistas e representantes dos pequenos partidos, ASDI, UEDS, MDP e UDP, o fizeram 321.

Dos quatro maiores grupos parlamentares, o mais activo nesta área foi o do PCP, com 95 intervenções, seguindo-se o PS com 62, o PSD com 57 e o CDS com 34.

Das outras formações, o PPM contraria em certa medida as regras do jogo parlamentar, porquanto, apesar de pertencer à maioria, teve um papel dominante nos plenários, com um total de 26 intervenções, 20 das quais em Novembro.

Ficou, no entanto, aquém

dos outros pequenos grupos — ASDI, 49, MDP 45, UEDS 38 e UDP 32.

A partir de 19 de Outubro, a Assembleia reuniu-se 21 vezes em plenário e a média de duração das sessões foi de quatro horas.

Em quatro delas (21 e 22 de Outubro, e 3 e 5 de Novembro), todas antes da eleição do novo presidente da AR, as reuniões tiveram duração inferior a duas horas.

As faltas dos deputados quase atingiram as oito centenas, numa média aproximada de 35 por tarde. Em quatro sessões (22 de Outubro, 5, 16 e 19 de Novembro), o plenário contou com menos de 200 deputados, o que significa que mais de 50 não apareceram.

MDP (dois parlamentares) e UDP (um) são os únicos partidos que tiveram sempre as suas bancadas completamente ocupadas. No PSD (82 deputados) verificaram-se 258 ausências no PS (66) 254, no CDS (46) 131, no PCP (39) 78, no PPM (seis) 11, na ASDI (quatro) 16, na UEDS (quatro) 14.

No mesmo período, a mesa da Assembleia recebeu 17 projectos de lei dos deputados, todos em Novembro, e três propostas de lei do Governo (duas em Outubro, uma em Novembro). Também foram apresentados duas centenas de requerimentos.

A Oposição depois da noite de insónias da AD

Todos querem mesmo eleições

Os acontecimentos desta noite ultrapassaram tudo quanto os partidos de oposição poderiam esperar no processo de decomposição da AD. Entre o Largo do Caldas e a Rua de Buenos Aires os estafetas não tiveram mãos a medir, transportando cartas e mensagens, e por último fim um ultimato do PSD ao CDS que este partido encaixou o melhor que pode.

Como reagiram a esta noite agitada os partidos de oposição que vêm reclamando eleições uma vez que elas parecem finalmente inevitáveis?

Tengarrinha (MDP):

O presidente do MDP/CDE, José Manuel Tengarrinha, declarou ao «DL» que o seu partido confirma ser impossível dentro da AD encontrar a proposta sólida e estável que o Presidente da República exige.

«Como tal isto confirma a nossa proposta de que a estabilização política do País só pode ser obtida com nova consulta ao eleitorado e a correlação de forças que daí sair.

Teríamos uma nova Assembleia da República em que o PSD e o CDS deixariam de ter a maioria, abrindo-se novas perspectivas de Governo com composições diferentes das actuais».

O MDP/CDE mantém e reforça a proposta de eleições gerais, não por razões de interesse partidário mas porque vê nelas a única saída para uma situação de caos.

Mas o que também não pode acontecer é que na eventualidade da dissolução da Assembleia da República, se mantenha este Governo em gestão.

Vitor Dias (PCP): «Só eleições»

«Mesmo antes das últimas e elucidativas peripécias e convulsões ocorridas dentro dos partidos da AD, já sobravam razões de monta e nacionais para a dissolução da AR», declarou por sua vez Vítor Dias,

do Comité Central do PCP e porta-voz da SIP daquele partido.

Mesmo que os partidos da AD conseguissem à última hora um qualquer arranjo, continuariam a sobrar razões para essa dissolução e para a convocação de eleições antecipadas.

«Não só porque a AD é responsável por constantes violações da legalidade, agravamento das condições de vida da população, desastre da economia nacional, submissão de Portugal ao estrangeiro e por um plano de subversão do regime democrático, como também porque lhe falta manifestamente base de apoio político e social que justifique a sua continuação no Governo».

Mas o PCP quer mesmo eleições antecipadas para já? Não é apenas uma estratégia?

«Ninguém pode ter dúvidas disso, o PCP reclamou eleições antecipadas, não há dois dias, mas praticamente desde há dois anos.

Jaime Gama (PS):

O dirigente socialista Jaime Gama ainda não estava esta manhã completamente ao corrente dos mais recentes pormenores sobre as lutas que se travaram no interior da AD durante a noite. Numa primeira apreciação considerou que a imagem pública e a imagem política que a AD está a dar ao País é «péssima» e que a condução do processo para a formação de novo Governo «mostra a debilidade política a que chegou a AD. Este processo negocial revela ainda da forma mais clara a necessidade de eleições».

Jaime Gama reafirmou que o seu partido está a tomar uma posição bem clara ao reclamar a dissolução da AR e que tal posição resulta de documentos internos. «Mais recentemente, na Comissão Nacional, isso foi posto claro como água. No nosso ponto de vista qualquer solução para enfrentar a crise só poderá encontrar-se nas eleições e na recomposição da Assembleia da República».

Augusto Vilela

*"Le Monde" chama-lhe
"racista" e "indigno"*

"Maire" de Toulon quer menos imigrantes em França

O «maire» de Toulon quer que a França expulse um milhão de trabalhadores. Maurice Arreckx, a que já chamam em França «racista» e «desavergonhado», afirmou há dias na cidade a que preside que «urge reduzir de um milhão o número de trabalhadores imigrados em França».

É o correspondente do grande diário parisiense «Le Monde» que o escreve na edição de terça-feira. Dando conta de que Arreckx, discursando na Assembleia da Associação «Toulon Avenir» (cidade que fica na zona da Côte d'Azur, a poucos quilómetros de Nice) perante 1800 associados, atacou os trabalhadores imigrantes no mais despuddorado tom reaccionário, afirmando — depois de ter feito o «balanço catastrófico» do Governo de esquerda, segundo ele — que «estamos inundados por eles. É preciso que o direito de asilo não se transforme em acolhimento dos desempregados do

mundo inteiro». Para o presidente da Câmara de Toulon, a «França deve recusar-se a ser o caixote de lixo da Europa».

Maurice Arreckx estava entre os seus, ao falar naquele tom na Associação «Toulon Avenir». Entre os (poucos) que fazem do racismo modo de estar no mundo. Todos eles aplaudiram, de pé, ainda segundo o correspondente de «Le Monde», a acção do presidente municipal («maire»), que prometeu, também, lançar «sobre a cidade uma rede que asfixiará os nossos adversários».

Num breve comentário à notícia, o prestigiado e audiente «Le Monde» recorda a Arreckx que os imigrantes, «entre outras tarefas sujas, aceitam despejar os caixotes de lixo», sublinhando que as suas declarações são «racistas e infamantes», «indignas do presidente da Câmara de uma grande cidade de França».

Médicos do Norte vão aderir à greve coordenada pela Ordem

PORTO, 13 — Oitenta por cento dos médicos da Zona Norte estão na disposição de participar numa eventual greve a convocar pela Ordem dos Médicos.

Esta posição pode ser entendida como «um desafio ao ministro demissionário Luís Barbosa», segundo o qual a «Ordem dos Médicos não tem legitimidade para convocar greves da classe» — afirmou um responsável por aquele organismo.

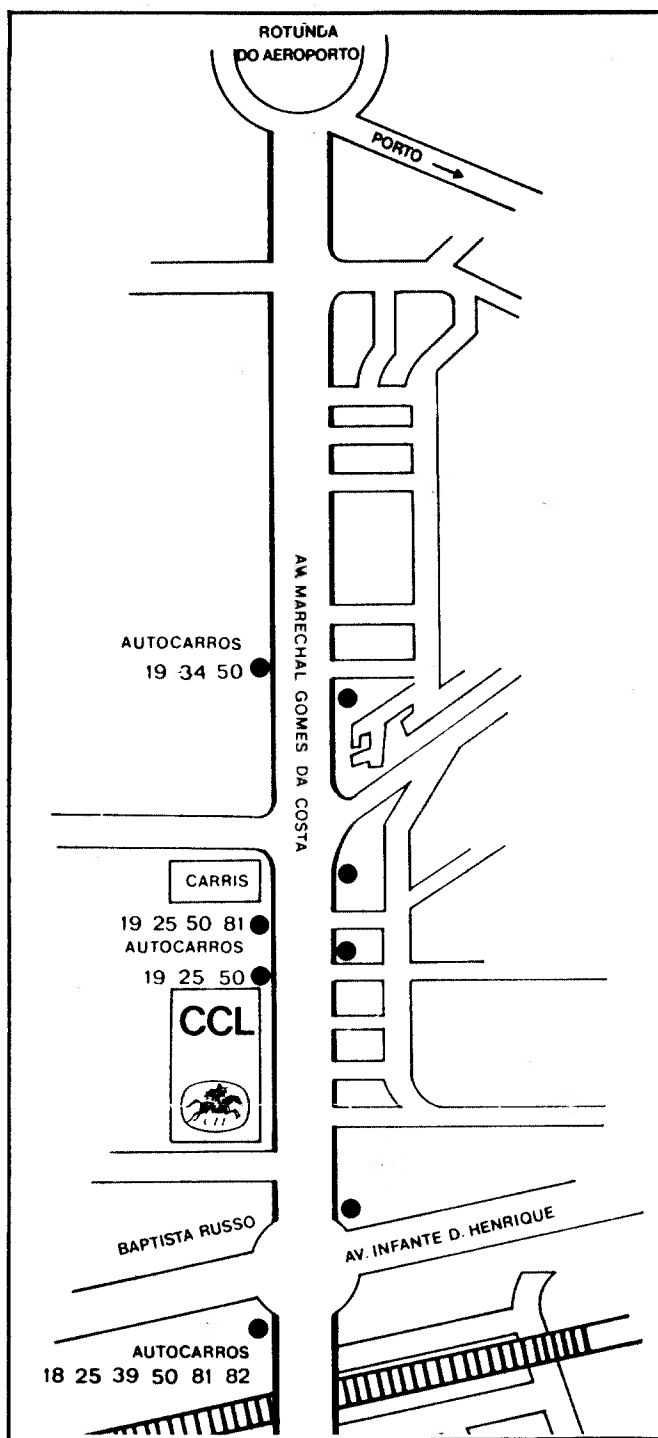
Guimarães dos Santos, presidente da OM, disse que «este Governo e esta equipa do MAS estão apostados na manutenção de um estado de guerrilha latente com os médicos, em especial

com a Ordem, pretendendo esvaziá-la do seu conteúdo».

Os médicos da Zona Norte manifestaram a sua discordância pela política que vem sendo desenvolvida pelo MAS e pela SES e pronunciaram-se a favor de uma radicalização das posições assumidas pela classe.

A Ordem exigiu ainda a imediata revogação da portaria 1103/82 (regulamento de concursos) e considerou a posição do MAS, não a consultando, uma violação da legislação do Serviço Nacional de Saúde, designadamente sobre gestão hospitalar.

Central dos Correios de Cabo Ruivo inaugurada no próximo dia 21



Decorridos cem anos após a primeira Central de Correios da cidade de Lisboa, que «morou» longo tempo na Calçada do Combro e depois no Terreiro do Paço, vai ser inaugurada a de Cabo Ruivo no próximo dia 21.

A mais moderna e sofisticada central de correios do País, por onde passam diariamente um milhão e meio de objectos postais diários, encontra-se dotada e sofisticada com equipamentos para tratamento automático de correio.

Em termos de investimento, este parque de máquinas representa, a preços correntes, cerca de meio milhão de contos.

Em 1891 passaram os serviços de tratamento para o Terreiro do Paço, para os andares inferiores do então Ministério da Fazenda.

Ficou pequeno «o Terreiro do Paço» para um volume de correspondência crescente: as cerca de 140 encomendas/ano dos finais do século XIX atingiram, 100 anos depois, os 3 milhões.

Os 20 milhões de correspondência anuais dessa época atingiram os 500 milhões actuais.

O Terreiro do Paço «reventava pelas costuras». A falta de espaço fez que o centro de tratamento se dispersasse, em Lisboa, por vários edifícios, alguns deles centenários e quase todos concorrentes para outros fins.

A evolução tecnológica, hoje generalizada aos mais diversos domínios da actividade humana, atingiu os serviços de correio.

Em países com grandes capitais tornava-se inoportuno manter exclusivamente as formas tradicionais de tratamento de correio.

Em Portugal, embora o volume de tráfego não seja comparável ao dos países mais desenvolvidos, a introdução do sistema automático começou também a impor-se em termos de melhoria geral da qualidade de serviço e de aumento de produtividade.

Foi assim, que, após vários anos de estudo sobre os métodos e sistemas a introduzir, os

CTT iniciaram o tratamento automático do correio em 1979, na Central de Correios do Porto, onde um complexo e vasto equipamento permitia que se comesse em Portugal a acertar o passo com os países mais desenvolvidos.

Cabo Ruivo é, de certo, o passo mais significativo e determinante deste processo de mecanização, já que é pela central de Lisboa que passa cerca de 75 por cento de todo o tráfego postal com origem ou destino a Portugal.

Para completar este sistema a nível nacional falta apenas pôr a funcionar o equipamento automático da Central de Correios de Coimbra, o que deverá verificar-se no próximo ano.

O processo de mecanização do correio envolve, além de vários equipamentos de apoio, um conjunto de máquinas de grande porte, que, genericamente, fazem três tipos de operações: a separação, faceamento e obliteração das correspondências, a sua indexação e, finalmente, a divisão por destinos.

Mas para mecanizar o tratamento de correio foi indispensável que se introduzisse um código que permitisse que as máquinas fossem utilizáveis. Mai o lançamento em 1978, do Código Postal.

Este novo procedimento, hoje adoptado em quase todo o mundo, foi introduzido, pela primeira vez, na República Federal da Alemanha, em 1961. As vantagens do sistema são reconhecidas por todas as administrações postais, que em número crescente têm vindo a pô-lo em prática.

Embora os sistemas adoptados por cada país não sejam exactamente idênticos, têm, no entanto, dois pontos comuns: criam as condições prévias para o tratamento mecanizado e automático do correio e facilitam e aceleram a divisão e entrega do correio nos destinos.

Deste modo, a correcta inscrição do código postal é hoje um elemento integrante e indispensável de qualquer endereço.

“Código de Jogo” espera discussão no Conselho de Ministros

O secretário de Estado do Turismo solicitou já o agendamento em Conselho de Ministros do «código de jogo» nos termos constitucionais, por envolver matéria penal e fiscal. A proposta de lei de Nandim de Carvalho, a submeter à Assembleia da República, preconiza a entrega integral do imposto do turismo ao respectivo Fundo, organismo

que actualmente recebe apenas 85 por cento daquele imposto.

Foram, entretanto, adjudicadas, provisoriamente, salas de jogo de bingo em Valença e em Viana do Castelo. Dos vários concorrentes que se apresentaram a concurso, em Valença, aquele que melhores condições apresentou foi a SOPETE Sociedade Poveira de Empreendimentos Turísticos — que se propôs a investir 50 por cento dos resultados líquidos apurados em cada exercício económico, a partir do segundo ano de exploração, em empreendimentos turísticos e em outras iniciativas no mesmo sector.

Os investimentos serão aplicados preferencialmente em Valença, em conformidade com as propostas que merecem a

anuência das entidades oficiais competentes e compreendem, prioritariamente, o reequipamento das Pousadas de S. Teotónio e de D. Diniz. A SOPETE foi ainda o concorrente escolhido em Lamego e em Ofir.

Quanto a Viana do Castelo, o vencedor do concurso foi a VERDITUR — Investimentos Turísticos da Costa Verde, cuja proposta contempla, para além do sector turístico, o desporto e a assistência social.

Entre o vasto programa de contrapartidas apresentado, destacam-se os quantitativos fixos anuais de 1250 contos para as associações de beneficência, bombeiros voluntários e outras colectividades, a distribuição de

1,5 por cento dos resultados brutos de exploração por actividades desportivas da região, a construção de duas piscinas de água salgada e a criação de um parque de campismo na região em local a indicar pela Comissão Regional de Turismo.

Em Castelo de Vide, apenas se candidatou a SOLBRASA — Sociedade de Restaurantes, Lda. integrada no «grupo Fernando Barata».

Além dos requisitos obrigatórios a proponente compromete-se a fornecer uma das refeições diárias principais, durante dois anos, aos internos do asilo dos cegos de Nossa Senhora da Esperança e a efectuar a lavagem das roupas utilizadas neste asilo durante cinco anos.

Bombeiro e estivador feridos no incêndio a bordo do “Muxima”

Um curto-circuito no camarote do imediato esteve na origem do incêndio que, ao fim da tarde de ontem, danificou seriamente o cargueiro «Muxima», da Companhia de Transportes Marítimos, atracado na altura no Cais da Rocha de Conde de Óbidos. No combate ao sinistro ficou ferido o estivador Fernando Rui Morais

dos Reis, de 30 anos, e um elemento do Batalhão de Sapadores Bombeiros que sofreu queimaduras ligeiras no rosto.

As isolas, reactivadas pelo material isolante, destruíram vários camarotes, a enfermaria e o bar do navio comprado há cerca de 20 anos na Alemanha Federal, juntamente com um indên-

tico, o «Congo» que fazia a rota do Brasil. O «Muxima», que agora terá de ficar imobilizado para reparações durante cerca de seis meses, chegara no sábado a Lisboa, depois de uma escala em Leixões, com um carregamento de algodão que recebera em portos do Brasil e da Argentina.



CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES NOTIFICAÇÃO

«Notifica-se o sr. Gaspar da Silva, residente em parte incerta, para no prazo de 30 dias a contar da publicação desta notificação levantar a roulotte de que é proprietário, do armazém da Junta de Freguesia de S. Bartolomeu de Messines, para onde foi levada por ordem desta Câmara Municipal e a qual se encontrava em Armação de Pêra.

Se findo aquele prazo a roulotte não for levantada, procederá esta Câmara Municipal à venda da mesma, em hasta pública».

Estes são alguns
livros
da Coleção Portugal

Francês-Português (Antunes Coimbra e Amaro de Oliveira)
Português-Francês (Sousa Vieira)
Inglês-Português (Manuel J. Martins)
Português-Inglês (Manuel J. Martins)
Inglês-Português (P.º Albino Ferreira)
Inglês-Português — Português-Inglês (P.º Albino Ferreira)

EDITORIAL *Domingos Barreira*
UMA TRADIÇÃO EM DICIONÁRIOS

Pedidos à EDITORIAL NOTÍCIAS
Rua Rodrigues Faria, 103 • 1300 Lisboa ☎ 633021

comunicação social

Adesões excederam a expectativa
I Congresso dos Jornalistas
a menos de uma semana

Cerca de 800 jornalistas portugueses e de expressão portuguesa, desde Macau aos Açores e à Madeira, passando pelos países africanos, estão já inscritos para o I Congresso dos Jornalistas Portugueses. Está igualmente garantida a presença de representantes franceses, espanhóis e italianos, bem como da FIJ (Federação Internacional de Jornalistas) e da OIJ (Organização Internacional de Jornalistas), da UNESCO e da SELPA (Federação de Jornalistas da América Latina). Estarão presentes destacadas individualidades da cultura internacional, entre as quais o Prémio Nobel/82, Gabriel Garcia Marques.

«O Congresso é um momento de reflexão e um acto cultural, que não se resumirá a quatro dias de trabalhos e de sessões, mas prosseguirá durante todo o ano», afirmaram os organizadores.

«O Congresso, disse a comissão organizadora, será não apenas uma ponte entre gerações, mas uma afirmação das nossas convicções».

Pela primeira vez, disseram os organizadores, foi possível congregar todas as tendências e o número de adesões e a concorrência prevista podem ser considerados de «verdadeiramente inesperados».

O Congresso poderá traduzir-se num encontro de jornalistas de língua oficial portuguesa, a realizar-se em data e local ainda por escolher, mas para o qual já se encontram lançadas as bases iniciais.

Para o Congresso foram já entregues 34 teses (aguarda-se mais algumas) e mais de dez comunicações. Os trabalhos apresentados serão, posteriormente, editados em volume.

Paralelamente ao Congresso, serão montados estúdios de Rádio, em actividade permanente e da Televisão, com um Clube de Imprensa igualmente activo.

Haverá uma exposição de livros sobre a Comunicação Social, que vai realizar-se na Gulbenkian, e, em Abril, uma nova exposição sobre o percurso da Comunicação em Portugal desde os primórdios até à Rádio e Televisão, intitulada «Informação em Portugal, dos Precusores à Actualidade».

Teatro, Dança e Canto associar-se-ão ao Congresso com um espectáculo «Cantar a Liberdade» que vai ser apresentado em vários pontos do País e nos Açores e Madeira.

Prémio internacional
para programa da RDP-2

O programa «Os Primeiros Passos do Compositor Fernando Lopes Graça», da dupla António Cartaxo-José Manuel Gonçalves, do Programa Dois da RDP, obteve uma menção honrosa no concurso internacional da Rádio BRNO, da Checoslováquia.

O concurso, subordinado ao tema «Os começos da carreira de um compositor», foi ganho pelo programa da Rádio Bratislava sobre o compositor contemporâneo eslovaco Eugene Suchon.

Em segundo lugar classificou-se um trabalho da Rádio Moscovo sobre a juventude de Prokofiev e em terceiro um da Rádio Varsóvia sobre Szymanowski.

Na apreciação do programa enviado por António Cartaxo e José Manuel Gonçalves, o júri, salientou a forma como os seus autores conseguiram demonstrar o vínculo de Lopes Graça com a realidade social.

António Cartaxo, José Manuel Gonçalves e Jacinto Cardoso (engenheiro de som) foram distinguidos em Novembro último com o primeiro prémio do concurso «Ondas» da Rádio Barcelona, pelo seu trabalho sobre Igor Stravinsky.

Contrato dos jornalistas:
AID intransigente

A Associação de Imprensa Diária (AID) insistiu na passagem imediata à fase de conciliação do Contrato Colectivo de Trabalho, informou o Sindicato dos Jornalistas.

A proposta da AID limita o aumento salarial a 16 por cento, alegando que no presente ano o Governo retirou o subsídio de papel à Imprensa escrita.

Em comunicado, o Sindicato dos Jornalistas afirma que «numa sociedade democrática os problemas laborais devem ser resolvidos através de negociações directas entre as partes».

Uma nova reunião entre os representantes da AID e do Sindicato foi marcada para segunda-feira.

«Diário Popular»
volta ao domingo

O vespertino «Diário Popular» volta

a publicar-se aos domingos a partir do próximo dia 16 — revelou um elemento da chefia do jornal.

Disse que nesta primeira fase o jornal sairá somente para a grande região de Lisboa após os jogos dos campeonatos de futebol.

Além de uma síntese das notícias nacionais e internacionais, o «Diário Popular» dos domingos incidirá também no sector de espectáculos em entrevistas e nos relatos dos jogos de futebol.

O «Diário Popular» deixou de publicar-se aos domingos em 2 de Junho de 1974.

Imprensa estatal objecto
de estudo em Espanha

O Governo espanhol vai criar uma comissão interministerial para estudar a situação e futuro da cadeia «Meios de Comunicação Social do Estado», que integra 27 jornais, disseram fontes oficiais.

Estas fontes do Governo afirmaram que ainda não existe uma decisão sobre o futuro dos 27 jornais estatais herdados na antiga cadeia do «Movimento» e que o anterior Governo se tinha proposto vender em leilão público.

A informação divulgada há poucos dias por uma agência nacional, de que o Governo já tinha decidido que manterá uma cadeia de jornais estatais, tendo-se optado por um sistema de financiamento de cooperativas ou sociedades anónimas laborais, foi desmentida.

«Trabalha-se com várias hipóteses, mas cabe à comissão interministerial estudar uma solução a propor ao Governo» — afirmou um alto funcionário governamental.

Entretanto, o Tribunal Constitucional já respondeu a um recurso de 50 senadores socialistas, afirmando que a lei aprovada pelo congresso em Abril de 1982 sobre a venda dos jornais estatais é constitucional.

A cadeia de jornais «Meios de Comunicação Social do Estado» integra 27 jornais de âmbito provincial, dos quais apenas seis dão lucro.

O Governo da UCD aprovou na Primavera de 1982, uma lei que permitia a venda dos jornais estatais em leilão público ou a sua entrega a cooperativas de sociedades de redactores.

Tanto o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) e o Partido Comunista opuseram-se, na ocasião, à referida lei.

O último Governo da UCD decidiu, poucas semanas antes das eleições gerais, convocar leilões para a venda de 21 desses jornais.

O leilão foi suspenso após um parecer do Conselho de Estado, contrário ao concurso.

A comissão de trabalhadores destes jornais tem-se oposto à venda dos jornais.

Quanto à formação de cooperativas ou sociedades de redactores que pudessem ficar com a propriedade dos referidos jornais, o projecto não encontrou acolhimento da maioria dos jornalistas e trabalhadores.

O único projecto que tomou forma foi o dos trabalhadores do jornal «La Nueva España», editado em Oviedo e um dos poucos que dá lucros. — ANOP

Jornalista americana
acusada de espionagem
na Polónia

As autoridades polacas deram ontem ordem de expulsão à correspondente da agência norte-americana United Press International em Varsóvia, Ruth Gubert, por «actividades de espionagem».

A agência noticiosa polaca PAP disse que a correspondente, natural de Filadélfia, e sua ajudante polaca, Anna Olsewska, foram detidas terça-feira após a interceptação de uma encomenda que lhe era dirigida e que continha fotografias de instalações militares.

A jornalista foi depois libertada e a sua colaboradora avisou a família de que lhe acontecerá o mesmo, hoje.

Na secundária de Sacavém data de 17 não é certa

A data de abertura de aulas na Escola Secundária de Sacavém prevista para o próximo dia 17, não é ainda garantida pelo Ministério da Educação.

De acordo com informações obtidas no ME, não há a certeza de a escola estar provida do equipamento necessário indispensável para que as aulas comecem a funcionar. O conselho directivo da escola é que está a envidar todos os esforços para que as tais condições mínimas surjam de modo a que no dia 17 as aulas finalmente comecem para os 1700 alunos da Secundária de Sacavém.

Secundária
de Alverca

A situação da nova Escola Secundária de Alverca é pior do que a de Sacavém. De facto, não está ainda à vista dos interessados uma eventual data para o começo das aulas.

Alguns pavilhões da nova escola deveriam estar prontos a

funcionar em Outubro de 82. Neles seriam ministradas aulas aos 600 alunos dos 7.º e 8.º anos da escola (velha) Secundária de Alverca. Os restantes alunos daquele grau de ensino continuariam a frequentar as instalações da escola antiga, sendo posteriormente transferidos para a nova, quando novos pavilhões fossem construídos e equipados. Só que a data de abertura de aulas foi sendo protelada, primeiro para Novembro, depois para Janeiro e, tal como na Escola de Sacavém, neste momento a construção dos pavilhões prometidos para este ano está concluída mas falta a ligação eléctrica ao ramal da EDP e o equipamento, por parte da Direcção-Geral das Construções Escolares.

O conselho directivo da escola, depois de várias diligências infrutíferas junto das entidades respectivas, convocou os pais dos alunos para uma reunião em que os informou da situação. Os pais decidiram fazer

por seu lado as diligências que lhes fossem possíveis. Para essa reunião foi convidado um representante da DGCE que não compareceu. A DGCE remeteu-se também ao silêncio quando no passado dia 8 a Direcção-Geral do Equipamento Escolar (ME) tentou informar-se, por telex, sobre a conclusão da escola e não obteve resposta.

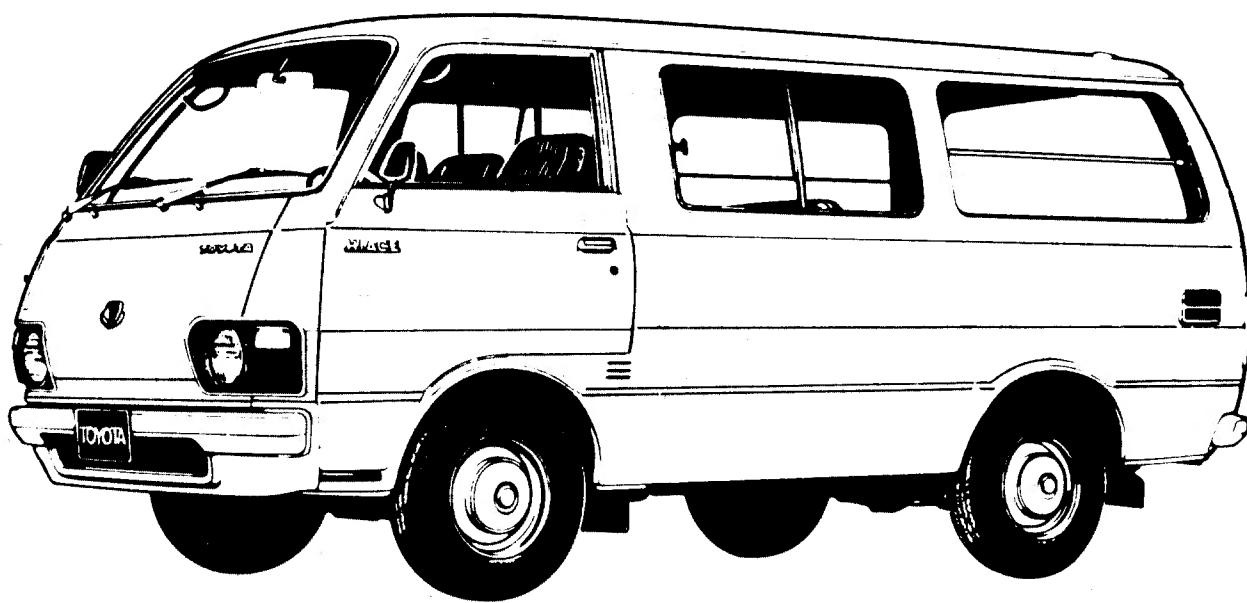
Entretanto, a organização das 20 turmas que iriam funcionar na Escola Secundária de Alverca estava concluída em Setembro passado, os horários, também em Setembro, a requisição dos professores foi feita em devido tempo, bem como a do pessoal auxiliar, que foi colocado em 14 de Outubro e 20 de Dezembro. Mas os 600 alunos dos 7.º e 8.º anos da Secundária de Alverca continuam em casa por não terem escola...

Trabalhadores-estudantes
fazem greve

Os trabalhadores-estudantes

que frequentam a Escola Secundária de Monserrate, Viana do Castelo, deliberaram ontem paralisar as aulas em 4 de Fevereiro, se o problema dos transportes não for resolvido até sábado. Estes estudantes reclamam o estabelecimento de carreiras nocturnas de transportes colectivos, a fim de poderem frequentar as aulas em períodos pós-laborais. Um elemento da comissão de luta dos alunos disse à ANOP que os trabalhadores-estudantes «repudiaram, em plenário, a actualização do Governo Civil e do presidente da Câmara pelo desrespeito e desinteresse que demonstram na resolução deste problema».

Cerca de 500 alunos da Escola Secundária de Monserrate são trabalhadores que exercem a sua actividade profissional nas horas úteis do dia «e estão afectados por falta de transportes colectivos nocturnos» — notou a mesma fonte.

“AMÉRICA
FANTÁSTICA”com a
TOYOTA HI-ACE

ninguém segura a TOYOTA

E não só a TOYOTA HI-ACE poderá permitir-lhe a realização dum sonho de há muito!

Porque a compra de qualquer Unidade Comercial TOYOTA até 31 de Março próximo, vai dar-lhe direito a participar na nossa grande Festa dos 100 mil. Além de duas viagens à

América Fantástica, que constitui o 1.º prémio, temos outras viagens de sonho — Roma e Atenas, às belas praias Romanas do Mar Negro, Londres e Marrocos. E vinte televisores a cores (sorteio em 15 de Abril de 1983 nas instalações de V. N. Gaia).

Todos os compradores de comerciais TOYOTA no período referido terão mais 10.000 quilómetros de garantia, além da normalmente concedida.



de ontem para hoje

«Revanchismo» na Cadeia de Monsanto

A Comissão de Luta contra a Repressão (CLCR) definiu ontem como «revanchismo político» a transferência do detido Carlos Alberto Ferreira, da Cadeia de Monsanto para a Penitenciária de Lisboa. Segundo a CLCR, a explicação fornecida ao detido para a transferência é a de que ela se devia a uma exposição feita por Carlos Alberto Ferreira ao Presidente da República sobre a sua situação jurídica. Para a CLCR «não é difícil adivinhar na transferência um processo de revanchismo da parte do actual director-geral dos Serviços Prisionais, conhecida a ideologia de extrema-direita que professa».

Estacionamento condicionado na Baixa

O estacionamento de automóveis ligeiros particulares em espaços reservados a residentes, criados na Baixa de Lisboa, fica condicionado à exibição de um «dístico de residente» emitido pela Câmara Municipal. O dístico, que mencionará a matrícula e a zona de residência do proprietário, deverá ser requerida na Divisão de Trânsito da Câmara e colocado em local bem visível da viatura. Esta nova modalidade de controlo entra em vigor no dia 1 de Fevereiro próximo na zona da Baixa, devendo ser progressivamente alargado a outras áreas da capital.



Suicidou-se com um tiro na cabeça

Uma jovem de 25 anos, Cristina Maria Sequeira Nunes, casada, pôs termo à existência dando um tiro na cabeça com a arma do pai. O drama teve lugar na sua residência, na Rua Jorge Colaço, 21, 3.º, em Lisboa, tendo comparecido no local a P.J., chamada por vizinhos que tinham sido alertados pela detonação.

«Casa do Adro» arde em Águeda

Um incêndio que, na madrugada de ontem deflagrou na Casa do Adro, em Águeda, causou cerca de dez mil contos de prejuízo. Um curto-circuito é apontado como causa das chamas que destruíram a totalidade do rés-do-chão e parte do primeiro

andar do edifício. A Casa do Adro, tipo solar, foi adquirida há cerca de dez anos pela

Câmara Municipal de Águeda, que nela instalou as sedes dos seus orfeão, Grupo Típico e Coral, Biblioteca e Sociedade Columbófila.

Berbequins e serras eléctricas

Desconhecidos assaltaram na madrugada de ontem a residência de Maria Júlia Gabriel Marques da Silva Matos, na Quinta das Pedras, em Vila Nova de Gaia, onde se introduziram por meio de arrombamento. A proprietária afirma-se lesada em cerca de 300 contos, tendo-lhe sido roubados berbequins, serras eléctricas e madeiras.

Funeral das operárias carbonizadas

Milhares de pessoas incorporaram-se ontem no funeral das seis operárias que morreram carbonizadas em Oliveira do Hospital. Foi a maior manifestação jamais realizada neste concelho, disse um informador dos

Bombeiros Voluntários locais, acrescentando que no cortejo fúnebre se incorporaram todas as autoridades locais e os estabelecimentos oficiais, comerciais e industriais encerrou as suas portas.

Gado de contrabando em Portalegre

Treze cabeças de gado bovino de contrabando e uma viatura no valor presumível de 2500 contos foram apreendidos na área de Portalegre pela Guarda Fiscal. O gado apreendido foi avaliado em 800 contos. Não se registaram detenções.

«Encomenda suspeita» com chocolates

Elementos da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP deslocaram-se ontem a uma residência na Avenida Rainha D. Leonor, em Lisboa, para vistoriarem uma encomenda procedente de Espanha con-

siderada suspeita pelo seu destinatário, cuja identidade não é referida no auto de notificação. Afinal tratava-se de um inofensivo (musical e sabonete) embrulho contendo discos e chocolates.

Português assassinado em Espanha

A Guarda Civil de Leon prendeu o espanhol António Felix Blanco, acusado de assassinio do português Carlos Augusto Fernandes Douder. O comunicado da Guarda Civil indica que o português foi encontrado, na terça-feira, morto, em Fioranza del Bierxo, província de Leon, apresentando sinais de violência.

O processo de saneamento do 1.º tenente Sousa Santos

Preparou 32 mil marinheiros em Vila Franca e foi afastado da Armada sem um tostão

O primeiro-tenente António Heitor de Sousa Santos, que prestou serviço na Armada durante dezassete anos, tendo orientado cerca de 32 mil recrutas como director do Serviço de Instrução da Escola de Alunos Marinheiros, em Vila Franca de Xira, encontra-se neste momento privado de qualquer reforma ou regalia social, na sequência de um processo sinuoso que traz à superfície os métodos de autêntico revanchismo político utilizados pela actual hierarquia da Armada com alguns dos homens mais empenhados nos ideais da Revolução de Abril. Por esse facto achamos oportuno relatar em pormenor o itinerário de primeiro-tenente Sousa Santos até ao momento em que o despacho do actual CEMA, almirante Sousa Leitão, o atirou pura e simplesmente pela «borda fora».

TUDO começou em 1961 quando António Heitor de Sousa Santos, então com 23 anos, activista dos movimentos académicos que fizeram abalar o regime salazarista e várias vezes identificado pela PIDE, resolveu alistar-se na Marinha como voluntário a fim de cumprir o serviço militar obrigatório. Frequentava na altura o 3.º ano de Engenharia.

Alistado, foi posteriormente mobilizado para a Guiné em 1964 e ao regressar foi colocado na Escola de Alunos Marinheiros, em Vila Franca de Xira, como director dos Cursos de Instrução de Recruta. Como eram escassos os recursos financeiros da sua família (seu pai era operário da Companhia Carris de Ferro de Lisboa) e aos oficiais da Reserva Naval eram dadas possibilidades de prorrogarem o seu tempo de serviço por períodos renováveis de um ano, Sousa Santos viu aí uma via de subsistência e de continuar o seu curso de Engenharia. As suas renovações anuais de serviço foram sempre informadas da «maior conveniência» e as suas qualidades morais, intelectuais e militares foram sempre consideradas no mínimo de boas, conforme se pode constatar nas informações semestrais fornecidas pelos seus superiores ao longo de dezasseis anos. Após a sua colocação em Vila Franca passaram por aquela Escola, na Instrução por ele diri-

gida, cerca de 32 mil marinheiros entre recrutados, voluntários, alunos e cadetes da Reserva Marítima, jamais tendo havido entre Sousa Santos e recrutas, praças, sargentos ou oficiais, o mínimo problema disciplinar ou outro.

O despacho de Felgueira Soares

Durante todo este período, em que recebeu vários louvores e moções de apreço, Sousa Santos foi por diversas vezes convidado a ingressar nos quadros do Serviço Especial (Quadro Permanente) tendo sempre recusado até à eclosão do 25 de Abril de 1974, ao qual, afirmou-nos, aderiu «de alma e coração». Foi então que decidiu requerer a sua passagem ao Quadro Permanente. No entanto, tendo na altura verificado que ultrapassava em um ano a idade-limite para o seu ingresso Sousa Santos solicitou uma audiência ao CEMA, almirante Felgueira Soares, a fim de saber da viabilidade, ou não da sua pretensão. Tendo sido a resposta positiva, com a publicação em Ordem da Armada, em Novembro de 1975, e com a condição de Sousa Santos vir a especializar-se em Electrotecnia, curso para o qual, diga-se, nunca veio a ser chamado. Mas também o decreto da sua admissão nunca foi revogado.

Surgiram, no entanto, os acontecimentos do 25 de Novembro de

o primeiro-tenente Sousa Santos foi colocado de residência fixa cerca de ano e meio, tendo-lhe sido levantado um auto na Polícia Judiciária Militar, com acusações ridículas e inacreditáveis, a tal ponto, recorda-nos, que o mesmo auto acabou por ser mandado arquivar pura e simplesmente, em Janeiro de 1977, pelo juiz-instrutor sem a necessidade sequer de ficar a aguardar melhores provas.

Como apesar de tudo continuasse de residência fixa, sem quaisquer notícias, Sousa Santos foi junto do almirante Bustorff Guerra (director do Serviço de Pessoal) para saber do seu futuro. Foi-lhe então dito por aquele oficial-general que a Marinha pensava licenciá-lo. Sousa Santos argumentou que tinha saído em Ordem da Armada o deferimento pelo CEMA do seu pedido de passagem ao Serviço Especial, ao que o almirante Bustorff argumentou que tal despacho feria um decreto-lei já existente, não passando portanto de uma decisão fora da competência do CEMA da altura. Sousa Santos contrapôs que a legislação que regulamenta a passagem dos oficiais da Reserva Naval ao Serviço Especial é constituída por portarias e despachos ministeriais e, desde logo, da competência do CEMA em exercício. Bustorff Guerra chamou ao seu gabinete outros oficiais que faziam parte da Direcção de Pessoal (Moreira Rato Barreiros e Coutinho Cardoso) a fim de um melhor esclarecimento. Nenhum, afirmou-nos, foi todavia capaz de contra-argumentar, tendo apesar de tudo ficado assente que o primeiro-tenente Sousa Santos retomaria o serviço por mais um ano, a título excepcional, ficando um parecer final a aguardar «melhor decisão» do CEMA, almirante Souto Cruz.

No Instituto Hidrográfico e com 13 contos mensais

Alguns meses depois é publicado o Decreto-Lei n.º 90/78 de 9 de Maio que confere aos oficiais milicianos do Exército, que satisficam as condições nele exigidas, a possibilidade de permanência no serviço por contratos renováveis de três anos até que haja conveniência para o serviço. Quando tal conveniência deixar de existir esses oficiais poderão passar à situação de reserva ou reforma, com uma pensão correspondente, e mantendo todas as regalias inerentes (assistência hospitalar, medicamentosa, etc.). Quando o decreto foi aprovado no Conselho da Revolução levantou-se a hipótese de ele vir a ser extensivo à Marinha, e o almirante Souto Cruz teria dito, em pleno CR, não haver necessidade que tal acontecesse uma vez que na Armada existiam apenas meia dúzia de casos semelhantes que estavam em vias de ser resolvidos. Ao ter conhecimento da



Heitor Sousa Santos, na Guiné, durante uma comissão de serviço

aprovação do referido decreto, o primeiro-tenente Sousa Santos, no activo, ainda sendo o único oficial que satisfazia as condições exigidas, foi junto ao CEMA saber da hipótese do mesmo se tornar extensivo à Armada, já que pensava, disse-nos, considerar ser de elementar justiça que o mesmo abrangesse os três ramos das Forças Armadas. Obteve como resposta que o caso iria ser estudado. Entretanto, deu-se a substituição do CEMA pelo actual (almirante Sousa Leitão) e subitamente aconteceu o licenciamento de Sousa Santos em 30 de Novembro de 1978. Apesar disso Sousa Santos pediu uma audiência ao CEMA voltando quase que unicamente a solicitar a aplicação do DL-90/78 mesmo sem referir a sua passagem ao Serviço Especial publicada em Ordem da Armada, conforme já anotámos, e jamais revogado.

Foi-lhe dito que a altura não era propícia para levar o CR a dar uma opinião diferente daquela que fora dada pelo almirante Souto Cruz, não deixando, no entanto, o CEMA de conferir razão a Sousa Santos, arranjando-lhe, quase por especial favor, um contrato de prestação de serviços só por nove meses no Instituto Hidrográfico com o salário de treze contos mensais, até «melhor oportunidade». Só que ao fim desse período o contrato expirou e a situação entrou em «ponto morto».

Apesar de tudo Sousa Santos ainda solicitou nova audiência ao almirante Sousa Leitão. Requerendo o seu parecer para fazer um requerimento ao Conselho da Revolução pedindo a aplicação do DL-90/78. Foi-lhe respondido que sim, que ele CEMA, não via qualquer inconveniente.

Nessa óptica, foram feitos desde 10/12/79 até 12/10/82 várias exposições ao presidente do CR, que deram entrada na secretaria dos seus Serviços de Apoio, transitando destes, sem qualquer resposta do CR para o Estado-Maior da Armada. Num silêncio comprometido (e comprometedor) que nem de longe é apanágio de um regime democrático e de umas Forças Armadas que à Constituição que o enfunda juram fidelidade.

Manuel Geraldo



A Escola de Marinha de Vila Franca, onde o 1.º tenente Sousa Santos foi 16 anos director de instrução

Cem reclusos em apenas 32 celas

Cadeia de Faro superlotada e sem «meios de segurança»

A Cadeia de Faro, o único estabelecimento prisional do Algarve e que dispõe apenas de 35 celas para cem reclusos, encontra-se superlotada e com alguns problemas de segurança, segundo afirmou o seu director João Sousa Gomes Júnior. A cadeia, com um quadro de guardas considerado reduzido, encontra-se localizada praticamente dentro da capital algarvia rodeada, a leste, de prédios altos e habitados a escassos 40 metros. «Tal situação — disse Gomes Júnior — é ilegal e prejudica a segurança e a vigilância da

área». A construção de uma pequena penitenciária, longe da cidade, com capacidade para 300 a 400 reclusos seria, na opinião do director em exercício, a solução mais viável para resolver o problema. Além disso — sublinhou — a Cadeia de Faro não suportará por muito mais tempo, uma situação de «deitar por fora» tanto mais que — fez notar — tem de receber presos de todo o Algarve, muitos deles vindos do exterior.

No Algarve existiam anteriormente 11 cadeias, as quais foram extintas em Junho de

1969, por um decreto que criou o estabelecimento prisional regional o qual passou a funcionar numa cadeia vulgar, como as outras. As cadeias extintas e que se espalharam por toda a região, estão hoje, algumas em estado de degradação, outras ocupadas por desalojados das antigas colónias e outras transformadas em quartéis de corporações policiais.

Na Cadeia de Faro, que inclui um anexo de reforço em Olhão, os detidos não têm ocupação fora das celas, por falta de áreas de segurança para além do edi-

fício da prisão. Muitos dos reclusos são jovens, 30 por cento dos quais com menos de 20 anos, que aguardam julgamento ou cumprem penas de seis meses.

Na maioria, os detidos estão implicados em casos de droga e roubo, havendo alguns acusados de homicídio voluntário a esperar transferência para uma das penitenciárias do País. Contudo, e por observação directa de Sousa Gomes, director daquela cadeia há seis anos, cerca de 30 a 40 por cento dos reclusos já passaram por ali mais que uma vez.

Porcos doentes abatidos em Monesterio (Badajoz)

Consumo de enchidos origina casos de triquinose

Uma «praga» de triquinose originada pelo consumo de derivados de carne de porco, nomeadamente de presunto, chouriço e outros enchidos oriundos de Monesterio, Badajoz, estragou o Natal de diversas famílias espanholas, nomeadamente na província de Sevilha, onde foram detectados 160 casos. Em Monesterio, o número de doentes é superior a 60, tendo também aparecido seis pessoas com triquinose em Córdova e quatro em Huelva.

Teme-se agora que a doença venha a surgir em Madrid, na Catalunha, no País Basco, na Alemanha Federal e em França, pois os habitantes de Monesterio, cumprindo a tradição, enviaram a parentes e amigos, na sua maioria emigrantes, presentes de Natal constituídos por enchidos da região que, até à data, eram famosos pela sua qualidade. Aliás essa fama está na base de outra preocupação no que respeita à propagação da doença, uma vez que muitos

turistas param em Monesterio para comprar produtos derivados de carne de porco.

Em contacto com a Direcção-Geral de Saúde e com a respectiva delegação de Lisboa informaram-nos, entretanto, que não têm conhecimento de casos de triquinose por cá. A triquinose, segundo nos afirmaram, é uma doença rara em Portugal. Ao que parece também era rara nas localidades espanholas agora afectadas, facto que é demonstrado pela inexistência

de medicamentos próprios na farmácia de Monesterio e das populações mais próximas, o que levantou, aliás, diversos problemas no tratamento dos primeiros a aparecerem com os sintomas da referida enfermidade. A triquinose é uma doença contagiosa que afecta fundamentalmente os músculos e que é transmitida, essencialmente, por animais de abate que se encontram em mau estado sanitário.

E foi o que aconteceu em Monesterio, onde porcos do-

entes foram abatidos no matadouro «Irmãos Quintero Vargas», agora encerrado. Os dois veterinários responsáveis pela fiscalização dos animais daquele matadouro foram, entretanto, demitidos pelo director da Saúde da província de Badajoz, estando os produtos afectados a serem entregues pela população; três dias após o aparecimento dos primeiros casos de triquinose (no dia 24 de Dezembro), encontravam-se já, na Câmara de Monesterio, mais de 700 quilos de lombo de porco, chouriços, presunto, toucinho e outras carnes.

A demissão dos veterinários é considerada correcta pelas autoridades locais, pela população e pelas autoridades sanitárias que coincidem em lhes atribuírem a responsabi-

lidade pelo facto de terem sido abatidos animais doentes. Um dos veterinários diria, no entanto, à revista espanhola «Interviú» que com o número de porcos mortos, por dia, nem quatro médicos chegariam... Uma outra hipótese ventilada é a de os proprietários do matadouro terem abatido porcos que não tivessem sido vistos

pelos veterinários. Entretanto, a Assembleia local, reunida de emergência, considerou não ter qualquer responsabilidade nos factos, tendo solicitado dos serviços de sanidade instrumentos suficientes para as análises sanitárias. A assembleia aprovou também a construção de um matadouro municipal. Em Monesterio abatem-se mais de quatro mil porcos por ano.

Morte de jovem estudante agita Escola Preparatória de Faro

FARO, 13 — Os alunos da Escola Preparatória desta cidade querem saber por que morreu um seu colega que em 31 de Dezembro dera entrada no Hospital Distrital, vindo a ser transferido para o Santa Maria, em Lisboa, por o seu estado se ter agravado.

António Ventura Iria, o jovem de 13 anos que fora internado no último dia do ano findo com uma fractura exposta no braço esquerdo, aparentemente sem estar em causa a sua vida, foi transferido de urgência para a capital por razões que motivaram a abertura de um inquérito no Hospital Distrital.

Os alunos da Escola Preparatória exigem o apuramento da verdade dos factos e a responsabilização — se for caso disso — pela morte de António Ventura Iria, um colega estimado por todos, aplicado e com bom aproveitamento escolar. Ventura Iria dera entrada no hospital desta cidade e, depois de operado, ficou internado no bloco dos serviços da especialidade.

A delegação dos jovens alunos que ontem foi recebida pelo presidente do Conselho de Gerência do Hospital, Esteves Franco, na sequência de uma manifestação frente ao estabelecimento na qual participaram praticamente todos os alunos da Escola Preparatória, está disposta a remover todas as dificuldades de modo a não deixar que este caso fique no esquecimento nem seja negligenciado.

Da parte do presidente do Conselho de Gerência do Hospital Distrital tiveram a informação de que foi aberto um auto de averiguações para apuramento dos factos e que estes serão a seu tempo divulgados.

Esteves Franco afirmou aos elementos da delegação de alunos da Escola Preparatória que só depois de reunidos os dados sobre o que se passou, será possível a abertura de um inquérito para apuramento das responsabilidades.

O dr. Esteves Franco é o presidente do Conselho de Gerência do Hospital, e Vitor Paulo o administrador do mesmo estabelecimento. Foi este último que esta manhã o «DL» ouviu limitando-se Vitor Paulo a informar que já ontem o hospital fornecera alguns elementos sobre a actual situação.

São 150 os médicos do Hospital Distrital de Faro, a maior parte deles policlinicos. O quadro do estabelecimento é de cem, encontrando-se assim preenchidas apenas metade das suas vagas. A capacidade de internamento é na ordem das 450 camas, 350 delas presentemente ocupadas.

Secretários municipais vão a cursos na Guarda

Secretários municipais dos distritos da Guarda, Viseu e alguns concelhos do distrito de Coimbra reúnem-se na Guarda a 26 de Janeiro numa acção de aperfeiçoamento — soube quarta-feira a ANOP de fonte municipal.

Na reunião, que compreende mais de três dezenas de chefes de secretaria, vão ser tratados aspectos administrativos ligados às funções dos secretários e preparar concursos para escrivãos dos municípios.

Cooperativas do Porto preparam Congresso

PORTO, 13 — Com a finalidade de preparar o respectivo Congresso, que decorrerá em Lisboa em 22 e 23 do corrente, as cooperativas de consumo do distrito do Porto vão efectuar um encontro no próximo sábado, a partir das 15 horas, nas instalações do sindicato dos trabalhadores do comércio. A ordem de trabalhos deste encontro preparatório consta de análise dos documentos a discutir no Congresso, estudo das reivindicações distritais, nomeadamente organização económica, instalação da federação nacional (delegação) no Porto, formação técnica e cooperativa e excursão para a ida ao Congresso.

Reunido pela primeira vez, o plenário procedeu também à verificação de poderes dos candidatos eleitos e deu início à discussão do regimento.

Sobre o último ponto e segundo revelou uma fonte próxima deste órgão autárquico ficou decidida a constituição de um grupo de trabalho reunindo elementos de todas as forças políticas (APU, PSD e PS) para a revisão do regimento, devido a ele não ter obtido consenso.

A Assembleia Municipal de Évora é composta por 33 elementos da APU, dez do Partido Social-Democrata e seis do Partido Socialista.

Candidato PS anuncia voto útil

PSD e APU empenham-se na disputa de Ourique



gião qualquer dirigente nacional.

«Vamos desenvolver actividades de esclarecimento ao abrigo dos direitos e liberdades democráticas, ou seja, as organizações locais da APU vão promover até sexta-feira diversas sessões de esclarecimento» — declarou um responsável da APU à agência ANOP.

As declarações de Silva Cristina

Não sou comunista nem penso mudar de partido mas se houver novas eleições tanto eu como a minha mulher votaremos na APU — eis afirmações de Silva Cristina, médica desde há 40 anos em Santana da Serra e candidato do PS nas eleições autárquicas.

As declarações do médico são hoje referidas por «o diário» que cita o boletim «APU - Informa-

ção». O matutino referido explica que Silva Cristina justificou a sua posição com a necessidade de derrubar o PSD.

«Concorri a estas eleições com dois objectivos: contribuir para a vitória do PS na Câmara Municipal, se isso fosse possível, em primeiro lugar; em segundo, como se verificou que a vitória não era viável, contribuir para derrotar o PSD» — explica o médico, nos termos que são referidos por «o diário».

Mais: «Considero importante derrubar os eleitos do PSD porque já estão na Câmara há oito anos sem que ninguém saiba o que têm feito, sem que tenham resolvido os problemas do concelho. Assim, para que sejam derrotados, há que utilizar de forma útil os nossos votos».

O médico terá ainda afirmado que já comunicou a sua decisão

O PSD deverá empenhar um seu vice-presidente na campanha para as eleições repetidas em Ourique a realizar no próximo domingo, enquanto a APU optou por sessões de esclarecimento e propaganda porta a porta.

O interesse do PSD no processo que terminará no domingo é demonstrado com a possível participação de Nascimento Rodrigues num comício que em princípio se realizará amanhã à noite, em Ourique. A deslocação deste dirigente está, contudo, ainda sujeita a confirmação.

Um candidato local do PS, o médico Silva Cristina, terá entretanto anunciado os seus propósitos de, no próximo domingo, dar o seu voto «útil» à APU, no sentido de proporcionar a derrota do PSD no seu concelho.

Silva Cristina afirmar-nos-ia, no entanto, esta manhã, que ainda não decidiu o sentido do seu voto, por não ter reflectido completamente sobre a situação.

A APU demonstra igualmente um grande interesse nas eleições autárquicas do próximo domingo, nas freguesias de Ourique e Santana da Serra, embora expressando a sua intenção de não fazer deslocar à re-

Com exibição de filmes

Évora promove debates sobre fomento desportivo

O papel das autarquias e dos clubes no desenvolvimento desportivo do concelho é o tema de um colóquio a realizar dia 16 em Évora.

O debate, numa iniciativa dos serviços culturais da edilidade eborense, será orientado pelo professor Voronha Feio.

Participam ainda nos trabalhos, que serão antecidos da exibição de um filme sobre os Jogos Olímpicos de Moscovo, um elemento camarário, responsável pela área do desporto, um dirigente desportivo e um atleta.

No âmbito desta realização, será inaugurada no dia 14 uma exposição, no mesmo local, su-

bordinada ao tema desporto.

A Câmara Municipal de Évora afirma que estas iniciativas se enquadram num trabalho de incentivo e apoio ao desenvolvimento desportivo.

Esta acção terá continuidade nas semanas seguintes, através da realização de exposições e mostras de filmes noutros locais do concelho.

Eleito presidente da AM de Évora

A nova Assembleia Municipal de Évora elegeu ontem, à noite, como presidente, o autarca José Ernesto Oliveira, da Aliança Povo Unido.

A par da urbanização e electrificação

Bombeiros e indústria no centro de planos em Portalegre

A construção do quartel dos Bombeiros e as infra-estruturas da zona industrial são algumas obras que a Câmara de Portalegre, se propõe realizar em 1983.

O plano de actividades daquela edilidade prevê obras de urbanização em diversas zonas da cidade e electrificação de alguns lugares.

A Câmara Municipal de Portalegre, aguarda uma comparticipação da CEE, decisiva para a concretização da zona industrial que se encontra em desenvolvimento.

Aquela edilidade irá, ainda, enviar todos os esforços para a conclusão da obra de 88 fogos prefabricados.

No campo da cultura, a câmara propõe-se dar continuidade e desenvolver a exposição-feira de indústria e artesanato e promover uma exposição-feira do livro.

Campo Maior quer fazer piscina

A construção de uma piscina e a conclusão da obra de abastecimento de água a Campo Maior, estão nos planos daquela Câmara, a realizar em 1983.

O plano de actividades daquela edilidade prevê a construção de centros de dia em Degolados e Campo Maior, a aquisição de terrenos para a zona industrial e implantação de parques infantis e zonas verdes.

A Câmara Municipal de Campo Maior projecta, ainda, aproveitar o Palácio do Visconde de Oliva para lá instalar todos os serviços públicos e irá insistir junto das autoridades competentes para o problema do novo hospital.

No capítulo das obras intermunicipais, aquela câmara irá participar no aterro sanitário que servirá os concelhos de Campo Maior, Arronches, Elvas e Monforte, e, com a Câmara de Elvas, irá implantar um restaurante-hangar na Barragem do Caia.

A EDP em questão

Em Portugal a faísca vem do país dos relógios

José Gaspar Teixeira

Por el-rei e por minha Dama o juro! Juro que não sabia! Enquanto rebuscava históricas virtualhas para condimento do meu último artigo, «O Nuclear e a Canela...» (D.L. 7/1/83), nova conspiração se tramava, mais uma vez, entre as hostes do Governo AD conluídas com a gerência da EDP. Sempre contra a independência nacional, contra a dignidade dos trabalhadores, contra a bolsa do cidadão (o português consumidor de electricidade e aquele que não o é por falta de capacidade financeira) precisamente quando, por decreto, se aumentam de mais de 22% as tarifas eléctricas.

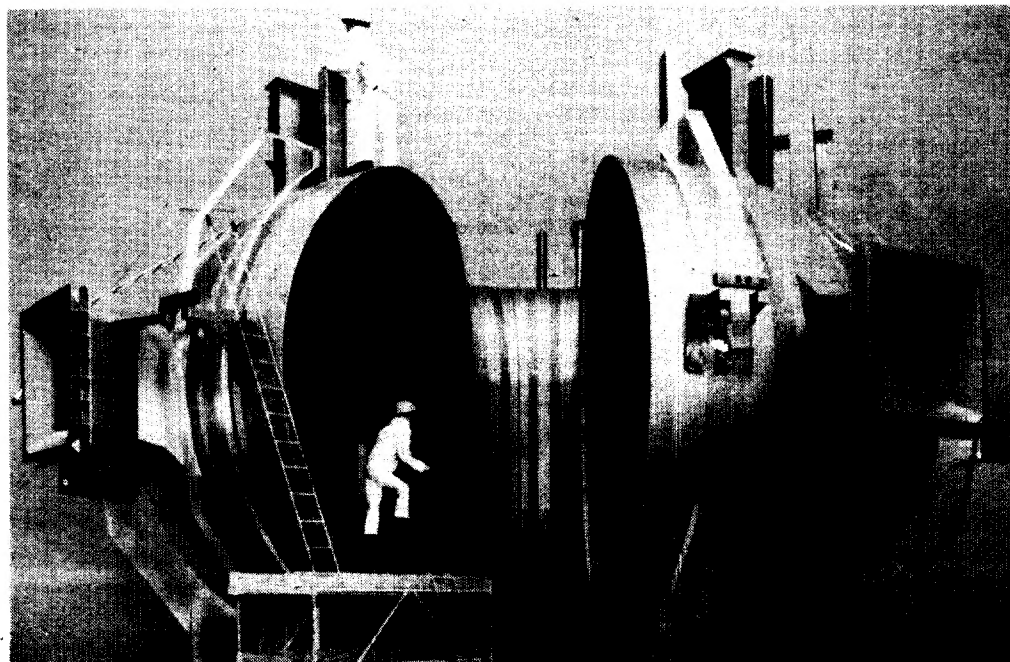
De que se trata? Ora adivinhem, leitores! Relaciona-se com o já nosso conhecido Mister Duff, o irlandês ao serviço da Motor Columbus, conterrânea da muito conhecida Brown Boveri (BB, a de Baden). Esta última faz-nos pensar que não há ponta de faísca em Portugal sem a marca «Made in Switzerland»...

A gerência da EDP pretende decidir neste mês de Janeiro a adjudicação do contrato de engenharia do grupo III (e possivelmente do grupo IV) da central a carvão de Sines, por extensão daquele a que me referi no meu último artigo, o qual fora autorizado por Mota Pinto e assinado em 29 de Março de 1979.

A capacidade dos trabalhadores da EDP e a incapacidade da sua gerência

As grandes centrais térmicas da EDP são: Carregado — seis grupos de 125 MW; Setúbal — quatro grupos de 250 MW, três em serviço; Sines — quatro grupos de 300 MW, nenhum ainda em serviço.

A construção dos grupos I e II do Carregado, iniciou-se em 1964, por engenheiros e técnicos portugueses, com projecto e apoio técnico na supervisão de um consultor francês, a SOFRELEC. Seguiu-se a construção dos grupos III e IV, apoiados inteiramente em engenharia e técnica nacionais, com a possi-



bilidade de consulta à mesma SOFRELEC, o que foi feito a título de simples formalidade. Carregado V e VI basearam-se apenas em engenharia e apoio técnico do pessoal da casa, o que honra e dignifica sobremaneira os nossos engenheiros projectistas e os técnicos nacionais. Setúbal também se apoiou num consultor belga, a ELECTROBEL.

Eis que surge a central de Si-

nes! De que forma reconhece a gerência da EDP o valor profissional e cívico (porque deste se trata, igualmente) dos seus trabalhadores? Sujeita-os à situação de simples autómatos, constringidos à execução de um projecto importado do país dos relógios, concebido por engenheiros desconhecidos; sujeita-os à fiscalização do referido Mister Duff e «sus muchachos»! Na realidade, aqueles que temos

ironicamente tratado por «sábedores de engenharia» não passam de simples fiscais de estaleiro (fiscalização que nos custa 70 000 contos anuais, fora o resto...). Quanto ao custo do próprio projecto, convida-se o conselho de gerência da EDP a revelar o quantitativo pago à Motor Columbus.

Tendo ficado explícito no contrato com a Motor Columbus que «a EDP deveria fazer o máximo

na gestão e desenvolvimento do projecto», e que «ficava garantida a formação de pessoal da EDP para os grupos seguintes...» «no essencial, nada do que neste aspecto se acordou foi cumprido» (Cf. doc. EDP-SCD-EQET — Assunto: Actividades do Sector) (1) Daqui a minha surpresa quanto à disposição da gerência da EDP de entregar os estudos de engenharia do grupo III (e possivelmente do grupo IV) à estrangeira Motor Columbus...

Como apreciar a situação? Para já, trata-se de uma grave afronta que atinge os trabalhadores naquilo que eles têm de mais sensível — a sua dignidade profissional. É o desprezo pelo esforço despendido, individual e colectivamente, para se tornarem bons quadros, bons operários, bons engenheiros. Assim, o citado documento denuncia que «existe uma crise caracterizada fundamentalmente pela preocupante situação de não ocupação dos trabalhadores do Departamento de Estudos de Engenharia». Mas os gerentes da EDP não hesitam em dirigir essa afronta aos trabalhadores, cavando um fosso abissal no quadro das relações humanas.

O binómio EDP governo vende-pátria

A gerência da EDP deve ser formalmente acusada por essa afronta aos trabalhadores e, por consequência, responsabilizada pelas reacções destes.

A gerência da EDP deve ser acusada igualmente de delapidar o erário público, com evitável exportação de divisas, e de, simultânea e consequentemente, promover a subida das tarifas de electricidade em Portugal, tornando-as das mais gravosas do mundo.

Finalmente (?), a gerência da EDP é acusada de, em conluio com governos vende-pátria, se

tornar cúmplice das multinacionais no processo de obstrução sistemática à transferência de tecnologia.

A interferência do Banco Mundial no nosso País é uma realidade de longa data. Já em 1963, há vinte anos portanto, interveio decididamente no âmbito do sector energético. A sua presença, associada à do FMI, instalou-se como um cancro nos diversos sectores da vida nacional: no ensino, na banca, na indústria, nas pescas, nos transportes, etc. Assim, aquelas agências vão imperando, vão controlando os governos vende-pátria e, por intermédio destes, sugando a economia e explorando a mão-de-obra barata portuguesa.

Os Trabalhadores exigem

A questão dos novos grupos de Sines é uma das muitas que põem a descoberto a precária gestão da empresa. Por isso, os trabalhadores mais conscientes da EDP sentem com grande preocupação as observações contidas no referido documento EDP-SCD. Nele a subcomissão de Departamento «verifica esta-rem criadas condições que, neste momento, já provocam sérias e indesejáveis perturbações sócio profissionais» (ponto IV-1); «discorda da forma como se gere o Projecto de Sines, duvidando seriamente de uma gestão que não garante transferência de «know-how» para a EDP, não permite controlar programas nem custos, não intervém na Engenharia básica, não acompanha nem desenvolve o Projecto e inviabiliza, na prática, a intervenção dos trabalhadores da EDP» (ponto IV-2).

(1) Documento elaborado por uma Subcomissão de Departamento da Estrutura Representativa dos Trabalhadores e difundido na EDP.

em duas palavras

Lacticoop vai pagar leite em atraso

A Lacticoop comprometeu-se a pagar o leite em atraso aos três mil produtores do Baixo Mondego que nesse sentido se manifestaram de frente das instalações. Os manifestantes que se deslocaram à Tocha e analisaram com a direcção desta cooperativa leiteira o caderno reivindicativo que se refere ao aumento do preço do leite e ao apoio técnico e financeiro, acordaram com esta que os pagamentos em atraso se deverão processar até ao dia trinta deste mês (o segundo no dia 20 e o terceiro no penúltimo dia de Janeiro), efectuando-se em 8 de Fevereiro novo plenário nas instalações da Lacticoop. Ficou também claro na concentração de sábado que o Movimento Cooperativo é dos agricultores e que a produção de leite estará em perigo se forem postos em prática os planos do Governo para a Beira Litoral, nomeadamente o Plano de Mudança.

Bolsas de estudo para a URSS

Estão abertas as inscrições para a atribuição de bolsas de estudos na URSS para candidatos a cursos superiores ou a cursos de pós-graduação. As inscrições encerram a 28 de Fevereiro e destinam-se apenas a sócios da Associação Portugal-URSS. Os interessados deverão deslocar-se aos respectivos núcleos da Associação Portugal-URSS ou à sua sede nacional, na Rua de São Caetano, em Lisboa.

Turismo e artesanato têm posto em Nisa

O posto de Turismo e Centro de Divulgação de Artesanato do

concelho de Nisa, no distrito de Portalegre, já abriu ao público. O posto de turismo está integrado na Comissão Regional de Turismo de S. Mamede (Alto Alentejo) e o centro de divulgação de artesanato inclui peças de barro, bordados, bilros, feltro, mantas de trapo e renda de nó do concelho de Nisa.

A Câmara Municipal de Nisa editou as obras «Nisa, vila concelhia do distrito de Portalegre», da autoria de Alexandre de Carvalho Costa, e «Natal Alentejano», de Manuel Inácio Pestana. Relacionadas ainda com a vila de Nisa foram editadas recentemente, as obras «Memórias Históricas da Notável Vila de Nisa», de José Mota e Moura, edição da Imprensa Nacional e «Memorial em Verso da Notável Vila de Nisa, sua História, Gentes, Usos e Costumes», de Maria de Mascarenhas Peralta, edição da autora.

Mulheres de Estremoz dão à luz em Évora

O ano passado nasceram em Estremoz apenas 67 crianças. Tão reduzido número de nascimentos deve-se ao facto de a Maternidade do Hospital local se encontrar há alguns anos encerrada, o que faz com que as parturientes tenham de deslocar-se a Évora para que os filhos possam nascer com a devida assistência. Em Estremoz, segunda cidade do distrito de Évora, nasceram em 1979, 1980 e 1981, respectivamente, 39, 22 e 16 crianças, o que soma 144 nascimentos nos últimos quatro anos, à média de 36 por ano. Segundo o Registo Civil de Estremoz, o aumento de nascimentos em 1982 ficou a dever-se à recente alteração ao Código do Registo Civil, que en-

trou, em vigor a 14 de Outubro e que possibilita aos pais de qualquer recém-nascido escolherem a naturalidade do seu filho.

BV comemoram meio século

Os Bombeiros Voluntários de Estremoz comemoram este ano o seu cinquentenário com diversas realizações. As comemorações têm o seu ponto alto em Agosto, altura em que será editado um boletim com a história da corporação, efectuando-se ainda uma exposição sobre a actividade dos bombeiros locais e um concurso de desenhos sub-bordinados ao tema «Como as crianças vêem os Bombeiros». Durante o ano em curso os Bombeiros Voluntários de Estremoz apontam para a realização do 6.º Concurso Nacional de Saltos, um concurso de pesca desportiva, uma prova pedestre inter-bombeiros e um cortejo de oferendas.

MT e «Partex» assinam acordo

O Ministério do Trabalho e a Companhia Portuguesa de Serviços (PARTEX) assinaram um acordo de colaboração para o desenvolvimento de acções a nível nacional e internacional — informou aquele departamento governamental. Um comunicado do MT refere, entre os objectivos do acordo, o aumento das capacidades técnico-profissionais da mão-de-obra activa portuguesa, a criação de novos postos de trabalho, a exportação de serviços, equipamentos e materiais e a divulgação das capacidades tecnológicas nacionais.

Cabo Verde lança Ovídio Martins

Cabo Verde vai iniciar breve-

mente uma actividade editorial regular com a publicação de toda a obra do escritor, Ovídio Martins. O primeiro volume a sair, dentro de algumas semanas, será «Independência», seguindo-se «100 Poemas». Até agora, as autoridades cabo-verdianas têm-se limitado a fazer algumas edições de textos políticos ou pontualmente, de textos literários, como foi o caso de uma pequena antologia de Jogos Florais e de vários livros de literatura infantil. Ovídio Martins foi na época colonial perseguido por ser militante do PAIGC, tendo chegado a estar preso.

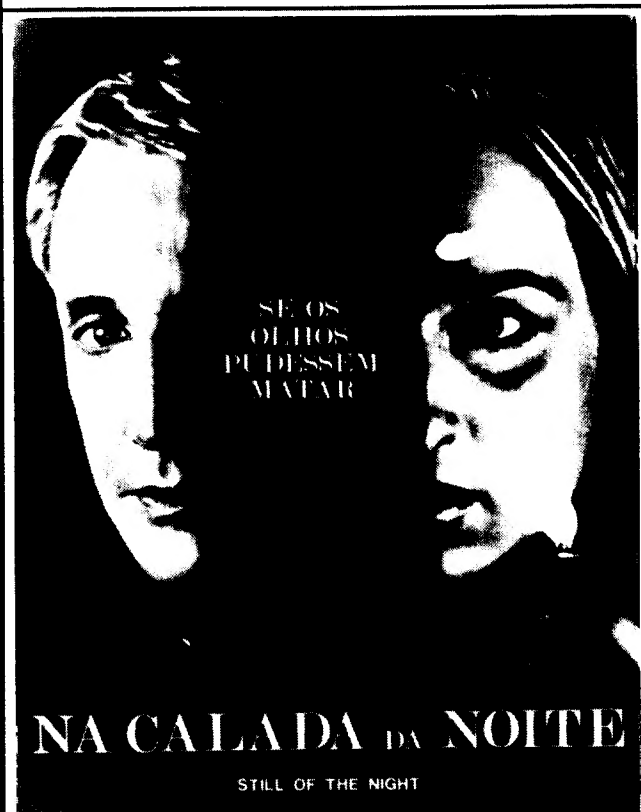
Manuel Ferreira divulga escritor saótomense

O escritor saótomense Francisco José Tenreiro inaugura, em Fevereiro uma nova colecção portuguesa «Para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa», dirigida, orientada e organizada por Manuel Ferreira. Director da revista «África», editora da nova colecção, Manuel Ferreira disse à ANOP que se tratava de um conjunto de 30 volumes «fundamentais para a compreensão do nascimento e evolução das literaturas africanas em língua portuguesa». A edição das obras, todas prefaciadas, tem o apoio financeiro do Instituto Português do Livro. O segundo volume da nova colecção é o «Romance Xiquinho», do escritor cabo-verdiano Baltasar Lopes, ao qual se seguirá a revista «Mensagem de Luanda», que se publicou em 1951/52 e que constitui, segundo Manuel Ferreira, «um primeiro documento colectivo da angolanidade cabo-verdiana».

TRÊS GRANDES NOMES NUM FILME INVULGAR

ROY SCHEIDER * MERYL STREEP
(ALL THAT JAZZ) (AMANTE DO TENENTE FRANCÊS)

ROBERT BENTON
REALIZADOR DE «KRAMER CONTRA KRAMER»



STILL OF THE NIGHT

HOJE ÀS 21.30

ESTREIA

UM FILME DE GARRA!

ROY SCHEIDER MERYL STREEP «STILL OF THE NIGHT»

JESSICA TANDA DIRECTOR DE FOTOGRAFIA NESTOR ALMEIDEN ASC. LINDA NEWMAN J. ROBERT BENTON

PLANIFICAÇÃO ROBERT BENTON PRODUÇÃO ARLEN DONOVAN REALIZAÇÃO ROBERT BENTON

INTENDIDO A MENORES DE 13 ANOS TELEVISÃO PESSOAL





Hoje e amanhã

Reunido Secretariado da CGTP para preparar plenário de sindicatos

Reúne-se hoje e amanhã o Secretariado Nacional da CGTP-In a fim de proceder à preparação dos assuntos constantes da ordem de trabalhos para o plenário nacional, aberto a todos os sindicatos que se realiza no próximo dia 14.

Para além da discussão e aprovação do orçamento da central para 1983, o plenário abordará também questões relacionadas com a fase de preparação do 4.º Congresso da Intersindical Nacional que, como já é do conhecimento público, se realiza em 11, 12 e 13 de Março próximo.

A actual situação política e a crise económica e social que o País atravessa será também objecto de análise. Neste âmbito, serão tratados «os recentes acontecimentos políticos, designadamente a

tentativa de formação de um governo AD depois da maioria dos portugueses ter demonstrado, através das mais variadas formas, a sua firme oposição à política praticada pelos seus governos que nos conduziram a uma situação desastrosa», refere um comunicado do Departamento de Informação da central.

Preparação do IV Congresso

Entretanto, em Setúbal, está a ser activamente preparado o IV Congresso da CGTP. Por isso realizou-se no princípio desta semana uma reunião da comissão dinamizadora distrital na qual participam todos os sindicatos do distrito representativos de mais de 100 mil trabalhadores sindicalizados.

Na ocasião, foi aprovado o balanço do trabalho já efectuado do qual se destaca: «a realização de reuniões com todas as direcções sindicais do distrito específicas para abordar no Congresso, sua preparação e objectivos»; a «inscrição para participação no Congresso de 12 das 15 associações sindicais com sede no distrito»; e a «existência de planos de dinamização do Congresso em praticamente todos os sindicatos».

Integradas no plano distrital de dinamização do Congresso contam-se algumas iniciativas que merecem destaque. Assim, realiza-se no dia 27 deste mês um Encontro Distrital (aberto a todos os sindicatos filiados ou não na CGTP) que abordará os documentos a

submeter ao Congresso; nos dias 12, 19, 25, 26 de Fevereiro e a 5 de Março terão lugar, respectivamente, um seminário distrital sobre problemas específicos dos quadros técnicos, um encontro sobre reestruturação administrativa e financeira, uma reunião distrital de mulheres, um encontro distrital de dirigentes, delegados sindicais e membros das comissões de trabalhadores e, finalmente, uma festa da juventude.

Segundo garantem os organizadores, «todas estas acções», que constituem apenas uma parte do intenso trabalho de preparação do IV Congresso da CGTP-In, irão decorrer no maior espírito de abertura de forma a permitir a participação de várias correntes de opinião que integram o movimento sindical unitário».

II Congresso da Festru realiza-se este fim-de-semana

Vai realizar-se este fim-de-semana, na Faculdade de Letras de Lisboa, o II Congresso da Federação dos Sindicatos dos Transportes Urbanos e Rodoviários (Festru), que terá a participação de 220 delegados, em representação de 18 dos 19 sindicatos do sector.

Destes sindicatos, três não são federados mas participam activamente nas iniciativas da federação e acções comuns.

Os trabalhos do Congresso terão início às 14 e 30 de sábado e prolongar-se-ão por todo o dia de domingo. Além da análise da situação económica do sector, integrada no programa de acção da Festru, será debatida a situação social dos trabalhadores e da organização sindical.

O programa de acção foi analisado e discutido em mais de três centenas de plenários realizados no âmbito da preparação do Congresso, que mobilizou mais de 15 mil trabalhadores.

«Unir, organizar, lutar, por melhores condições de vida e prosseguir Abril», são os objectivos fixados para este Congresso, que porá a tónica na implementação de uma maior organização

sindical nas empresas.

Da ordem de trabalhos divulgada constam: a aprovação do regulamento de funcionamento; apresentação do relatório da CNOG; discussão e aprovação do relatório de actividades do Secretariado; discussão e aprovação das alterações aos Estatutos da Federação e ao Regulamento Eleitoral; discussão e aprovação do programa de acção; e eleição do Secretariado.

Um comunicado emitido pela Festru afirma que «a falta de uma política global de transportes e os ataques desferidos pelo Governo AD contra as empresas públicas do sector estão a comprometer fortemente a adopção de qualquer projecto válido de transportes a curto e médio prazo».

Os trabalhadores representados no Congresso, sublinha a Federação «não ficarão certamente sem dar uma resposta muito concisa à continuação de tal política, quer denunciando-a, quer reforçando a sua unidade e organização para lutar, dentro do movimento sindical unitário, por melhores condições de vida e pelos ideais de Abril».

Setenave

Tentativa de desbloqueamento dos salários em atraso

Os representantes dos trabalhadores da Setenave têm marcada para amanhã uma audiência com o ministro das Finanças, a fim de tentarem desbloquear o pagamento dos salários em atraso na empresa, segundo afirmou um porta-voz sindical.

Simultaneamente com a audiência, trabalhadores da Setenave irão concentrar-se junto ao edifício do Ministério das Finanças.

Os salários em atraso são os relativos a Dezembro e ao décimo terceiro mês. A administração da empresa pediu autorização ao ministro da Indústria para realizar uma operação intercalar com a

banca, que permita aquele pagamento.

A mesma fonte acrescentou que o ministro da tutela já assinou o despacho favorável a essa operação, mas falta a do ministro das Finanças, departamento governamental onde os órgãos representativos dos trabalhadores da Setenave consideram que a autorização «está bloqueada pelo seu responsável».

Na sexta-feira passada os trabalhadores da Setenave fizeram uma marcha para Setúbal, concentrando-se junto ao Governo Civil, onde foram recebidos e expuseram a sua situação e a da empresa.

Função Pública exige negociações de aumentos para 1983

A Comissão Negociadora Sindical (CNS) dos trabalhadores da Função Pública exigiu do Governo a reabertura imediata das negociações dos aumentos salariais para o sector.

Em comunicado, a CNS aponta aos delegados sindicais a necessidade de promoverem a aprovação e envio, ao Ministério da Administração Interna e aos sindicatos, de moções que, «denunciando a política do Governo, apoiem as exigências feitas pela comissão no sentido de serem reabertas as negociações».

O documento diz também que, apesar da insistência dos sindicatos, o Governo «inda não marcou com a Frente Comum uma

nova reunião de negociações».

«Esta atitude — considera a CNS — é ainda mais inadmissível quanto por outro lado o Governo se arroga o direito de aumentar vertiginosamente os preços de bens e serviços essenciais (contribuindo para degradar ainda mais o nosso salário real) e de aprovar decretos sobre a Função Pública, que não foram discutidos com os sindicatos, nem são do conhecimento dos trabalhadores — «funcionamento e esquema de benefícios da ADSE», «controlo da doença» e «criação do «centro de apuramento de custos e estatísticas da Segurança Social da Administração Pública».

TAP não negociou tripulação para o «Tristar»

A Direcção do Sindicato do Pessoal de Voo (SNPVAC) revelou que vai proibir «os seus associados de participarem na operação comercial do novo avião da TAP, L-1011 — «Tristar»».

Esta decisão, segundo a SNPVAC, vem na sequência da TAP não ter negociado a tripulação para este tipo de avião.

Referiu que a constituição das tripulações para cada avião novo da Transportadora Aérea Portuguesa tem que ser negociada com este sindicato.

Esta decisão visa, essencialmente, a composição do pessoal de cabina comercial — acrescentou.

O SNPVAC tem associados do pessoal de voo de cabina e alguns pilotos e técnicos de voos.

O primeiro voo comercial do L-1011 «Tristar» está programado para o próximo dia 20, na ligação com Londres e o segundo de 23 a 25, para Paris.

A nova unidade da Transportadora Aérea Portuguesa é entregue, amanhã, em Palmdale, na Califórnia, e tem a chegada prevista a Lisboa no sábado.

Estivadores açorianos em greve de zelo

Os estivadores do porto de Ponta Delgada entraram hoje no seu quarto dia de greve de zelo, destinada a pressionar o Governo Regional a aceitar a proposta sindical de garantia salarial para a classe.

Uma fonte portuária afirmou que esta situação, a manter-se por vários dias, prejudicará a operação regular dos navios que normalmente escalam Ponta Delgada.

A greve de zelo dos estivadores de Ponta Delgada foi classificada como com «falta de fundamento e ilegal», pelo Executivo Regional.

As negociações sobre o diferendo iniciaram-se há meses, continuando a divergir as posições sindical e governamental.

A decisão de reduzir o ritmo de trabalho no porto de Ponta Delgada foi tomada na segunda-feira, em plenário de estivadores.

Pelo pagamento de salários em atraso

Trabalhadores da CIFA concentraram-se ontem em Valonga

Os trabalhadores da Companhia Industrial de Fibras Artificiais (CIFA), nos arredores de Valongo, manifestaram-se, ontem, naquela vila, protestando contra a falta de pagamento dos salários de Novembro, Dezembro e do décimo terceiro mês.

Inicialmente concentrados junto da empresa, os trabalhadores dirigiram-se, em cortejo, para os Paços do Concelho, onde foram recebidos pelo presidente do município, João Dias, recentemente empossado.

A manifestação foi acompanhada por um forte dispositivo de praças da GNR transportados em carrinhas e armados de bastões e viseiras. No entanto, não se registaram confrontos entre os manifestantes e as forças policiais.

O presidente do município afirmou ter entrado em contacto com um dos administradores da empresa, para tentar ultrapassar a situação.

O administrador da CIFA contactado, Armando Magalhães, informou o responsável pelo município valonguense de que

não podia comparecer, ontem, na câmara, em virtude de ter agendada uma reunião com os restantes membros da administração da CIFA.

Informou, ainda, que está prevista para hoje uma reunião entre a administração da CIFA e representantes dos trabalhadores, para estudar medidas tendentes à resolução do problema.

João Dias disse, ainda, que a situação «era bastante delicada» e que a câmara não a pode resolver, propondo uma reunião tripartida entre a câmara e as duas partes interessadas.

Na CP

Decorrem negociações para o acordo de empresa

A administração da CP iniciou ontem negociações com os dirigentes sindicais sobre o acordo de empresas relativo a questões laborais.

A administração recebeu da parte da tarde uma delegação da Frente Sindical Independente e Democrática (conotada com a

UGT), que congrega cinco sindicatos: de Maquinistas, dos Trabalhadores de Trem e Revisão, do Pessoal de Estação, de Serviços e o Sindicato dos Economistas.

Esta frente sindical contrapõe à proposta da administração de um aumento salarial de 15 por cento, um montante global de 29 por cento.

Seguiu-se à noite uma reunião com a Federação dos Ferrovieiros, que pretende uma subida média dos salários equivalente a 29 por cento.

O Sindicato dos Quadros Técnicos da empresa deverá também reunir-se com a administração da CP na próxima segunda-feira.

Delegação da CGT francesa esta tarde em Belém

A delegação da Confederação Geral do Trabalho (CGT) francesa, chegada a Portugal na terça-feira reafirmou ontem, em Loures, a solidariedade com o movimento sindical português liderado pela CGTP-IN.

Segundo Henri Krasucki, o secretário-geral da central sindical francesa, que será recebido hoje, ao fim da tarde, pelo Presidente da República, as conversações em curso da CGT com a sua congénere portuguesa «são úteis para os trabalhadores dos dois países e para os próprios países».

Depois de uma reunião com o Secretariado Nacional da CGTP-IN na manhã de ontem,

os visitantes franceses estiveram, à tarde nas instalações da empresa vidreira Covina, na Póvoa de Santa Iria, Loures, e foram em seguida recebidos no edifício-sede do concelho.

A Covina, empresa nacionalizada com participação de uma outra francesa, por seu turno também nacionalizada pelo actual Governo de Paris, constitui, disse Krasucki «um potencial industrial nas mãos de uma classe operária bem organizada e que utiliza com inteligência e consciência as conquistas» do 25 de Abril.

Krasucki apresentou Loures como «um Município de esquerda de operários inspirados

pelos ideais progressistas e com a capacidade de gestão e administração característicos do movimento sindical», em Portugal como em França.

Na mesma recepção nos Paços do Concelho de Loures, o presidente da edilidade, Severiano Falcão, fez a caracterização económica e social daquela divisão administrativa, gerida por uma maioria APU depois das eleições de 12 de Dezembro.

Referiu a existência de 7 por cento de habitantes agricultores, «uma grande área industrial» de 36 por cento e um sector de comércio e serviços que emprega 56 por cento, com bairros de lata

que alojam 30 mil dos 300 mil munícipes.

As conversações CGT-CGTP, disse Álvaro Rana, do Secretariado da central portuguesa, evidenciaram a «solidariedade internacionalista» das duas organizações na troca de informações e experiências, na sequência do «apoio material e moral» que a segunda recebeu da primeira «desde há muito, nos anos da ditadura».

Além de Henri Krasucki, integram a delegação francesa Jones Galland, secretária do Bureau Confederal da CGT, Andres Martin, secretária da Comissão Feminina, e Françoise Masson, do Bureau Federal da Banca.

Sindicalistas ingleses

Encontra-se no nosso país a convite da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, o presidente do Awew-Tass (Sindicato dos Quadros Técnicos da Grã-Bretanha), Ken Gil e o respectivo secretário-geral, Paddy O'Reilly.

A delegação inglesa, que tem visitado empresas do sector e mantido contactos com dirigentes e activistas sindicais, chegou a Portugal no dia 10 e regressa ao seu país amanhã.

A delegação será hoje recebida pelo Secretariado Nacional da CGTP, na sede da central.

Conferência Afro-Americana

Apoio dos EUA à África do Sul condenado por Robert Mugabe

O primeiro-ministro Robert Mugabe, do Zimbábue, acusou os Estados Unidos de apoiarem a África do Sul com o argumento de «exigirem a retirada das tropas cubanas de Angola, como uma precondição para a descolonização da Namíbia» — indica de Harare, a agência AIM.

O primeiro-ministro zimbabueano falava na abertura da Conferência Afro-Americana que decorre em Harare, nas instalações da Universidade. Assistem a esta conferência inúmeros senadores americanos, representantes da comunidade negra americana, bem como Chester Crocker, o subsecretário de Estado americano para assuntos africanos.

No seu discurso proferido nesta conferência, organizada pelo Instituto Afro-Americano Robert Mugabe debruçou-se particularmente sobre a presente situação na África Austral.

Em relação ao problema da Namíbia, o dirigente do Zimbábue referiu como negativo o facto de a Administração americana ainda não ter exigido «a retirada sul-africana» de Angola. Por outro lado, lembrou que o regime de Pretória, depois de a SWAPO ter avançado no processo de negociações para a independência da Namíbia, ainda não respondeu sobre que tipo de sistema eleitoral deve ter lugar no território que agora ilegalmente ocupa.

Robert Mugabe advertiu a Administração americana, como membro mais activo do Grupo de Contacto para a independência da Namíbia, que pode vir a ser responsável pelo impedimento do processo de descolonização.

A Conferência Afro-Americana que está a decorrer na capital do Zimbábue, e que deve terminar, na próxima sexta-feira, conta com a presença de inúmeros representantes de governos africanos. O delegado de Moçambique deverá falar amanhã sobre o tema «África e a Opinião Pública Americana».

Inúmeras personalidades políticas e do mundo do negócio e da finança americana encontram-se igualmente em Harare.

Andrew Young, que na Administração de James Carter ocupava a posição de Chester Crocker, também se encontra presente entre os delegados.

De referir — sublinha a AIM — que, entre os representantes do governo americano aqui presente se nota uma maior preocupação em relação à presente situação de tensão existente na África Austral. Em conversas informais com os membros de governo da África Austral, eles têm referido essa preocupação, indicando que, este ano, a política externa da Administração Reagan pode vir a mudar substancialmente em relação à África do Sul.

Decisão no Outono

A NATO poderá reduzir o número de “euromísseis”

A RFA, embora reiterando a sua determinação em albergar mísseis da NATO, a partir de fins de 1983, precisou que a decisão final seria tomada no Outono, no âmbito da Aliança Atlântica e em função dos resultados das negociações de Genebra sobre os euromísseis.

Segundo a declaração oficial definindo a posição do chanceler Helmut Kohl e do ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher, o número de Pershing 2 e de mísseis de Cruzeiro instalados no solo da RFA dependerá assim dos resultados concretos das negociações americano-soviéticas que comecem em fins de Janeiro.

Esta posição, segundo o governo de Bonn, faz parte da dupla decisão da NATO de Dezembro de 1970. Esta prevê, por um lado, a instalação de 108 mísseis Pershing-2 e de 464 mísseis de Cruzeiro em cinco países da Europa Ocidental («RFA, Itália, Grã-Bretanha, Bélgica e Holanda») e, por outro lado, a abertura de negociações com a União Soviética tendo em vista «a limitação dos armamentos nucleares a níveis menos elevados nos dois campos».



Reagan lamenta profundamente que na sua árvore de Natal não tenham sido incluídos os mísseis «MX», cujos créditos «não passaram» no Congresso. (caricatura de Jim Borgman — Agência Friaque/«DL»)

Ao mesmo tempo, o governo Kohl considera que, no caso de uma instalação parcial na Europa Ocidental dos mísseis da

NATO, as negociações americano-soviéticas deveriam prosseguir, apesar de tudo, em Genebra, tendo em vista o desmantelamento total de todos os sistemas de mísseis, tanto soviéticos como americanos estacionados na Europa.

Para os observadores em Bonn, esta declaração oficial do governo de centro-direita de Kohl parece indicar que o número de 572 mísseis da NATO, a repartir entre os cinco países europeus escolhidos constitui agora um número máximo que, sem dúvida, será revisto no sentido decrescente.

É a primeira vez que de forma tão precisa um ministro membro do país da Aliança, directamente, envolvido, aborda abertamente a questão do número de mísseis a instalar, apontam os observadores.

O governo Kohl, segundo os meios políticos de Bonn, quis desta forma distanciar-se das acusações da oposição social-democrata segundo as quais os cristãos-democratas e liberais fazem campanha para as eleições de 6 de Março próximo a favor da instalação dos mísseis da NATO.

«Opção zero»

A Casa Branca reafirmou ontem a validade da «opção zero» nas negociações de Genebra sobre a redução dos euromísseis, no seguimento das informações segundo as quais o Kremlin estaria disposto a destruir alguns dos

seus SS-20 actuais mente apontados para a Europa.

«Discutiremos as ideias soviéticas que continuam a surgir» em Moscovo quando forem reatadas as negociações em Fevereiro, mas «a opção zero continua a ser a nossa principal proposta», disse Larry Speakes, por-voz da Casa Branca.

Por seu lado o ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Emilio Colombo, indicou em Londres que os ocidentais devem procurar um acordo intermédio entre as propostas soviéticas e a «opção zero».

Finalmente, um porta-voz da NATO anunciou oficialmente em Bruxelas que os aliados estão a estudar atentamente as propostas feitas em 6 de Janeiro corrente pelo Pacto de Varsóvia. É a primeira vez que a NATO atende nestes termos àquelas propostas.

Rostow demitido

Eugene Rostow, director da Agência Americana para o Controlo das Armas e o Desarmamento (ACDA), demitiu-se, anunciou um porta-voz da Agência.

Rostow, de 69 anos, que dirige a dupla negociação de Genebra sobre a redução dos armamentos estratégicos (START) e os euromísseis, tinha sido recentemente alvo de críticas da parte de senadores republicanos conservadores.

Angola e China estabelecem relações diplomáticas

Os representantes da China e de Angola assinaram, ontem, em Paris, um comunicado comum, anunciando, oficialmente, o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países, indicam na Embaixada da China em França.

O comunicado foi assinado em nome do Governo angolano pelo embaixador em Paris, Luís José de Almeida, e, do lado chinês, pelo encarregado de negócios, Wang Jin.

A assinatura deste texto põe um ponto final a vários meses de negociações sobre o estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e Angola. Este era o último país da África — exceptuando a África do Sul — com o qual a China não mantinha relações.

No entanto, os observadores não deixam de apontar que Angola não figura no programa de viagem do primeiro-ministro chinês, Zhao Ziyang, actualmente em África.

Pequim, recorda-se, tinha criticado, em 1975 e 1976, a presença no poder do MPLA (Movimento para a Libertação de Angola) em Luanda e tinha, então, concedido o seu apoio à FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) de Holden Roberto, e à UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) de Jonas Savimbi. No entanto, a

China, como afirma categoricamente Pequim, já não concede nenhum apoio a este último movimento.

O Governo chinês reclamou, formalmente, a retirada das tropas sul-africanas de Angola, no comunicado onde eram estabelecidas relações diplomáticas entre Pequim e Luanda, indicou, hoje, a agência Nova China, citada pela AFP.

O comunicado, assinado ontem, afirma, por outro lado, que o Governo angolano reconhece Taiwan como sendo uma parte «inalienável» do território chinês e o Governo de Pequim como «o único Governo legal representando todo o povo chinês».

Num editorial, publicado hoje, o maior jornal chinês — o «Renmin Ribao» («Diário do Povo») — prestou, por seu turno, homenagem ao apoio concedido pelo Governo angolano aos movimentos de libertação nacional da África Austral.

Mensagem do Gabão

Caso houvesse no Gabão opositores ao regime angolano, «seriam imediatamente expulsos», disse ontem, à chegada a Luanda, o primeiro vice-primeiro-ministro gabonês, Georg Rawiri.

Rawiri deslocou-se a Luanda, a fim de entregar ao

Vivas críticas na Conferência

O coordenador da Junta Governamental da Nicarágua, Daniel Ortega, lançou ontem em Manágua um apelo à «solidariedade» dos países Não-Alinhados e pediu-lhes que condenem as acções desenvolvidas pelos Estados Unidos para «desestabilizar e destruir» o seu país.

Numa alocução pronunciada na abertura da reunião ministerial do Movimento dos Países Não-Alinhados sobre a situação na América Latina e nas Caraíbas, o dirigente da Nicarágua denunciou a utilização, pelos Estados Unidos, do território hondurenho como «base de operações» contra o seu país, da Flórida «como centro de treino de antigos guardas somozistas» e da Costa Rica como «base política» para «desestabilizar e destruir a Nicarágua».

O comandante sandinista afirmou também que os EUA tinham «colocado agentes da CIA nas Honduras e na Costa Rica para dirigirem operações clandestinas contra a Nicarágua», facto que aliás, foi já confirmado por William Casey, o director da própria CIA.

Daniel Ortega condenou também a visita da primeira-ministra, Margaret Thatcher, ao território «ocupado» das Malvinas.

Ortega afirmou que a viagem da primeira-ministra britânica mostrava o «espírito de pirataria daqueles que se acham com direito a passear-se pelos mares da América como nos melhores tempos do capitão Morgan».

O líder sandinista acrescentou que, com essa viagem, se desprezaram os «direitos soberanos dos povos, agitando uma mensagem ameaçadora».

Num outro plano o coordenador da Junta da Nicarágua, propôs ao movimento Não-Alinhado que a dívida externa dos países em vias de desenvolvimento seja renegociada de maneira conjunta.

Essa dívida é uma «bomba-relógio» que desencadeará uma crise de consequências imprevisíveis.



Daniel Ortega

síveis, às quais os países credores não escaparão, previu o comandante Ortega.

O dirigente sandinista propôs igualmente a adopção, pelos Não-Alinhados, de princípios prevendo que o serviço da dívida externa dos países em vias de desenvolvimento não exceda uma percentagem determinada das suas exportações.

Fidel Castro

O ministro cubano dos Negócios Estrangeiros, Isidoro Malmeria, subiu depois à tribuna para ler uma mensagem enviada por Fidel Castro aos Não-Alinhados, na sua qualidade de presidente em exercício do Movimento.

O número um cubano voltou a pronunciar-se, nesta mensagem, a favor de uma solução política e negociada na América Central e fez votos para que a conferência expresse «a solidariedade e o apoio» do Movimento à Nicarágua.



ERGIO SAMPAIO

SALDA

TODOS OS ARTIGOS
DE FIM DE ESTAÇÃO
PARA HOMEM E SENHORA
BEM COMO TECIDOS.

ABERTO DAS 9 ÀS 19 HORAS

BOUTIQUE — AV. DA REPÚBLICA, 9-A
TELEFONE 543536



Anunciado em Paris

Estabelecem relações diplomáticas

presidente José Eduardo dos Santos uma mensagem do presidente do Gabão, Omar Bongo.

«As autoridades do Gabão não identificaram, nem detectaram, no seu território opo- sitores ao regime angolano, porque se isso tivesse acontecido, teriam tomado as dis- posições necessárias», acrescentou o vice- primeiro-ministro gabonês.

Rawiri condenou as agres- sões sul-africanas contra An- gola e manifestou a esperança de que seja rapidamente ul- trapassada a actual crise da Organização da Unidade Afri- cana, para cuja divisão o re- gime gabonês tem dado um bom contributo.

Rawiri entregou ao presi- dente angolano um donativo de 350 milhões de francos C.F.A., destinados às vítimas das agressões sul-africanas.

Cabo Verde- Espanha

O presidente cabo- verdiano, Aristides Pereira, declarou ao quinzenário «África-Asie», em entrevista distribuída ontem em Lisboa, que o seu país tem possibili- dades concretas de uma co- operação importante com a Espanha — refere à ANOP.

Os espanhóis dominam as técnicas de exploração agrid- cola das zonas vulcânicas,

obtiveram resultados interes- santes em Lanzarote, nas Can- árias, e estariam interessa- dos em valorizar a Ilha do Fogo — disse Aristides Pereira, que acrescentou que o Brasil também já se mostrou interes- sado em cooperar com Cabo Verde no combate às secas.

A paz e a estabilidade na África Austral são condições indispensáveis para que An- gola e Moçambique tomem iniciativas de ordem econó- mica, e para que consequen- temente se desenvolva a co- operação entre os diversos países africanos de expressão portuguesa — afirmou.

Petróleo e armas

Existe toda a probabilidade de a África do Sul obter uma capacidade de produção de 20 mil barris diários de petró- leo — noticiou «O Século» de Joanesburgo, citado pela ANOP.

O país também poderá con- seguir gás natural — dizem os responsáveis pela prospec- ção de hidrocarbonetos ao largo da costa Sul, designa- damente o director-geral da Agência Estatal Soekor, Piet Van Zyl.

Os resultados dos trabalhos realizados ao largo de Mossel Bay criaram grande expecta- tiva em diversas companhias petrolíferas internacionais, ao

mesmo tempo que também decorrem diligências para a prospecção nas proximidades da cidade de Durban, provin- cia do Natal.

As influências negativas do embargo que a comunidade internacional decretou contra o fornecimento de combustí- vel à África do Sul estão redu- zidas ao mínimo — escreveu «O Século» de Joanesburgo, que especificou a importância do projecto Sasol, pelo qual se obtém gasolina a partir do car-vão.

Por outro lado, a empresa estatal sul-africana de arma- mento deu por concluído no início do ano um novo carro de combate — como noticiou a Imprensa de Joanesburgo, ci- tada pela ANOP.

Trata-se de um carro blindado, destinado a apoio logis- tico, assente num conjunto de oito rodados e com o peso de 19 toneladas, pronto a ser manobrado por quatro ho- mens e com capacidade para dez toneladas de carga útil.

Chama-se ALSW-Ratel e está equipado com uma me- tralhadora de 12,7 milímetros. Atinge a velocidade de cru- zeiro de 90 quilómetros horá- rios e tem autonomia para mais de mil quilómetros. O novo carro pode ser utilizado no transporte de óleos, água, munições, mantimentos, ten- das de campanha e outro equipamento.

Por outro lado, independente da situação na América Latina — único inscrito na agenda — a questão da representação do Chade originou discussões por vezes muito fortes entre certos países africanos.

A Líbia, apoiada pelo Congo e Moçambique, nomeadamente, pediu sem êxito — que o lugar do Chade se mantenha vazio e que a delegação desse país, condu- zida pelo seu ministro dos Ne- gócios Estrangeiros, Idriss Mis- quini, não fosse autorizada a participar.

Colômbia quer pertencer aos Não-Alinhados

O governo colombiano do presidente Belisário Betancur considerou ontem «uma afirma- ção de soberania» o pedido de admissão da Colômbia no Move- mento dos Não-Alinhados.

«Trata-se — disse Betancur — de procurar novas solidaria- des com quem compartilha dos problemas de países como o nosso e ao mesmo tempo uma forma de manter o nosso próprio poder de decisão».

O ministro dos Negócios Es- trangeiros, Lloreda Caicedo, re- velou que está a ser analisada a possibilidade de restabelecer as relações diplomáticas com Cuba, cortadas em Março de 1981 pelo Governo de Turbay Ayala.

A vontade de restabelecer as relações existe da parte dos dois países — acrescentou o ministro — pelo que esse momento poderá estar para breve.

Campanha antibúlgara

Inocência de Antonov cada vez mais evidente

Os juizes que investigam o atentado de 1981 ao Papa fica- ram com uma impressão favorá- vel à tese da inocência do búl- garo Antonov após descobrirem novas incorrecções no testemu- nho do turco Ali Agca — noticiou a EFE citada pela ANOP.

O juiz Ilario Martella e o sub- stituto do procurado-geral, Franco Scorza, decidiram efectuar uma «visita» de surpresa à casa de Antonov em Roma a fim de comprovarem a veracidade das descrições feitas por Agca ten- dentes a provar que o cidadão búlgaro foi seu cúmplice no atentado.

Contudo, após um minucioso inventário que terminou ontem à noite, na presença dos advoga- dos de Antonov, Giuseppe Con- solo e Adolfo Larussa, e de do A.i Agca, Pietro D'Ovidio, os investigadores concluíram que, embora os pormenores da deco- ração da casa fossem correctos,

o mesmo não acontecia com a disposição das diversas divisões nem na orientação da mesma.

Esta discrepância no teste- munho de Agca, que atentou contra a vida de João Paulo II reverte a favor de Antonov, vice- director das Linhas Aéreas búl- garas em Roma, que se declara completamente inocente e diz nunca ter visto o autor do aten- tado.

Os advogados de Antonov sustentam que as declarações de Ali Agca constituem uma montagem destinada a implicar a Embaixada da Bulgária no atentado do dia 13 de Maio de 1981.

Ali Agca, por seu turno, diz que Ivanov Antonov e Teodor Aivazov, ex-contabilista da Embaixada búlgara, o acompa- nharam à Praça de S. Pedro no dia anterior ao atentado para ultimar com ele os pormenores do crime, afirmação desmentida

por numerosas testemunhas.

Espera-se esta semana a chegada a Roma do turco Cedar Celebi, extraditado pela Alema- nha Federal, onde foi detido sob a acusação de ter entregue di- nheiro a Agca para a «operação Papa».

Embora muitas provas pesem a favor de Antonov, a impressão dos observadores é de que os juizes não decidirão libertá-lo enquanto não interrogarem Ce- lebi, chefe de uma organização fascista, que agrupa numerosos turcos que vivem na República Federal da Alemanha.

Finalmente, espera-se tam- bém a resposta do juiz Martella à oferta feita pelas autoridades de Sófia para que ali se deslo- que e interrogue o turco Bekir Celenk, presumível implicado e sobre quem impende uma or- dem de captura por participação numa enorme operação de tráfí- cos de armas descoberto em Trento, no Norte de Itália.

RFA: novamente os nazis

Antigos membros das tropas de assalto hitlerianas Waffen-SS decidiram realizar uma concen- tração nacional nos dias 21 e 22 de Maio próximo em Bad Hers- feld (Hesse).

As pessoas convidadas fazem parte da Sociedade dos Antigos Soldados da 1.ª Unidade Blindada das Waffen-SS, precisou um porta-voz do município de Bad Hersfeld, que lhes alugou uma sala para o Congresso.

Segundo declarou, os antigos membros da Waffen-SS reu- nem-se regularmente uma vez por ano em Bad Hersfeld desde 1979, e não existe «qual-

quer razão jurídica» para proibir que lhes seja alugado um local público.

Na reunião do ano passado, aderentes da Federação Alemã Ocidental dos Sindicatos e vá- rias associações religiosas or- ganizaram uma contramanifes- tação que reuniu mais de um mi- liar de pessoas, à volta das pa- lavras de ordem: «A guerra nunca mais, fascismo nunca mais, fora os nazis».

Protesto contra a RDA

O governo alemão federal pro-

testou oficialmente contra a ex- pulsão pela RDA do correspon- dente permanente do seminário «Stern». Dieter Bub, no segui- mento do seu artigo sobre uma tentativa de atentado contra Erich Honnecker.

Segundo um comunicado ofi- cial, o ministro de Estado da chancelaria, Philip Jenninger, convocou o chefe da represen- tação permanente da RDA em Bona, Hans Schindler, para lhe comunicar o protesto do seu go- verno.

Lançou também um apelo ao governo da RDA para anular a sua decisão.

El Salvador

Fim da rebelião de Ochoa

O tenente-coronel salvadore- nho Ochoa Perez, comandante militar do Departamento de Cabanas (Norte do país), pôs termo à rebelião que tinha lan- çado a 6 de Janeiro, à frente do seu quartel, anunciou o presi- dente de El Salvador, Alvaro Magana.

Ochoa, chefe do quartel de Sensutepeque (80 km a Noro- este de San Salvador), deixou as suas funções. Não foi detido e, por ora, não é alvo de nenhuma sanção, precisou Magana.

O tenente-coronel tinha-se revoltado depois de saber que havia sido nomeado adido militar na Embaixada do Uruguai pelo ministro da Defesa, coronel Guil- lermo Garcia. Tinha reclamado então a demissão do ministro, acusando-o de «corrupção». Este tinha replicado que o motim era uma conspiração da extrem- adireita contra o governo, apen- tando os laços do oficial amoti- nado com o chefe da Aliança Republicana nacionalista (ARE- NA), major Roberto D'Aubuis- son.

Numa conferência de Imprensa, o chefe de Estado precisou que Ochoa não será enviado para o Uruguai. Receberá «novas fun- ções», indicou Magana, sem revelar mais dados.

Os outros comandantes milita- res, à excepção do chefe da Força Aérea e do chefe da Pri- meira Brigada de Infantaria, ti- nham condenado o motim.

Antes da conferência de Im- prensa do presidente Magana, e dando aparentemente funda- mento às afirmações de Garcia, Roberto D'Aubuisson considera recomendáveis as destituições do ministro da Defesa e do comandante sublevado. Esta foi precisamente a última condição posta por Ochoa para se render.

Prossegue a nova ofensiva da guerrilha

A «Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional» (FMLN), lançou ontem uma nova ofensi- va no distrito de Morazan, no

noroeste do país, ocupando a localidade de Cacaopera, situa- da próximo de San Francisco Gotera.

Segundo «Rádio-Vencere- mos», o órgão clandestino da guerrilha, «as forças estaciona- das na frente norte-oriental, Francisco Sanchez começaram as suas operações no quadro da ofensiva «Heróis Revolucioná- rios de Janeiro».

O ataque iniciou-se às primei- ras horas da manhã de ontem, com o cerco à localidade de Cacaopera, para acabar, a meio do dia, com o seu controlo com- pletos pelos guerrilheiros, preci- sou a emissora.

A FMLN já se tinha apodera- do, no passado domingo, da localidade de Tejutla, situada 70 km a norte da capital, no distrito de Chalatenango.

Relações aos Estados Unidos e a Declaração dos Não-Alinhados



Fidel Castro

Fidel reportou-se sobretudo a situação da América Central, «onde a exploração e a depen- dência estrangeira, a intervenção e a ocupação imperialista têm deixado, como consequência, arcaicas estruturas sociais». Acrescentou que, na América Central, também a misé- ria, a insalubridade e o analfabe- tismo impulsionam aos povos a «luta mais decidida por seus direi- tos democráticos e por um futuro melhor».

Fidel Castro destacou ainda que, perante isto, é necessário recordarmos as importantes pro- postas para soluções negociadas e políticas que tem sido apresen- tadas.

Sublinhou ainda, nesse senti- do, as propostas formuladas pela França e o México, dos presiden- tes do México e da Venezuela e pelas Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional e a Frente Democrática Revolucioná- ria (FMLN-FDR) de El Salvador, as quais considera «um caminho para a preservação da paz e o

respeito e soberania dos países da zona».

Após ter mencionado a «agres- são à Argentina nas ilhas Malvi- nas», Fidel Castro reiterou: «a essência guerreirista e rapace do imperialismo».

Também os representantes da Líbia e da Síria dirigiram violentas acusações contra «a política intervencionista de Washington em várias regiões do mundo», não apenas na América Central, mas também nas Malvinas, em Porto Rico, na Namíbia e no Lí- bano», conforme acentuou o de- legado líbio Ali Treiki.

Declaração de Manágua

Entretanto, prolongaram-se durante toda a noite, em comi-issão especial, os trabalhos de elaboração do texto final da «Declaração de Manágua», a apresentar à cimeira dos Não- Alinhados, a realizar em Nova Deli.

Vários países «moderados», como o Egipto, o Zaire, a Nigéria, o Senegal ou Singapura, inter- vieram, por várias vezes, du- rante os trabalhos da comissão, para conseguir um abrandamento do texto da Nicarágua em relação aos Estados Unidos.

Mas, segundo diversas fontes diplomáticas, o texto que será finalmente adoptado em comi-issão, pela regra do consenso, de- verá reproduzir em boa parte as conclusões do projecto de co- municado de Nicarágua e con- denar expressamente a «inge- rência» dos Estados Unidos neste país.

FÉRIAS NA MADEIRA

8 DIAS 100% AIR PORTUGAL

PARTIDAS TODOS OS DOMINGOS

INFORMAÇÕES E RESERVAS

abreu

LISBOA: Avenida da Liberdade, 160 Tel: 371.341
LISBOA: Avenida de Roma, 66 Tel: 803.609
PORTO: Avenida da Boavista, 207 Tel: 317.921
PORTO: R. Eug. Castro, 250 (Foco) Tel: 801.680
COIMBRA: Rua Sota 2 Tel: 270.116
FARO: Avenida da República, 124 Tel: 260.508
PORTIMÃO: R. Infante D. Henrique, 83 Tel: 275.28
FUNCHAL: Rua Gurgulho, 1 Tel: 3107.78

GRANDE CIRCUITO ITALIANO

9 DIAS

JAN 22 (CARNAVAL)
FEB 12 (PASCOA)
MAR 26 (PASCOA)

VIS TANGC

ROMA ASSIS FLORENÇA
PÁDUA VENEZA MILÃO PISA

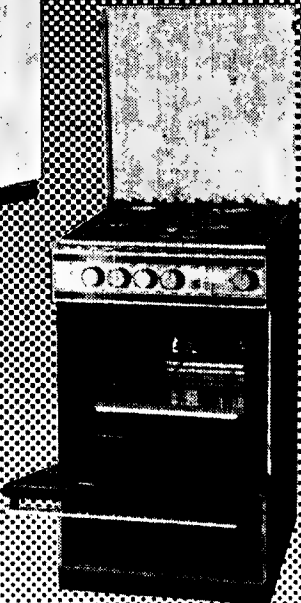
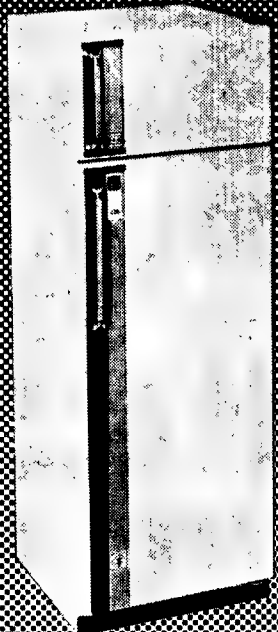
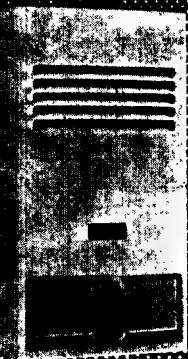
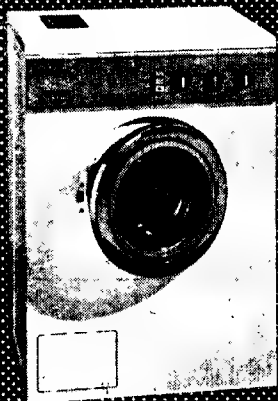
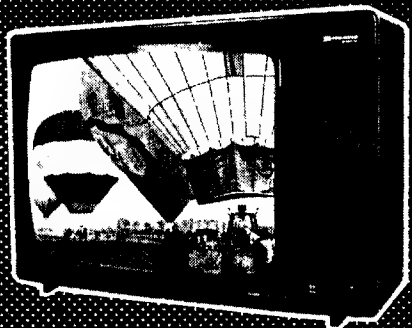
INFORMAÇÕES E RESERVAS

abreu

LISBOA: Avenida da Liberdade, 160 Tel: 371.341
LISBOA: Avenida de Roma, 66 Tel: 803.609
PORTO: Avenida da Boavista, 207 Tel: 317.921
PORTO: R. Eug. Castro, 250 (Foco) Tel: 801.680
COIMBRA: Rua Sota 2 Tel: 270.116
FARO: Avenida da República, 124 Tel: 260.508
PORTIMÃO: R. Infante D. Henrique, 83 Tel: 275.28
FUNCHAL: Rua Gurgulho, 1 Tel: 3107.78



grandes facilidades SEM AUMENTO DE PREÇO



M.L.FERREIRA
RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA

TRIBUNAL DA COMARCA DE SANTARÉM

ANÚNCIO

No dia 23 de Fevereiro, próximo, pelas 15 horas, no Tribunal desta comarca, e nos autos de Carta Precatória, vindos do 7.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, e extraída da Execução Sumária, que o Banco Pinto & Sotto Mayor, EP, move contra os executados, JOAQUIM GUERRA D'ALMEIDA e mulher, MARIA LEONTINA COELHO ALMEIDA, residentes em Verdelho - Alcanhões - Santarém, há-de ser posto em praça para se arrematarem ao maior lance oferecido, acima do valor indicado, uma arca frigorífica de 340 litros de capacidade, marca -IGNIS-, em bom estado, avaliada em 25 000\$00; um frigorífico de marca -ASPRE-, de 200 litros de capacidade, em razoável estado de conservação, avaliado em 15 000\$00; um televisor a preto e branco, em caixa fórmica, de 66 cm de ecran, marca -SAVANA-, em razoável estado, avaliada em 8000\$00, sendo depositários os próprios executados.

Santarém, 5 de Janeiro 1983.

O Juiz de Direito

Edmundo Gomes Marques

Per' O ESCRIVÃO DE DIREITO INT.º

Maria de Fátima Silva

-DL- - 13/1/83
1.ª Publicação

TRIBUNAL DA COMARCA DE LOURINHÃ

ANÚNCIO

No dia 22 de Fevereiro, pelas 15 horas, neste Tribunal, nos autos de carta precatória, n.º 153/82, vinda do 8.º Juízo Cível da comarca de Lisboa e extraída dos autos de Execução Ordinária n.º 4350, da 1.ª Secção, em que não exequente, o Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P., e executado José Menezes Felo Júnior, comerciante, residente em Ribamar, Lourinhã, há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado nos autos, de diversos objectos de utilidade e decoração.

Lourinhã, 7 de Janeiro de 1983.

O Juiz de Direito,

(José dos Santos Martins)

O Escrivao de Direito,

(Joaquim Pires Barbosa)

D.L. - 13/1/83
1.ª Publicação



Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

COMARCA DE COVILHÃ
ANÚNCIO

2.ª Publicação

para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 2.ª secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado dr. José Henrique

Coelho Belo Gonçalves, residente na Rua Joaquim Bonifácio, 14-D.º F.º - LISBOA, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por BANCO BORGES & Irmão, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados. Covilhã, 4 de Janeiro de 1983.

O Juiz de Direito,

as) ANTÓNIO FERNANDO DA SILVA SOUSA GRANDÃO

O Escrivao Adjunto,

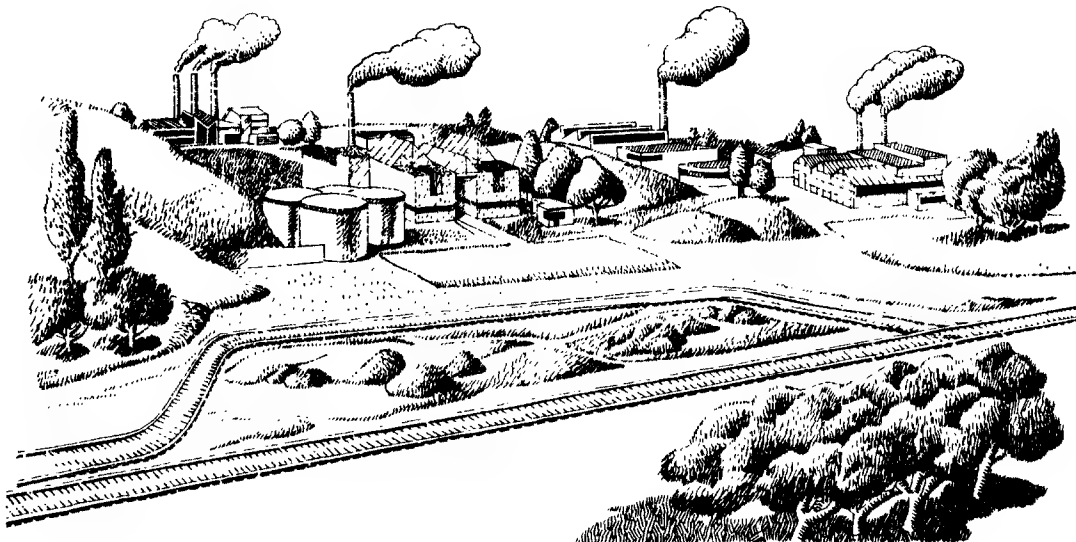
as) JOSÉ FERNANDES

ENSINE O SEU FILHO

Se o seu Filho for para a Escola ou regressar, já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



o transporte ferroviário representa uma grande economia no escoamento dos seus produtos

O título deste anúncio não pode deixar de o interessar, a si, empresário ou gestor. Porque é simples provar a afirmação nele contida. É tudo questão de contas. Contas, à rapidez e eficácia do caminho de ferro. Contas, ao custo por produto transportado. Argumentos muito fortes quando se trata, por exemplo, de construir uma nova unidade industrial. Situa-la perto da via férrea é ligá-la a todo o país e ao mundo, da forma mais racional e económica.

ramal particular

A estes cálculos junte a facilidade de ter um ramal particular nas suas instalações fabris onde tudo é carregado e descarregado. A CP dá-lhe o apoio técnico especializado estudando o projecto, analisando as melhores condições. Você faz contas e ganha mais. Porque os transportes são decisivos na determinação do lucro. Porque o transporte ferroviário é mais económico. Consulte os nossos serviços.



os caminhos de ferro também são caminhos de economia

Ao tomar posse como presidente do CG

Morbey Rodrigues garantiu que a TAP "é para continuar"

O novo presidente do Conselho de Gerência da TAP, Morbey Rodrigues considerou, ontem, a transportadora aérea nacional como um «importante instrumento da política portuguesa no mundo» pelo que garantiu a sua disposição para lhe dar «um novo ímpeto».

«A palavra de ordem vai ser — disse ao ser empossado no cargo — procurar por todos os meios legítimos a revitalização da companhia e a sua dinamização de modo a preencher de forma mais eficiente as tarefas que lhe estão confiadas.»

«É preciso tornar bem claro que não existem intenções camufladas, disse Morbey Rodrigues, acrescentando:

«É preciso tornar bem claro que uma empresa como a TAP é para continuar» e que, «se outra fosse a directriz não seria, de modo algum», ele «quem dela se ocuparia». É preciso provar que a TAP «vale a pena», disse o antigo

administrador da Phillips Portuguesa. E, para isso, deve ter-se presente que um futuro próspero para a TAP requer «trabalho árduo, sacrifícios, afino, competência e honestidade».

Trata-se de uma tarefa, salientou, que cabe a todos que nela quiserem colaborar «de todos, pessoal e Conselho de Gerência, para que em conjunto levemos a bom termo a responsabilidade que nos incumbe».

Morbey Rodrigues, depois de analisar a crise da aviação comercial as condicionantes que a determinam, defendeu a necessidade de «uma agressiva política comercial que tenda a alcançar melhor quota-parte do mercado e o melhor rendimento possível da capacidade disponível», trabalhando para que «o passageiro aéreo dê a sua preferência à TAP», transformando-a na «mais segura e mais pontual das companhias aéreas» e assegurando «um

serviço de atenção ao cliente perfeitamente impecável».

Apoio do Governo compatível com as disponibilidades

Além de Orlando Morbey Rodrigues, que há poucos meses se aposentara da Phillips, onde exercera o cargo de presidente durante vários anos, foram também empossados, como membros do Conselho de Gerência, Fernando Próspero Luís e Luís Filipe Caldeira da Silva.

No acto da posse, o ministro dos Transportes em exercício, Viana Baptista, disse ser necessário ter «a consciência realística de que o apoio governamental terá de ser compatibilizado entre as desejáveis imposições de serviço público e as disponibilidades da economia nacional».

Viana Baptista sublinhou como tarefa da nova administração da transportadora aérea nacional «fazer o balanço do realizado face ao

planeado». Salientou que se impõe «realismo e determinação na competitividade», para o combate da situação crítica em que se encontra a aviação comercial, tanto a nível internacional, como nacional.

Tais atitudes, disse, impõem-se aos que se «empenham em viabilizar uma empresa pública tão importante como a TAP». E «viabilizar não se pode resumir a injecções indiscriminadas de meios financeiros», mas implica sim «um renovado espírito de competição que promova o crescimento do tráfego e da tarifa média, o acesso a novos mercados, o reforço dos padrões de qualidade».

«Será indispensável que todos os trabalhadores da empresa e os responsáveis das suas organizações representativas assumam tal programa como um meio de salvaguardar os seus postos de trabalho e desenvolver um importante instrumento da política económica portuguesa».

Comércio externo perdeu 300 milhões de contos de Janeiro a Setembro

O Comércio Externo português perdeu cerca de 300 milhões de contos em apenas nove meses do ano passado — Janeiro a Setembro. Tal foi o défice da balança comercial que, amenizada pelas remessas de emigrantes e outros serviços favoráveis a Portugal, contribuiu drasticamente para que a balança de transacções correntes acusasse um saldo negativo de 193 milhões de contos, nos primeiros nove meses.

Estes números foram tornados públicos pelo Banco de Portugal que adiantou como previsão para a totalidade do ano passado, de um défice da balança de transacções correntes da ordem dos três mil milhões de dólares (270 milhões de contos), contra 2,6 mil milhões no ano anterior.

Nos primeiros nove meses de 1982 as remessas dos emigrantes atingiram 186 milhões de dólares (153 171 milhões de escudos) e o saldo do Turismo 464 milhões de dólares (36 609 milhões de escudos).

O défice da balança portuguesa de transacções correntes, expresso em dólares, agravou-se 31 por cento nos primeiros nove meses de 1982, relativamente a igual período de 1981.

Naquele período de 1982 o défice foi de 2619 milhões de dólares contra 1998 em idêntico pe-

ríodo de 1981.

O agravamento do défice da balança de transacções correntes resultou, fundamentalmente, da queda das remessas dos emigrantes e das receitas do turismo e de um agravamento do défice da balança dos serviços e rendimentos, particularmente em virtude dos rendimentos de capitais (défice de 798 milhões de dólares) e da balança de transportes (défice de 239 milhões).

Em contrapartida verificou-se uma estagnação do défice comercial, que passou de 3951 milhões de dólares nos primeiros nove meses de 1981 para 3978 milhões em idêntico período de 1982.

Nestes dois períodos as remessas dos emigrantes, expressas em dólares, registaram uma quebra de 8,2 por cento e o saldo positivo da balança turística também registou uma forte queda (22,4 por cento).

O maior agravamento verificou-se na balança de serviços e rendimentos, com um défice de 686 milhões de dólares nos nove primeiros meses de 1982, contra 250 milhões em idêntico período de 1981.

Os rendimentos de capitais (em grande parte encargos com a dívida externa) passaram de um défice de 608 milhões de dólares para 798 milhões.

Segundo um porta-voz oficial francês

As negociações Portugal/CEE deveriam terminar brevemente

O ministério francês dos Assuntos Europeus entende que «não seria razoável prolongar por mais alguns meses as negociações de adesão «de Portugal à CEE». Quem o disse foi um porta-voz oficial daquele ministério que ontem participou, em Paris, num encontro com jornalistas portugueses e espanhóis para esclarecer a posição francesa sobre o alargamento do Mercado Comum.

Segundo a mesma fonte «os principais problemas com Portugal já foram resolvidos» encontrando-se actualmente o processo de adesão de Portugal mais avançado do que o da Espanha. Apesar desta situação, que surgiu da complexidade dos problemas inerentes às negociações com os espanhóis, o Governo francês considera que a adesão simultânea dos dois países seria de desejar.

No entanto, o avanço ganho por Portugal é real e o porta-voz francês, que pediu para não ser identificado, considerou que, nestas condições, «não seria razoável prolongar por mais alguns meses as negociações de adesão» com o nosso país.

As informações assim fornecidas aos jornalistas mais uma vez

deixam perceber que Paris não veria com maus olhos uma adesão portuguesa separada e anterior à adesão espanhola. A questão não é porém pacífica já que diversos países têm manifestado a sua oposição a uma adesão solitária desse tipo e, como se sabe, a aceitação de novos membros no seio da CEE exige a aprovação a unanimidade dos actuais «Dez».

A reunião de ontem que em princípio deveria ter feito alguma luz sobre as teses francesas relativas à «adesão por etapas» parece todavia não ter esclarecido grande coisa.

O Ministério dos Assuntos Europeus francês limitou-se a entregar aos jornalistas um documento que, pelos relatos das agências, apenas repete o que já se sabia sobre o estado actual das negociações para o alargamento da comunidade.

Estado das negociações

No que se refere a Portugal, o documento recorda que «cinco capítulos foram solucionados durante a sessão ministerial de negociações de adesão, em 22 de Fevereiro do ano passado: os transportes, movimentos de capi-

tais, política regional, o Euraton, questões económicas e financeiras, com excepção da inclusão do escudo na Unidade de Conta Europeia (ECU).

O documento afirma que a negociação dos outros dossiers se encontra já avançada. Sobre o direito de estabelecimento e a livre prestação de serviços, falta resolver a questão do controlo dos investimentos comunitários directos em Portugal, no período pós-adesão.

A União adverte no sector industrial e a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço são os dois únicos pontos que ainda não foram solucionados.

O referido documento adianta que se trata de duas questões de menor importância, uma vez que as autoridades portuguesas aceitaram impor uma certa disciplina nas suas exportações de têxteis, durante os períodos de pré e pós-adesão.

No capítulo das relações exteriores — diz ainda o documento — Portugal deverá tomar posição sobre as restrições quantitativas que deseja manter, a título provisório, em relação ao Japão.

No que respeita à fiscalidade, a comunidade deverá, finalmente, definir a sua atitude sobre as ta-

xas do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA), que Portugal deseja introduzir para certos produtos alimentares e certos produtos agrícolas. O regime especial do IVA para a Madeira e Açores deverá ser igualmente precisado.

Na sua parte final sobre o problema da adesão portuguesa, o documento francês, preparado pelo Ministério dos Assuntos Europeus, diz o seguinte: «Só ficaram portanto por discutir os seguintes dossiers: — Os assuntos sociais — é muito provável que a Comunidade possa apresentar dentro em breve uma declaração de fundo que, permita fazer avançar de maneira substancial as negociações neste capítulo.

— A agricultura — capítulo no qual a França aceitou participar na altura da sessão ministerial em 21 de Setembro de 1982, e para o qual, a França propõe, essencialmente para a fruta e para os legumes, um período de transição por etapas condicionais. Essa proposta, que tem por finalidade preparar a agricultura portuguesa para o choque da sua integração no Mercado Comum, foi objecto de discussões prolongadas entre os dez estados membros da actual comunidade».

Para ser discutido em Março

Alípio Dias quer OGE ainda mais restritivo

O secretário de Estado do Orçamento, Alípio Dias, disse ontem que o Orçamento do Estado para 1983, «por não ter sido ainda aprovado, deverá ser retocado no sentido de uma maior restrição da despesa pública».

Em declarações à Rádio Renascença, Alípio Dias salientou que «algumas medidas de política fiscal previstas no OGE para 1983 não estão ainda em vigor, o que tem provocado uma perda de receitas fiscais».

«Esta perda de receitas fiscais impõe que esse Orçamento seja retocado numa via de restrição da despesa pública» — afirmou.

Alípio Dias frisou que o Imposto de Transacções está a ser aplicado na generalidade dos ar-

tigos a uma taxa de 15 por cento, quando o Orçamento do Estado para 1983 previu a sua elevação para 17 por cento».

Paralelamente, segundo disse, «a não eliminação de alguns artigos da lista 1 (isentos do Imposto de Transacções) tem contribuído também para a perda de receita fiscal».

O secretário de Estado salientou que uma das preocupações do próximo Governo deverá ser a de «retomar e retocar o Orçamento do Estado previsto para 1983 tão rapidamente quanto possível e será desejável que isso aconteça até finais de Fevereiro para posterior discussão e votação na Assembleia da República».

Ainda o crédito à habitação

Aumentos das taxas de juro atingem poucos contratos

Os aumentos das taxas de juro em vigor desde Abril do ano passado só se repercutiram numa muito pequena parcela dos empréstimos para aquisição de casa própria concedidos pelas instituições de crédito nos últimos anos. Segundo afirmou ao «DL» o director dos Serviços de Crédito à Habitação da Caixa Geral de Depósitos, dr. João de Matos, as taxas de juro relativas aos mais de 150 mil empréstimos concedidos por aquela instituição, para esse efeito, ao abrigo dos decretos 515/77 e 435/80 não sofrerão qualquer alteração.

O aviso do Banco de Portugal publicado no «Diário da República» do passado dia 10 e (que determinava o aumento das taxas de juros aplicáveis às operações de crédito à habitação celebradas ao abrigo do regime definido no Aviso n.º 18 de 13 de Outubro de 1977 e nos avisos de 27 de Julho de 1978 e 12 de Fevereiro de 1980), aplica-se exclusivamente aos empréstimos regulamentados por estes avisos e não a quais-

quer outros.

Para a CGD, são assim carecidas de fundamento as notícias divulgadas nos últimos dias em alguns jornais, segundo as quais as taxas de juros de todos os empréstimos relativos à aquisição de habitação própria seriam aumentadas a partir do próximo dia 15.

Ao que nos afirmou o dr. João de Matos, aquele aviso do «DR» só incidirá (de uma forma ainda em estudo) em cerca de 7 mil contos (no caso da CGD), e que contraiu esse tipo de empréstimos estava informado de que as taxas previstas nos contratos eram passíveis de actualização.

O agravamento das taxas de juro decidido em Abril do ano passado, e a quele que provavelmente entrará em vigor logo após a posse do próximo governo, têm no entanto graves repercussões nas novas operações de crédito à habitação, pelo que o seu número está a diminuir de uma forma muito acentuada.

Segundo a Associação Industrial Portuguesa

Não há «política económica coerente»

A Associação Industrial Portuguesa (AIP) considerou ontem «insustentável» e «particularmente grave» a inexistência de um Orçamento Geral do Estado para 1983.

Em comunicado onde se pronuncia sobre a actual situação política e económica, a AIP salienta que ela impede a «concretização de uma estratégia global e determinada, nesta fase crucial de negociações com a CEE».

A AIP sublinha que parece assim «cada vez mais longínqua a perspectiva de um ataque de fundo aos problemas estruturais da economia portuguesa», acrescentando que se continua «tão somente a gerir a crise e a con-

juntura — e infelizmente nem sempre bem — alimentando simultaneamente as contradições de funcionamento em Portugal da economia de mercado».

«A instabilidade política acentua a quase exclusiva preocupação dos responsáveis com o imediato, com meras soluções de expediente, sendo sucessivamente adiadas as reformas estruturais» — acentua a AIP.

O documento refere ainda que o País está «continuamente estagnado, enquanto se deterioram as condições económicas, sociais e políticas do viver colectivo».

«A falta de uma política económica coerente — prossegue o

comunicado — que ultrapasse o curto prazo e constitua para os empresários um arco de referência credível, limita inevitavelmente as possibilidades de estes dispor de um horizonte temporal compatível com as decisões de investimento produtivo».

A AIP considera ser seu dever dirigir um alerta à opinião pública em geral e aos dirigentes políticos em particular, na medida em que se agravam, ainda mais, os riscos de inviabilidade, da promoção do progresso dos sectores nacionais da indústria e dos serviços, actividades que hoje representam a esmagadora maioria da riqueza nacional».

Para a Associação Industrial Portuguesa, «só através de um diálogo construtivo e permanente entre sindicatos, empresários e governo se torna possível, em democracia, encontrar as soluções adequadas para ultrapassar as mais difíceis situações».

«É imperioso e urgente que as forças políticas se entendam no dotar o país das condições necessárias ao exercício efectivo de um poder político democrático susceptível de definir e implementar as estratégias de fundo e as reformas estruturais, que não podem continuar a ser proteladas» — conclui o comunicado.



DESPORTO

ponta esquerda

Santos Ruivo defendido pelo Conselho de Arbitragem

O Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Santarém acusa a direcção do Sporting de tentar transferir a responsabilidade da derrota «leonina», no domingo, em Guimarães para o árbitro Santos Ruivo.

O Conselho, ao qual pertence o árbitro que apitou o encontro disputado no Municipal de Guimarães e em que o Sporting foi derrotado por 4-1, respondeu em comunicado a uma posição da direcção «leonina» que acusou Santos Ruivo de ter prejudicado a equipa de Alvalade.

O órgão da arbitragem da Associação de Santarém repudia a atitude que considera pretender manchar a actividade de um bom árbitro de futebol, o qual, segundo aquele Conselho, toda a crítica da especialidade foi unânime em elogiar pelo trabalho desenvolvido em Guimarães.

A direcção do Sporting anunciara terça-feira ir providenciar para que Santos Ruivo não voltasse a dirigir jogos com a equipa «leonina».

Para o Conselho de Arbitragem de Santarém, esta atitude é uma tentativa de transferir para o árbitro um inóculo desportivo, o que classifica de hábito estafado.

Veiga Trigo: adeus aceite

O Conselho Nacional de Arbitragem, decidiu aceitar o pedido de demissão formulado pelo árbitro Veiga Trigo, do Conselho Regional de Beja. Veiga Trigo havia pedido a demissão da arbitragem, aos 31 anos, na sequência da nomeação de Rosa Santos, outro árbitro de Beja, para o preenchimento da vaga deixada em aberto por António Garido no quadro internacional. A atitude de Veiga Trigo baseou-se na classificação da última temporada, em termos gerais, que lhe conferia a primazia para o preenchimento do lugar.

Árbitro agredido em Espanha: castigo drástico ao agressor

Um futebolista espanhol foi suspenso por quatro anos por ter agredido o árbitro com um soco e um pontapé nos órgãos genitais. José Aguado (jogador do Murchante, equipa do campeonato regional) não gostou que o árbitro Lopez Perez tivesse assinalado uma grande penalidade, no dia 2, contra a sua equipa, que defrontava a do Azkoyen e vencia por 2-1, a oito minutos do fim.

Aproximando-se do árbitro, José Aguado socou-o e deu-lhe um pontapé nos órgãos genitais o que imediatamente suspendeu o jogo para o árbitro ser transportado ao hospital.

A Comissão de Disciplina da Associação de Futebol de Navarra puniu o jogador com quatro anos de suspensão da actividade e deliberou que o jogo prosseguisse com a marcação da grande penalidade e se cumpram os oito minutos que faltavam.

Académico de Coimbra: estatutos alterados

A assembleia geral do Clube Académico de Coimbra (CAC) aprovou alterações aos estatutos da colectividade propostas pela actual direcção. Foram introduzidas 22 alterações, que suprimem, eliminam ou modificam outras tantas disposições do ordenamento jurídico do clube. Ezequiel Umbelino (presidente da direcção do CAC) fez uma resenha da actividade dos actuais corpos gerentes e agradeceu a todos os que colaboraram com a direcção, designadamente o treinador Mário Wilson e os jogadores da equipa de futebol principal.

Alvorense: «chicotada»

O Alvorense (de momento na penúltima posição na série F da III Divisão) tem novo responsável técnico: o veterano Lecas, ex-futebolista do Portimonense, que substitui o seu antigo companheiro de clube, Afonso.

Best: uma tarefa e hospital

O antigo ídolo do futebol britânico George Best, encontra-se hospitalizado, na sequência de uma briga, verificada terça-feira num bar de Londres.

Best foi presente na terça-feira ao tribunal, onde declarou a sua insolvência para pagar impostos atrasados. À noite deslocou-se a um «pub» para «esquecer as penas».

Best entrou no bar cerca das 23 horas acompanhado da sua amiga preferida, a loura Mary Stavis, ex-«miss» Mundo. Pouco tempo depois gerou-se uma violenta briga, durante a qual alguém desfez um copo de cerveja na cabeça de George Best, que começou a sangrar com abundância.

A antiga rainha de beleza correu a chamar a Polícia e o antigo futebolista foi transportado ao Hospital de Westminster, onde levou vários pontos. Segundo a melhor amiga de Best, ele não teve a culpa do que se passou porque «só bebeu um refresco».

Nikki Lauda: outra operação

O piloto austríaco de Fórmula 1 Niki Lauda foi operado ao olho direito, no Rio de Janeiro. A operação verificou-se porque Lauda, duas vezes campeão mundial de Fórmula 1, temia ficar cego devido a ter a pálpebra do olho direito muito descaída, o que originava uma má irrigação da córnea.

O cirurgião brasileiro que operou Lauda retirou-lhe tecidos da zona posterior da orelha esquerda para implantar na pálpebra.

A operação não impedirá Niki Lauda de participar no Grande Prémio do Brasil, que se disputa no circuito de Jacarepagua, em 23 de Março.

Levski vence em Alvalade

O Sporting foi ontem à noite derrotado (por 1-3) no Estádio de Alvalade, em jogo de futebol particular com o Levski, da 1.ª Divisão búlgara. Os actuais comandantes do campeonato búlgaro, que estagiam em Portugal, venciam ao intervalo por 2-1, com a equipa de Alvalade jogando com a sua formação principal.

A superioridade da equipa búlgara foi evidente e o resultado espelha o que sucedeu no estádio de Alvalade, onde esta época o Sporting já eliminou búlgaros da CSKA da Taça dos Campeões Europeus.

Foi o Sporting a abrir o activo (aos 14 minutos) por Manuel Fernandes, mas a equipa de Sófia igualou seis minutos depois, por intermédio de Chazdov. Aos 32 minutos, o Levski colocou-se na posição de vencedor, com um tento de Fsekov. No 2.º tempo, o jogo decaiu quando o Sporting fez seis substituições e o Levski três. Mas os búlgaros aumentaram a vantagem para o 3-1 final, logo aos 47 minutos, por Cuzdov.

Sob arbitragem de Vítor Correia, as equipas alinharam:

SPORTING: Meszaros (Melo 45); José Eduardo, Kikas, Festas e Mário Jorge (Bastos 45); Zezinho (Bastos 45), Xavier, Nogueira; Manuel Fernandes (Freire 45), Oliveira (Kostov 45) e Jordão (Lito 45).

LEVSKI: Michelov; Nilolov, Pekolov, Coev e Granchazov;



Festas interceptado em falta no treino da selecção

Chazdov, Ischenov (Gzigozov 74) e Cizakov; Cuzdov (Uslev 74), Fsekov (Denchev 74) e Spazov.

Cartão amarelo para Pekolov (28) e Nogueira (49).

Nogueira, Festas, Lito, Mário Jorge e Bastos foram os sportinguistas mais destacados, num jogo que prolongou a má exibição global dos verde-brancos, em Guimarães.

Foi um jogo extremamente monótono, com a plateia deserta, a uma hora incompreensível (2 e 30) e, para cúmulo, com péssima arbitragem, uma vez que Vítor Correia desconheceu duas grandes penalidades e favoreceu nitidamente (provavelmente por acaso) a turma da casa.

Farense perde com o Arménia

O Farense (guia da Zona Sul do campeonato da 2.ª divisão) foi ontem à noite derrotado (por 1-3) pelo Arménia Bielefeld, 8.º classificado do campeonato da 1.ª divisão da Alemanha Federal, em jogo particular disputado em Faro. Ao intervalo as equipas estavam empatadas a um gol.

O Farense marcou primeiro (aos 2 minutos) por Alberto, após um cruzamento sobre a área e defesa em falso do guarda-redes alemão. Schroder empatou (aos 33 minutos) na sequência de uma desatenção da defesa algarvia. No tempo complementar, as equipas substituíram quase todos os jogadores que fizeram alinhar de início. Os alemães adelantaram-se no marcador (aos 59 minutos) por Rantiainen e Riedl fixou o resultado (aos 79 minutos) com um remate forte à entrada da área.

Sob arbitragem de Fernando Mendes, as equipas alinharam:

Farense: Tavares; César, Meneses, Antero e Alinho, Alves, Nelinho e Rogério; Campos, Alberto e Herbert. Na 2.ª parte Jorge, César, Meneses, Leonardo e Alinho; Óscar, Skoda e Mário Ventura; Joel, Vital e Alberto.

Arménia: Isoahao; Geils, Pohl, Hype e Wohlers; Schnier, Reiss Riedl; Grillenneier, Schroder e Buscher. Alinharam ainda, no 2.º tempo, Rantiainen, Olli Gregor e Herlmat.

Reservas lisboetas

Disputou-se, ontem, a 3.ª jornada do Torneio Extraordinário de Reservas da AFL. Resultados: Sporting - Belenenses, 3-3; Odivelas - Benfica, 3-3; Atlético - Torrensense, 0-1; e Estoril - Sacavenense, 4-3.

Castigos, castigos

Frasco e Costa (do FC Porto) foram punidos com dois e um jogo de suspensão, pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol.

Costa foi suspenso ao quarto cartão amarelo da jornada do passado dia dois, enquanto Frasco via o 4.º e 5.º cartões nessa jornada e na seguinte.

Gomes (líder dos marcadores do campeonato) foi advertido, enquanto Jerónimo (do Amora) foi também sancionado com um jogo de suspensão. O Alco-baça viu dois dos seus jogado-

res suspensos por um jogo (Oliveira e Guimarães) por acumulação de cartões amarelos na jornada do passado domingo em que o último da tabela se deslocou às Antas. Vítor Madeira (Estoril) também foi suspenso por uma partida ao atingir o quarto cartão amarelo e o mesmo castigo foi aplicado a Carlos Alberto (Portimonense), Guedes (Braga) e Barbosa (Boavista).

Carlos Manuel (do Benfica) foi repreendido por escrito.

Franchi aponta «mundial» para terras brasileiras

Aménio Franchi pronunciou-se em Split (na Jugoslávia), a favor da organização do campeonato mundial de futebol de 1986 pelo Brasil. Durante um seminário de dirigentes do futebol, que se está a realizar naquela cidade jugoslava, o presidente da UEFA afirmou que o Brasil «tem as maiores possibilidades» de ser designado como país-sede do «mundial» de 86. Franchi disse ainda estarem praticamente postas fora de causa as candidaturas do Canadá e dos Estados Unidos, não se pronunciando, porém, sobre a do México, também candidato oficial à organização da fase final da prova máxima do futebol mundial. Aménio Franchi acrescentou que a Itália tem maiores possibilidades que a França ou que a União Soviética para organizar o campeonato em 1990.

México não desiste

O sorteio para o quarto cam-

Taça Moura Machado

O Famalicão vai receber (domingo) a Taça Moura Machado referente à vitória no torneio da divisão de honra da Associação de Futebol de Braga. A entrega do troféu será no intervalo do jogo Famalicão - Gil Vicente, a contar para a 14.ª jornada do campeonato da 2.ª divisão, Zona Norte. Moura Machado, cujo nome foi inscrito no referido troféu, foi dirigente da Associação de Futebol de Braga durante cerca de 30 anos.

Wilson filho vai à faca

O médio Mário Wilson, que tem tido várias lesões no Clube Académico de Coimbra, será operado hoje, em Lisboa ao «tendão de Aquiles», pelo dr. Camacho Vieira. Trata-se do terceiro atleta do CAC a «ir à faca», esta época, pelo mesmo motivo, estando os extremos Aquiles e Ibraim, ainda em fase de recuperação, após terem sido operados no Hospital Universitário de Coimbra.

Stromberg chega sábado

O sueco Stromberg, recentemente contratado pelo Benfica, chega sábado a Lisboa. Júlio Borges, chefe do Departamento de Futebol do Benfica, declara que a documentação referente ao médio de ataque sueco «está toda legal. Depois das formalidades burocráticas, que podem durar, no máximo, seis dias, Stromberg estará apto a jogar pelo Benfica quando o treinador o entender», salienta. Stromberg fez parte da equipa do Gotemburgo.

Guimarães vai ver Portugal

Foi marcado para Guimarães (a 15 de Fevereiro) o jogo entre as selecções principais de Portugal e da França (embate particular).

MICROSCÓPIO

Andebol vai recordar pioneiros

No decorrer de um jantar, que terá lugar na segunda-feira às 19 horas, no restaurante do Estádio do Restelo, os pioneiros do andebol português que tanto contribuíram para a divulgação da modalidade, vão reunir-se numa jornada de confraternização e amizade. Além de antigos jogadores, que participaram nos primeiros encontros internacionais, a reunião deverá ter a participação de dirigentes da Federação e Associação de Lisboa, assim como dirigentes de clubes, seleccionador e jornalistas da especialidade.

colunáveis



Jorge Nuno Pinto da Costa trouxe uma nova dinâmica ao desporto português, pugnando, decisivamente, pelo incontestável direito de (pelos menos) o bloco de clubes do Norte ser respeitado e promovido de modo idêntico ao seguido durante anos para com o Sul, especialmente, a nível de federações das várias modalidades. Também no processo de desbloqueamento das relações entre a RTP e os clubes com futebol profissional o presidente do F. C. do Porto teve a acção mais decisiva: e louvável.



Quem foi que disse que Joaquim Agostinho estava acabado para o ciclismo? A resposta mais cabal aí está, em formal desmentido a qualquer eventual arrumar de bicicleta por parte do nosso melhor ciclista de todos os tempos: à beira dos 40 anos, o famoso homem de Brejenjas, onda nas cogitações do técnico Jean de Gribaldy para efectuar mais uma temporada a dar ao pedal em terras francesas, para alegria dos milhares de emigrantes que sempre vibraram com as proezas do «Tino».



Com a participação do professor Noronha Feio, realiza-se, domingo, às 21 horas, no Teatro Garcia de Resende (em Évora), um colóquio subordinado ao tema «O papel das autarquias e dos clubes no desenvolvimento desportivo do concelho». A anteceder o colóquio, será exibido o filme sobre os Jogos Olímpicos de Moscovo, enquanto no salão nobre do Teatro Garcia de Resende estará patente ao público, entre 14 e 21 deste mês, uma exposição sobre desporto.

DESPORTO



Pupilos de José Augusto vão ganhando ligação

Seleções jovens treinaram no Jamor

No Estádio Nacional processou-se mais uma sessão de treino dos jogadores escolhidos para as seleções de «Esperanças» e «Olimpica».

Ao treino, em que estiveram presentes 33 convocados, registaram-se as faltas de Eduardo Luís, Plácido, João Pinto e Venâncio, devidamente justificadas.

A sessão decorreu em bom ritmo, sem a preocupação dos golos, mas notando-se um maior entrosamento da equipa de esperanças, onde alinharam todos os convocados destacando-se Diamantino, Matos, Palhares, Reinaldo, Virgílio e Paquito, enquanto nos olímpicos sobressaíram Quinho, Carlos Xavier, Mário Jorge, Carlos Pereira e José Abrantes.

Otto Glória disse que estes treinos irão prosseguir ao ritmo de um por mês para as esperanças e dois para os olímpicos, que de frontam em 26 de Março a Alemanha Federal.

O próximo treino a realizar no Estádio Nacional será da selecção «A» (no dia 19) devendo as convocações ser conhecidas no sábado. O seleccionador Otto Glória adiantou já que, para o próximo treino da equipa de «Esperanças» serão convocados três jogadores do Rio Ave (Vitorino, Balacó e Pires) e o portista Sousa.

António Morais dirigiu o treino de conjunto e as duas selecções formaram:

ESPERANÇAS: Silvino (Guimarães); Carlos Pereira, Carlos Xavier, Leonardo e Mário Jorge; Serra, Quinho e Carlos Manuel II (Jaime); Jaime Magalhães, José Abrantes (Pedro Xavier) e Laureta (Coelho, do Boavista).

OLÍMPICOS: Mendes; Coelho (Portimonense), Paris, Frederico

(Nunes) e Virgílio (Artur); Paquito, Festas (Virgílio) e Lito (Fontes); Fonseca (Diamantino), Reinaldo e Palhares.

Golos por Laureta (2) Jaime Magalhães (3) e Pedro Xavier (2), pelas Esperanças e Fontes (1) e Diamantino (3), pelos Olímpicos. Todas as substituições foram realizadas aos 40 minutos.

Juvenis também em acção

Também no Jamor, prosseguiu a preparação da selecção de juvenis. Dos convocados por José Augusto apenas faltaram (por lesão) o sportinguista Germano e o vimaranense Custódio. As equipas que treinaram inicialmente:

VERMELHOS: Gaião (Amora); Eugénio (Sporting), Pita (Setúbal), João Manuel (Setúbal) e Fernando Mendes (Sporting); Guedes (Benfica), Mito (Académico) e Peixoto (União de Coimbra); Gilmar (Benfica), Seca (Torralta) e Futre (Sporting).

BRANCOS: Mota (Nazarenos); Mário Belo (Benfica), António Carlos (FC Porto), Ferrinho (Sporting) e Rui Humberto (Oriental); Luis Pereira (Torralta), Paulo Brito (Quimigal) e Sérgio (FC Porto); Luis Miguel (FC Porto), Litos (Sporting) e Caetano (Boavista).

No tempo complementar entraram em actividade Paulo Renato (Montijo), José Almeida e Rui Ribeiro (FC Porto) Juca (Benfica) e Fernandes (Salgueiros) que jogaram pelos «brancos», movimentando-se Ferrinho (Sporting), Sérgio (FC Porto) e Pita (Vitória de Setúbal) pelos «encarnados». Autores de golos: Futre, Sérgio (2) e Seca (2) pelos «encarnados» e Litos (brancos).

A Televisão poderá voltar a partir de hoje aos estádios de futebol para filmar três minutos de resumo de jogos da 1.ª Divisão e no próximo fim-de-semana também deverá haver futebol em directo na RTP - segundo acordos alcançados na reunião efectuada ontem entre clubes e RTP na sede da Televisão. Na reunião, em que faltaram sem explicação imediata Benfica e Sporting, foi ultrapassado o bloqueio às transmissões televisivas de futebol principal.

A Televisão viu reconhecido o direito gratuito de entrar nos estádios e colher imagens para os habituais resumos de três minutos, mas comprometeu-se a avultados «cachets» para as transmissões directas dos jogos, bem como a atribuir aos clubes uma verba ainda não especificada, para as instalações das suas actividades amadoras.

A administração da RTP e sete clubes nortenhos acertaram os «cachets» a pagar pela RTP: em jogos onde participe o FC Porto, a RTP pagará 3000 contos, e 2000 para os encontros em que a equipa das Antas não actue. Dada a sua ausência, fica por definir a posição do Benfica e Sporting.

Mais um promenor do contrato: a RTP pagará uma quantia suplementar (3000 contos) ao FC Porto e 1500 aos demais

clubes, a título de subsídio para as modalidades amadoras, ficando acordado o direito a filmar gratuitamente três minutos de cada jogo.

A Federação Portuguesa de Futebol vai ser contactada para tomar medidas que determinem a hora de transmissão dos jogos em directo, evitando que decorram simultaneamente outras partidas. É possível que os jogos a ser televisionados se realizem domingo à noite. Em princípio, serão semanalmente televisionados em directo jogos da 1.ª Divisão, a não ser nas últimas três jornadas do campeonato.

A Televisão comprometeu-se a colocar nos estádios mal equipados a luz suficiente para as transmissões directas. Participaram na reunião, pela RTP, os administradores Pinho Cardão e Rui Ressurreição, o director de Informação (Duarte Figueiredo), Adriano Cerqueira e Serafim Marques (do Departamento Desportivo) e dr. Paiva Pessoa (do Departamento Jurídico). Pelos clubes da primeira divisão, Jorge Nuno Pinto da Costa (presidente do FC Porto), major Valentim Loureiro (do Boavista), António Pimenta Machado (do Vitória de Guimarães) e dr. José Mendes (do Sporting de Espinho), os quais tinham mandato para representar as di-

recções do Rio Ave, Salgueiros e Braga.

No final da reunião de ontem foi elaborado um comunicado conjunto onde pode ler-se, nomeadamente, que os clubes concordam com o livre exercício de direito à informação pela RTP no que respeita a espectáculos desportivos. O «cachet» a pagar pela RTP é a título de direito de transmissão e variável conforme o tipo de jogos a efectuar, afirma-se no comunicado que refere igualmente o clima de maior cordialidade em que decorreu a reunião.

No que parece ser uma alusão às ausências do Benfica e do Sporting da reunião de ontem e ainda aos clubes que não participaram na acção de boicote à Televisão nos seus campos, o comunicado acentua que a RTP e os clubes presentes envidarão todos os esforços no sentido da participação dos restantes clubes da primeira divisão nas transmissões televisivas. Foi acordado um calendário provisório com um total de onze jogos a transmitir directamente, mas com alterações eventualmente a efectuar após contacto com os restantes clubes da primeira divisão e com a FPF.

Esse calendário provisório será aderido se o Benfica e o Sporting aderirem às trans-

missões directas. Por outro lado, as condições básicas, designadamente quanto a «cachets», não deverão ser diferentes para o Benfica e o Sporting em relação ao F. C. Porto. Está por outro lado assente, em princípio, as 21 horas de domingo para as transmissões em directo da 1.ª divisão nacional.

O protocolo final resultante desta reunião será já assinado pelo novo presidente da RTP e não por Proença de Carvalho.

Sabe-se já que a transmissão directa pela TV inicialmente prevista para o próximo domingo à noite do jogo Vitória de Guimarães - Braga está em dúvida. António Pimenta Machado (presidente do Clube de Guimarães) pediu um «cachet» de 3000 contos pela transmissão do jogo, o que a RTP contrariou por a quantia ultrapassar as verbas estipuladas durante a reunião. Pimenta Machado alegou que o acordo apenas entra em vigor a 30 de Janeiro, pelo que os direitos de transmissão desta partida estão fora das condições estabelecidas. Entretanto, a própria RTP também levantara dúvidas quanto à disponibilidade de meios técnicos e de arranjos de programação necessários para, em tão breve espaço de tempo, poder efectuar a transmissão directa do Estádio Municipal de Guimarães.

Voleibol: húngaras deram lição em Lisboa

A equipa feminina de voleibol do Atlético foi derrotada pela do Vasas (de Budapeste) no pavilhão da Tapadinha (por 0-3) na primeira «mão» dos quartos-de-final da «Taça dos Vencedores de Taças». Os parciais favoráveis à equipa húngara, que já foi duas vezes campeã europeia de clubes, foram de 15-1, 15-2, 15-2.

O Vasas demonstrou ser uma equipa fortíssima, com jogadoras de grande categoria, muito altas e com forte bloco e remate.

O Atlético, a primeira equipa portuguesa que chegou aos quartos-de-final de uma competição feminina sem jogar, actuou bastante nervoso e nunca chegou a encontrar-se, jogando abaixo das reais possibilidades. A equipa húngara demorou apenas 35 minutos a vencer a turma portuguesa.

Sob a arbitragem da equipa holandesa constituída por Harry Jakowitz e M. Scheller, as equipas alinharam:

Atlético: Paula Dias, Maria

João Castro, Lurdes Fialho, Teresa Silva, Teresa Palma, Sandra Mendonça, Maria Carlos Palma, Henriqueta Dias, Margarida Cruz, Libânia Santos e Cristina Dionísio.

Vasas de Budapeste: Lucie Banhegyi, Katalin Oaveld, Cielia Szijidrtó, Aniko Toth, Zeuszo Szobo, Eva Sziles, Juliet Deneda, Margit Puyér, Gyongyi Gerovich e Gyongyi Nagy.

A equipa portuguesa parte para Budapeste no próximo dia 17 para defrontar o Vasas, no

jogo da 2.ª «mão» a 19.

Esmoriz também derrotado

Apenas 42 minutos demorou o Vojvodina (da Jugoslávia) para vencer ontem à noite o Esmoriz (por 3-0) na 1.ª «mão» dos quartos-de-final da «Taça dos Vencedores de Taças» em voleibol, torneio masculino. Perante 1500 espectadores, em Novi Sad (Jugoslávia) a equipa local venceu a turma portuguesa com os parciais de 15-1, 15-2, 15-1. O jogo foi arbitrado por Guenther e Schippe, da RDA.

assim
vai o

TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO
PARA O CONCURSO N.º 3 DE 16 DE JANEIRO DE 1983

A Comarca de Arganil, 11x 111 111 x22x; Rádio Totobola, 11x 111 111 1222; O Diário, 11x 111 11x 2x1x; Correio de Coimbra, 112 111 111 1xx2; Correio do Vouga, 112 x1x 111 x2x2; Diário de Coimbra, 112 x1x 111 12xx; Diário de Lisboa, 11x 111 111 12xx; Ecos do Cacia, 112 x11 111 x22x; Estrela da Manhã, 122 111 111 122x; Eu Sei Tudo, 112 111 11x xxxx; Folha do Domingo,

112 x11 111 x22x; Gazeta das Caldas, 112 x21 1x1 1xxx; Jornal da Beira, 112 1x1 111 x22x; Jornal Linhas de Elvas, 112 111 1x1 11xx; Maria da Fonte, 112 x11 111 12xx; Notícias de Chaves, 112 x1x 11x 1122; Notícias de Évora, 112 x11 111 xxx1; Noti-

cias de Felgueiras, 11x x1x 1x1 xxxx; Notícias de Gouveia, 112 x11 xx1 12x1; A Ordem, 11x 11x 111 x222; Rádio Alitude, 11x x11 111 x221; RDP/Secção Desportiva, 112 xx1 111 12x2; A Voz do Domingo, 112 x11 111 1121; Voz de Lamego, 111 111 112 xx21; RDP/Tempo Des-

porto, 112 1x1 111 x22x; Música e não só, 11x xx1 11x x2xx; Ponto de Encontro, 11x x11 11x 2x2x; Pátio das Cantigas, 112 x11 111 x22; RDP/Café com leite, 112 1x1 111 12xx; Bola Branca, 112 x11 111 1222; Manhã Manhã, 11x 111 111 x221; Rodapé, 11x x11 112 x222; RDP/Reportagens/Exteriores, 112 22x 12x 1x22;

Jornal da Graça, 112 2xx 1x1 x21x; A Voz dos Ridículos, 11x 111 111 1x11; Resenha Desportiva, 11x 1x1 1x1 1xxx; Quadrante Norte, 112 x11 11x x2x1; Estúdio 64, 112 1xx 1x2 21x1; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Jornal de Gaia, 11x x11 11x x1xx; Repórter do Dia, 112 x11 1x1 12x1; Penalty, 112 11x 112 x221; Manchete Desportiva, 111 111 11x 2x2x; O Comércio de Leixões, 112 11x 111 x22x; Jornal do Porto, 11x 111 1xx 122x; Alvo Desportivo, 11x 111 111 11x1; Jornal de Notícias, 112 1x1 111 xxx2; O Primeiro de Janeiro, 112 111 1xx 122x; Rádio Alvo, 112 1xx 11x x1xx; A Voz do Ave, 112 1x1 11x 11xx; Quadrante Norte, 112 x11 11x x1x1.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	X	2	1	X	2 a)
1. BENFICA - ESPINHO	51	0	0	12	1	1
2. PORTO - PORTIMONENSE	50	0	1	11	1	1
3. MARÍTIMO - SPORTING	3	16	32	1	4	7
4. SALGUEIROS - SETÚBAL	27	22	2	6	5	1
5. ESTORIL - BOAVISTA	38	11	2	9	2	1
6. GUIMARÃES - BRAGA	39	12	0	9	3	1
7. RIO AVE - ALCORÇA	50	1	0	11	1	1
8. AMORA - VARZIM	40	10	1	9	2	1
9. VIZELA - RIOPELE	33	14	4	7	4	1
10. P. FERREIRA - PENAFIEL	23	24	4	5	6	1
11. E. PORTALEGRE - ÁGUEDA	10	13	28	2	4	6
12. O. FAIRRO - ACADÉMICO	4	24	23	1	6	5
13. LUSITANO - FARENSE	14	26	11	4	6	2

a) - Nos termos do Art.º 149.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas estarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

Évora vai de novo brincar ao Carnaval

A Câmara Municipal de Évora revelou ontem que a capital do Alto Alentejo vai pela segunda vez «brincar ao Carnaval».

Numa nota sobre a iniciativa, a edilidade eborense afirma que «à semelhança do ano anterior, e por iniciativa da Câmara, os eborenses vão brincar o Carnaval, vivendo-o intensamente».

Para a Câmara de Évora os dias fortes do Carnaval eborense serão o domingo e a Terça-feira, estando previstos para essa altura a realização de um corso com carros alegóricos, com a participação de grupos de foliões, bandas de música e trupes de mascarados.

Depois de considerar o Carnaval de Évora inédito e de raiz marcadamente popular, a nota refere que para o efeito está já em pleno funcionamento na Câmara local, uma comissão organizadora dos festejos carnavalescos.

Na primeira edição do Carnaval eborense, realizado no ano passado, afluíram a Évora milhares de forasteiros que, durante dois dias, viveram intensamente a quadra carnavalesca.



Exposição de Murillo em Londres

Uma exposição do pintor espanhol Murillo, que reúne 77 pinturas e 23 desenhos, é inaugurada quinta-feira, dia 13, na Royal Academy de Londres, informou a embaixada espanhola naquela capital. Esta mostra de Bartomeu Esteban Murillo, que nasceu em Sevilha em 1617 e faleceu em 1672, é organizada pelo Museu do Prado juntamente com a Royal Academy.

As obras que compõem a exposição procedem de vários museus e colecções privadas, entre os quais se destacam o Prado, o Louvre, L'Ermitage, de Leninegrado, a National Gallery, de Londres e o Museu de Sevilha.

A exposição será inaugurada pela rainha Sofia, de Espanha, que será acompanhada pelo ministro espanhol da Cultura, Javier Solana.

Jorge Luís Borges recebe Legião de Honra

O escritor argentino Jorge Luís Borges vai receber a Legião de Honra das mãos do presidente francês Mitterrand no próximo dia 19, em Paris.

Jorge Luís Borges, que chegou segunda-feira a Paris a convite do governo francês, será distinguido com a mais alta condecoração deste país, durante uma audiência concedida pelo presidente francês.

O escritor argentino ficará na capital francesa até ao dia 20 do corrente e será recebido pela Academia de Ciências Morais e Políticas na qualidade de membro estrangeiro.

Jorge Luís Borges, que compartilha desta distinção com o escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez, último Prémio Nobel da Literatura, dará hoje uma lição sobre a criação poética, no Colégio de França.

Um filme de PAUL MAZURSKY A TEMPESTADE Um filme surpreendente



Muitos homens sonham com as suas fantasias...
...este decidiu viver a sua.

COLUMBIA PICTURES Presents PAUL MAZURSKY'S TEMPEST
Com JOHN CASSAVETES GENA ROWLANDS SUSAN SARANDON VITTORIO GASSMAN
e RAUL JULIA Apresentando MOLLY RINGWALD Música de STOMU YAMASHITA Editor DONN CAMBERN, A.C.E.
Director de Fotografia DONALD McALPINE, A.S.C. Argumento de PAUL MAZURSKY, LEON CAPETANOS
Co-Produção de STEVEN BERNHARDT, PATO GUZMAN Produção e Realização de PAUL MAZURSKY

DOLBY STEREO
SELECTED THEATRES

HOJE ÀS 21.30 - ESTREIA

MONUMENTAL

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS



CENTRO CULTURAL DE ÉVORA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

NO TEATRO DO NOSSO TEMPO
PRAÇA JOSÉ FONTANA - TEL 573831

OS ESTRANGEIROS

SÁ DE MIRANDA

encenação de MÁRIO BARRADAS
cenografia de JOÃO VIEIRA

ESTREIA DIA 14, SEXTA-FEIRA, 21,45

SESSÕES TODOS OS DIAS ÀS 21,45H
SABADOS, 16H E 21,45H - DOMINGOS, 16H
SEGUNDA-FEIRA, FOLGA DA COMPANHIA



XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CULTURA E CIÊNCIA

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

SALA EXPERIMENTAL



SOPINHAS DE MEL
de Teresa Rita

ATENÇÃO
NÃO É PERMITIDA A ENTRADA
APÓS O INÍCIO DO ESPECTÁCULO

DE 11 A 16 ÀS 21.45
SÁBADO E DOMINGO MATINÉE ÀS 16.30

Teatro do Mundo estreia no seu 4.º aniversário

O «Teatro do Mundo» estreia no dia 27 na Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II o seu oitavo espectáculo, «Anno IV, D.C.», comemorativo do quarto aniversário do grupo.

A peça tem como ponto de partida «Calígula», de Albert Camus, e os textos que o romancista e dramaturgo francês escreveu sobre o actor no livro «O Mito de Sísifo».

«Anno IV, D.C.» é uma reflexão sobre a história do grupo, o actor e o teatro, não excluindo homenagens póstumas, lê-se num texto distribuído pelo «Teatro do Mundo».

O «Teatro do Mundo» tinha esperanças de que este espec-

táculo, além de culminar quatro anos de trabalho, simbolizasse o início de uma nova fase da vida do grupo num espaço próprio pelo qual luta desde a sua fundação, diz-se noutro passo.

A pretensão do agrupamento teatral não teve ainda concretização, pelo que os seus espectáculos têm vindo a ser montados neste e naquele palcos de Lisboa, ao sabor da disponibilidade das companhias ou grupos independentes que os cedem.

«Anno IV, D.C.» é dirigido por Manuela de Freitas com a assistência de Rogério de Carvalho, estando a cenografia a cargo de Roberto Moscoso.

Incêndio destrói instalações do Órfeão de Águeda

Tudo o recheio das instalações do Órfeão de Águeda foi consumido pelas chamas, tendo o rescaldo sido concluído cerca das 8 horas da manhã de ontem.

O incêndio, detectado às 3 horas da madrugada, teve origem num curto-circuito que, rapidamente, propagou as chamas às diversas dependências da colectividade, atingindo, também, as salas onde se encontravam sediadas outras associações.

As instalações, de construção bastante antiga, propriedade da câmara municipal, estão cedidas ao Órfeão de Águeda por compromisso lavrado em escritura entre ambas as partes.

Fundado há 66 anos, o orfeão é

das colectividades mais antigas do concelho. Vocacionada para os grandes aspectos da actividade cultural, mantém em funcionamento a secção de teatro (em cena a peça «Mandrágora», de Maquiavel), o grupo coral, a secção de xadrez e a escola de música infantil.

A par destas secções, que são o garante do desenvolvimento e reforço do trabalho cultural, mantinha em actividade uma sala de convívio, local de encontro dos associados e amigos da colectividade. A biblioteca acaba de construir, em sala própria, para ser colocada ao dispor dos sócios, seria, também, uma importante parcela da vida do orfeão.

Atribuição dos Prémios Nacionais de Artes Plásticas e Arquitectura

Através da Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte, foram, agora, atribuídos os Prémios Nacionais de Artes Plásticas e Arquitectura, subsidiados pelo Ministério da Cultura e Coordenação Científica. O júri foi constituído pelos críticos José Augusto França, Carlos Duarte, Fernando de Azeve-

do, Pedro Vieira de Almeida e Rui Mário Gonçalves. Por unanimidade, o júri decidiu atribuir o Prémio Nacional de Artes Plásticas ao pintor Joaquim Rodrigo, considerando o seu curriculum, a exposição realizada no ano transacto na Galeria Quadrum (Lisboa) e a publicação do livro «O Complementarismo em Pintura».

edição Livros Horizonte, livro que constitui valiosa reflexão teórica em concordância com a própria criação.

Também por unanimidade, o júri decidiu atribuir o Prémio Nacional de Arquitectura e Urbanismo ao arquitecto Raul Hestnes Ferreira, pela coerência de intervenção profissional manifestada

ao longo da sua carreira, e pelas obras do Bairro SAAL das Fongas, em Lisboa, da Escola Secundária de Benfica e de um bloco residencial em Beja.

Lembra-se que, no ano passado, os prémios couberam ao pintor António Costa Pinheiro e ao arquitecto Álvaro Siza Vieira.

Congresso de Escritores de Língua Portuguesa

A Associação Portuguesa de Escritores vai convidar autores de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe a participarem na organização do Congresso de Escritores de Língua Portuguesa — anunciou ontem o presidente da APE.

A ideia de realizar em Lisboa um congresso dos escritores de Língua portuguesa, que reunisse pela primeira vez escritores portugueses, brasileiros e dos países africanos de expressão por-

tuguesa nasceu em 1982 durante o Segundo Congresso dos Escritores Portugueses.

Escritores de países africanos de Língua portuguesa, presentes como observadores nesse congresso, manifestaram grande receptividade à proposta, o mesmo tendo acontecido nos contactos entretanto estabelecidos pela APE, a nível informal, com as autoridades dos cinco países em questão — disse à ANOP o presidente da APE, Manuel Ferreira.

O convite formal às associações de escritores de Angola, Moçambique e Brasil e aos dirigentes da Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe vai agora ser feito através do envio de um documento-base, sobre o congresso, que a comissão organizadora tem praticamente pronto.

Uma comissão executiva presidida por Vasco da Graça Moura e sobre cujos ombros pesará a organização propriamente dita do congresso sairá da actual

comissão organizadora, que passará a funcionar como elemento consultivo e de definição de linhas gerais.

É nessa comissão, actualmente constituída por 15 escritores portugueses, representando, segundo Manuel Ferreira, um amplo leque de opções ideológicas e estéticas, que a APE pretende fazer participar representantes dos escritores africanos e brasileiros de Língua portuguesa.

Distinção internacional para o Programa-2 da RDP

O Programa 2 da Radiodifusão Portuguesa acaba de ser distinguido pelo Júri Internacional da Rádio Brno (Checoslováquia) pelo trabalho de António Cartaxo e José Manuel Gonçalves subordinado ao tema «Os primeiros passos do compositor Fernando Lopes Graça», submetido em Outubro àquele concurso internacional.

A Rádio Brno estabeleceu como tema para o concurso 1982 os começos da carreira de um compositor. Entre os 18 programas apurados para a fase final, o júri atribuiu o 1.º prémio ao programa da Rádio Bratislava sobre o compositor contemporâneo eslovaco Eugene Suchon. O 2.º lugar foi outorgado à Rádio Mos-

covo por um trabalho sobre a juventude de Prokofiev e o 3.º à Rádio Varsóvia que apresentou um programa sobre Szymanowski.

O júri decidiu atribuir, a título excepcional, não só menção honrosa, a este programa da RDP, tendo salientado a forma reveladora como os seus autores ti-

nham demonstrado o vínculo do compositor Fernando Lopes Graça com a realidade social.

António Cartaxo, José Manuel Gonçalves e Jacinto Cardoso (engenheiro de som) haviam sido laureados, em Novembro último, com o primeiro prémio do concurso Ondas da Rádio Barcelona, pelo seu trabalho sobre Stravinsky.

ALGO DE NOVO, ALEGRE E MODERNO NAS ARTES MARCIAIS!

mais rápido...
mais gordo...
mais divertido...
mais terrível...



**O DRAGÃO GORDO
ENTRA NA DANÇA**
(ENTER THE FAT DRAGON)

COM A NOVA SENSACÃO
SAMO HUNG

UM FENOMENO QUE VAI DAR MUITO QUE FALAR!

Argumento e produção de FLORENCE F G YU

para H K FONG MING MOTION PICTURE



HOJE — ESTREIA
NA MATINEE DAS 14,15 HORAS
INT. MENORES DE 13 ANOS

POLITEAMA

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raúl Cascais 1A
1200 Lisboa
Tel: 661515,669205

ESTREIA HOJE ÀS 21.30 H

Todos os dias às 21.30 h, Dom. às 17 h. 2.ª f. folga



ORATÓRIA

uma colagem de textos de
GIL VICENTE/GOETHE/BRECHT

O MAIS NOTÁVEL FILME DE
SIDNEY LUMET
UM POLICIA SÓ...
CONTRA A CIDADE CORRUPTA



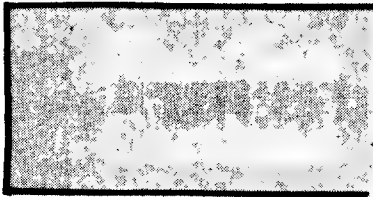
O PRINCEPE DA CIDADE

Warner Bros. e Orion Pictures apresentam
um filme de Sidney Lumet
com Paul Newman e Faye Dunaway
em "O PRINCEPE DA CIDADE"
Produção de Sidney Lumet

Amanhã às 21.30 — Estreia



NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS



Desenhos M. Blanc-Dumont



Texto Laurence Harle



Notícias da BD



«Nas Terras Programadas»

E se um dia fosse possível reconstituir os episódios e cenários da história da Humanidade a nosso bel-prazer, com personagens à nossa imagem e semelhança? E se tudo não fosse mais do que um jogo em que importa não perder? E se o fascínio pela eterna luta entre os homens fosse o reverso da cruel manipulação dos destinos que tão longo tempo se ambicionou?

Inquietante, fascinantes e questionadoras, são todas as aventuras dos agentes espaço-temporais Valérien e Laureline, desenhadas por Mezière a partir de argumentos de Christin: mais do que ficção científica, são uma excelente fonte de reflexão sobre os grandes problemas e temas do nosso tempo, do nosso século, do nosso viver.

Este é o sétimo volume publicado em português. Recomenda-se vivamente, claro. Se puder, compre os anteriores. Ou peça emprestado a um amigo. Nas leia («Nas Terras Programadas», de J. Claude Mezière — desenho, e Pierre Christin — texto, edição da Meribérica).



«As Legiões Perdidas»

Diz quem sabe que os três anos que separam esta aventura da anterior, se explicam pela viragem que se operou no espírito de Jacques Martin.

Viragem detectável na leitura de um autor decisivo para o futuro das aventuras de Alix: Marguerite Yourcenar e «As Memórias de Adriano».

François Riviére fala de um «ciclo da epopeia», aberto com «As Legiões Perdidas». E acrescenta, como coordenadas: maior importância para os temas históricos, relativo sacrifício da «ação pura», «densidade humana» das personagens.

Tudo isto fica o leitor convidado a descobrir através da leitura das aventuras de Alix, que atingem o sexto volume. E vão continuar («As Legiões Perdidas», de Jacques Martin, Edições 70).

continua



canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

“Nunca é tarde para ser jovem”

Foi já muito dentro da noite, precisamente quando a televisão estava naquilo a que o dramatismo popular do século XIX chamava «as vascas da agonia», que nos vieram falar de «dificuldades inesperadas» surgidas entre o PSD e o CDS para a formação do «novo» governo.

Aqui para nós, a coisa começa a tomar muito mau aspecto, na televisão, à semelhança dos pedintes que, no átrio das feiras, mostram a perna gangrenada. Estão a fazer pouco de nós, ou quê? Porque, meus senhores, a televisão só conhece os problemas, as esperanças, as hipóteses, as dificuldades do tal governo, o «é esta semana», «é amanhã», «é logo à tarde», «é logo à noite» que se saberá, se dirá, se formará, se indigitará, se ao deus-dará. Abre, pela manhã, a fala nisto, despede-se, para nanar, a falar nisto. Sofre de paranóia governativa. Andamos, ao longo dos noticiários (muitos!) de todo o dia, de Barbosa para Crespo, de Crespo para Capucho, de Capucho para Balsemão, de Balsemão para Ribeiro e Castro, de Ribeiro e Castro para Basílio Horta — que é como quem diz, andamos de Herodes para Pilatos, cada qual a ver quem melhor encana a perna à rã.

Em lugar de denunciar a comédia, a televisão participa, cria ansiedades, conjecturas, «sus-pense» (palavra que deve ser

pronunciada com a gracinha que lhe empresta o Eládio Clímaco) em vez de, como lhe cumpria, abrir espaços de entendimento da situação, através dos pontos de vista doutras forças políticas e sociais. Por meio do Telegoverno, por exemplo, não se conhecem as posições fundamentadas das organizações sindicais...

Meus senhores, mandar o Proença embora, correspondendo a uma exigência nacional, não é tudo: importa essencialmente mandar embora o proenismo, essa fábrica de tensões que tem nos Figueiredos, nos Monizes, nos Cerqueiras, nos Hélderes, nos Ricardos Ferreiras, fiéis executores do projecto agressivo que transformou a RTP num ninho de vespas, coisa que a maioria dos seus trabalhadores não merece. Por enquanto, há confusões motivadas por uma certa indefinição, mas certos pormenores balizam a continuidade. Assim, já passaram dezasseis minutos quando entrou em linha a notícia referente ao Presidente da República!

Em França, Mitterrand já compreendem...

• Talvez mais do que qualquer outra actividade de locução, as locutoras de ligação e continuidade devem ser sóbrias, simples, modestas. A presença, ontem, de Maria Helena Ramos é, pelo pernóstico e piroso, a negação do que digo atrás.

Ela anuncia, para «Nunca é tarde», a presença da «Senhora Dona Mary», uma «Mary» de pronúncia lentamente oxfordiana, quando toda a gente a conhece por Méri, simplesmente Méri, em dialecto da Parede, e sem pernóstico «senhora dona».

Depois vem o Chacal, que ela sempre, não sabe porque, pronunciava Châcal. E a respeito do filme da noite, sempre se referia ao «cast» como se fosse a palavra mais banal da língua portuguesa.

Quando será que certas senhoras e senhores entenderão que o facto de se dirigirem a milhões de pessoas, só por isso, lhes confere uma enorme responsabilidade educativa?

• **Nunca é tarde.** A presença de Carlos Villaret que, ao piano e de viva voz, recordou outro Villaret, um Villaret que, apesar de famoso e de longa memória, continua praticamente desconhecido nos seus aspectos humanos — e até políticos, sim João, já vai tardando que se saiba quanto amaste o nosso povo, quanto acreditaste nele, quanto por ele lutaste...

Outra presença que, só por si, é garantia de qualidade televisiva o prof. Fernando Pádua, a última grande conquista da telegrafia nacional. Talvez por co-

nhecer tão bem o coração do Homem se adaptou tão bem ao ritmo cardíaco da TV...

Ei-lo, ontem, apaziguador das angústias das pessoas idosas. Tensão alta? Claro que sim, é preciso vigiar, mas sem esquecer que aos 70, 80 anos, a coisa não deve ser dramatizada. Colesterol? Nada de receios exagerados, meus amigos. Sequelas de enfartes? Calma aí. Façam vida normal, meus caros. Fumem o vosso cigarro, claro. Relações sexuais? Força! Podem fatigar-se um bocadinho, mas não há perigo. Uma sessão reconfortante corresponde a subir dois lances de escada. O coração aguenta.

A propósito dos dois lances, quantos velhotes lembrarão com saudade o tempo em que trepavam pelos arranha-céus uma data de vezes seguidas e sem elevador. Mas também é certo que dois lances, subidos com lentidão e gosto, ainda dão muita alegria a um homem.

Tem razão o dr. Fernando Pádua: **Nunca é tarde para ser jovem.** Pois. Os jovens nunca pensam nisso. São uns tontos. E quando pensam — é tarde...

Doutor: em nome de tantos e tantas casais na intimidade desta noite, por esse Portugal fora obrigadinho.

O SEU CABELO

Os problemas que o afectam solucionam-se com uma entrevista sem compromisso no Instituto Científico Capilar Saint Antoine de Paris. As pessoas não residentes na cidade serão atendidas e em caso de tratamento no domicílio será elaborado no nosso laboratório.

Os institutos Capilares Saint Antoine é a cadeia mais antiga da Europa com a técnica mais moderna.

Marque entrevista pelo telefone ou dirija-se directamente:

— Lisboa: Av. da República, 2-7.º - Tel. 56 02 72
— Porto: R. Sá da Bandeira, 819-5.º - Esp. - Tel. 31 68 10



SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

SPGL

PROFESSORES DE TRABALHOS MANUAIS E 12.º GRUPO

REUNIÃO

Convocam-se todos os professores de Trabalhos Manuais e do 12.º Grupo para uma reunião com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informação.
2. Avaliação e Conteúdos do Curso de Complemento de Formação.
3. Eleição dos elementos representativos da zona da Grande Lisboa, a estarem presentes no Encontro Nacional do dia 22 de Janeiro, em Coimbra.

Dia 15 de Janeiro (Sábado) às 14.30 horas na Escola Preparatória Roque Gameiro, Av. da Aviação Portuguesa (frente à Academia Militar) — AMADORA

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

HOJE
às 21,45h



DE ANTONIO FERREIRA • ENGENHAÇÃO - JOAO MOTA

terça-feira a sábado às 21,45
sábado e domingo às 17 h

SUB SEC PRACA DE ESPANHA TEL 72 08 18

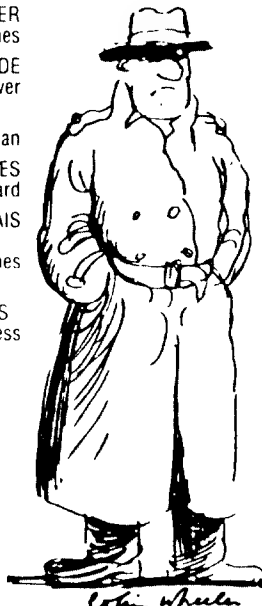
★ XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE CULTURA E CIÊNCIA ★

UM FILME MUITO ESPECIAL O BAILE DO POLICIA SECRETO (THE SECRET POLICEMAN'S BALL) VERSÃO INTEGRAL

ABSOLUTAMENTE A NÃO PERDER
Sunday Times
MUITO DIVERTIDO NA VERDADE
Observer
O MAIS DIVERTIDO FILME
Guardian
MUITOS MOMENTOS HILARIANTES
Evening Standard
DIFÍCIL DE ULTRAPASSAR E MAIS
DIFÍCIL DE NÃO GOSTAR
Financial Times

UMA GLORIOSA PARADA DE
TALENTOS CÔMICOS BRITÂNICOS
Sunday Express

com
John Cleese
Peter Cook
Billy Connolly
Michael Palin
Terry Jones
Rowan Atkinson
Eleanor Bron
Pete Townshend
John Williams
Tom Robinson



numa realização
de Roger Graef

Não aconselhável a menores de 13 anos

AMANHÃ ESTREIA

estúdio

TV
MARCELO

Repara hoje em sua casa até às 24 horas todas as marcas com garantia. Coloca ainda outro aparelho enquanto repara o seu. Serviço permanente inc. sab e domingos. Tel. 659118 - 659119 - 659110

Hoje



Prosseguem na RTP-1, à hora do almoço, as exhibições de telenovela «Baile Comigo»

18.22 Tempo dos Mais Novos
18.50 Obras de Apoio às Crianças Abandonadas
19.20 Eurovisão
19.55 O Tempo
20.00 Telejornal — notícias do País e do estrangeiro.
20.30 Boletim Meteorológico para a Agricultura
20.35 Concurso Toma Lá Dá Cá
22.05 Grande Reportagem
23.00 Últimas Notícias



A actriz Nathalie Delon, principal intérprete do filme «Profissão: Aventureiro», que se exhibe na RTP-2

18.13 «Profissão: Aventureiro» — intérpretes: Nathalie Delon, Coud Nargens, André Pousse, Alain Noury.

19.30 Pais, Pais
19.55 Desenhos Animados
20.15 Concerto de Ravena — concerto de extractos de óperas, realizado em Ravena no passado dia 26 de Dezembro

21.25 «Diário Proibido» — 2.º episódio. Intérpretes: Omero Antonutti, Lea Massari e Giancarlo Sbragia. Realizador: Marco Leto.
22.00 «Cabocla»
22.50 Jornal da Noite

Amanhã



06.00 Bom Dia Portugal; 09.30 Desenhos Animados; 10.00 Gentes e Ideias; 10.30 «Lillie»; 11.30 Anstas; 12.00 «Baile Comigo»; 13.00 Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.30: Ciclo Preparatório TV; 18.30 Tempo dos Mais Novos; 19.00 Pedra a Pedra; 19.30 Tur/82; 19.55 O Tempo; 20.00 Telejornal; 20.30 «Gente Fina é Outra Coisa»; 21.45 «Força de Intervenção»; 22.55 Últimas Notícias

09.30 Teletexto; 18.00 Visita Inesperada; 19.30 Pais, Pais; 20.00 Desenhos Animados; 20.30 Caminhos do Eterno; 21.00 Concurso 8 ou 60; 22.40 «Cabocla»; 23.00 Jornal da Noite

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



Concerto de Ravena
(20.15)



Concurso
Toma Lá Dá Cá
(20.35)

...e sugere para hoje...



«CABOCLA»
(64.º episódio)

Luis fica apreensivo com a sua saúde, mas disfarça, dizendo a Emerenciana que anda apenas preocupado com a vida. Boanerges fica furioso ao saber que o povo está do lado de Neco. Macário e Chico Bento dizem a Boanerges que ele precisa de reagir às manobras de Neco e o vigário pergunta-lhe se ele não poderia dar um jeito para atrair o rapaz para o seu lado. Belinha insiste com Neco, dizendo-lhe que ele quer destruir o seu pai. Ele beija-a. Tobias surpreende Neco e Belinha a conversar e discute com Neco. Tobias chega a casa de Boanerges e diz que vai contar ao padrinho que viu Neco e Belinha juntos.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



roteiro cultural

O violinista **Henryk Szeryng**, depois do êxito alcançado no seu último concerto Grande Auditório da Gulbenkian, apresenta-se hoje e amanhã no mesmo local, respectivamente às 21.30 e às 18.30 horas, em dois novos concertos em que interpretará obras de J.S. Bach, Mozart e Vivaldi.

A programação do **Hot Clube** para hoje, amanhã e sexta-feira (às 22.30 e às 0.30), compreende o quinteto «Corda Bamba», jovem grupo que apresenta uma das propostas mais originais recentemente surgidas. Constituem o «Corda Bamba»: Paulo Curado (flauta), José Peixoto (guitarra), José Manuel Marreiros (piano), David Gausen (contrabaixo) e José Salgueiro (bateria).

A **Associação de Coros Amadores da Área de Lisboa** vai promover, com patrocínio do município da capital, mais uma série de concertos dentro do ciclo «Música ao fim da tarde». O primeiro realiza-se hoje, às 19 horas, na Igreja de S. Domingos com a participação do Coro de Câmara do Conservatório Nacional de Lisboa, dirigido pela maestrina Terezita Gutierrez Marques. O segundo realiza-se no dia 15, às 16 horas, no Museu Etnológico dr. Leite de Vasconcelos (à Praça do Império) com o Coro da Direcção-Geral do Equipamento Regional e Urbano e os «Pequenos Can-

tores» do Coral Caminhos Novos.

Teatro

«**The Lisbon Players**» vai estreiar amanhã no Teatro Inglês (R. da Estrela, 10) a peça «Oh Dad, Poor Dad, Mamma's Hung You in the Closet I'm Feelin' So Sad» do escritor americano Arthur Kopit. A peça será apresentada nos dias 14, 15, 20, 21, 22, 27, 28 e 29, às 21.30 e no dia 16 às 16.30 horas.

ORATÓRIA, novo espectáculo da **Cornucópia**, estreia hoje no Teatro do Bairro Alto. Trata-se de uma construção dramática a partir da colagem de textos de três autores clássicos que apresentam três respostas históricas diferentes para a questão do sentido da vida e da história: uma montagem de textos de Gil Vicente, o fragmento dramático «Prometeu», de Goethe, e a peça didáctica de Brecht «A Travessia Aérea do Oceano».

Exposições

Com a presença do Autor, o fotógrafo norte-americano **Roland L. Freeman**, que se desloca a Portugal para o efeito, é inaugurada no AR.CO, no próximo dia 14 de Janeiro, pelas 19.30 horas, uma exposição de Fotografia que reúne 108 trabalhos a P/B, revelando a vida rural e urbana dos negros nos E.U.A., durante o período crucial de mudanças rápidas após a aceitação da legislação dos direitos



Fotografias de Roland L. Freeman sobre a América Negra vão estar expostas no AR.CO a partir de amanhã

civis nos anos sessenta. O Autor nasceu em 1936 em Baltimore, Maryland, U.S., e é membro da American Society of Magazine Photographers, White House News Photographers Association, U.S. Senate Press Photographers Gallery e da International

Black Photographers Association. Esta exposição — que se prolonga até ao próximo dia 28 de Janeiro — pode ser visitada de segunda a sexta-feira, entre as 10 e as 20 horas. A entrada é livre. No sábado 15, às 11 horas, o Autor falará sobre o seu trabalho.

Magdalena Radulesco, artista romena radicada em França, vai expor telas e desenhos no Espaço Alliance (R. Braamcamp, 13, 1.º). A exposição é inaugurada hoje e ficará patente ao público até 14 de Março, de 2.ª a 6.ª feira, entre as 10 e as 20 horas. A

vigorosa personalidade da artista manifesta-se com igual mestria em retratos, paisagens, naturezas mortas e composições onde o fantástico prevalece.

Uma exposição de pintura de **Hilário**, que nela apresenta uma série de óleos da sua última fase, inaugura-se hoje, às 18 horas, na Galeria Diário de Notícias. Artista de grande vigor, dentro das linhas do abstraccionismo lírico, o seu talento foi reconhecido internacionalmente em 1969, ao conquistar o primeiro prémio da II Bienal do Desporto nas Belas Artes (Madrid) a que concorreram numerosos pintores espanhóis e doutras nacionalidades, há muito consagrados.

Augusto Pinheiro, pintor «naif» português, inaugura hoje uma exposição com duas dúzias de quadros, às 22 horas, na Galeria de Arte «O País». Nascido na vila de Nisa (Alto Alentejo) e comerciante de profissão, começou a pintar aos 66 anos; já participou em várias exposições individuais e colectivas.

Hélder de Carvalho expõe escultura e desenho no «Andy's» do Porto (Rua Senhora da Luz, 81, à Foz do Douro). A exposição, intitulada «Encontros com um Corpo», é hoje inaugurada, às 21.30, e fica patente ao público até 31 de Janeiro, todas as noites (excepto aos domingos) das 21.30 às 2 horas.

JUNTA DE FREGUESIA DA DAMAIA

AVISO

Faz-se público que até ao dia 21 de Janeiro, inclusive, estão abertas inscrições para admissão por contrato de

1 TÉCNICO AUXILIAR DE EDUCAÇÃO DE 2.ª CLASSE (letra M — vencimento: 17600\$00)

Todos os esclarecimentos serão fornecidos na secretaria da Junta de Freguesia da Damaia, Rua Conde de Tomar, Damaia

O PRESIDENTE

Fernando Teixeira Pereira



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	64\$75	70\$75
ALEMANHA FED (marco)	37\$40	38\$50
AUSTRIA (xelim)	5\$20	5\$40
BELGICA (francó)	1\$726	1\$926
BRASIL (cruzeiro)	\$145	\$395
CANADA (dólar - notas de 1 e 2; notas de 5, a 1000)	71\$65	73\$65
DINAMARCA (coroa)	72\$15	74\$15
ESPAÑA (peseta)	10\$60	11\$00
EUA (dólar - notas de 1 e 2; notas de 5 a 1000)	\$665	\$795
FINLÂNDIA (marka)	87\$70	89\$70
FRANÇA (francó)	88\$20	90\$20
HOLANDA (florin)	16\$65	17\$25
INGLATERRA (libra)	13\$15	13\$85
IRLANDA (libra)	33\$85	34\$85
ITALIA (lira)	139\$00	143\$00
JAPÃO (yene)	124\$50	128\$50
NORUEGA (coroa)	\$059	\$069
SUECIA (coroa)	\$348	\$383
SUIÇA (francó)	12\$55	13\$05
VENEZUELA (bolivar)	12\$10	12\$70
	45\$45	46\$55
	16\$95	17\$95

Observações

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Musical; 19.00: Música; 20.00: Folhetim: «A Cabana do Pai Tomás», original de Harriet Stowe; 20.15: O espaço é seu; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Viva a noite — Antena 1 no Casino Estoril. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Quer quer ouvir?; 17.00: Os olhos férteis; 17.30: Trio em sol menor op. 8, de Chopin; 18.05: «A Canção da Terra», de Mahler; 19.00: Para além da loucura; 19.45: «Prejúdo Solene», op. 61, de Richard Strauss; 20.10: Música de tecla; 21.00: Mesa-redonda; 22.30: Música antónica; 00.20: Intérpretes portugueses; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Mensagens bíblicas — diálogo; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Musicando; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; 16.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Grande círculo; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes 44; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior; 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13625

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

HORIZONTAIS:

- 1 Pista. apagas.
- 2 Prendeis. Serra de Portugal.
- 3 Lusitano. Acaso.
- 4 Tens. Filtra. Ave pernalta.
- 5 Cidades do Japão. Sumpai (pop.).
- 6 Abreviatura de Santíssimo. Freguesia do concelho de Torres Novas. Reis.
- 7 Engano. Vareja.
- 8 Ataviara (fig.).
- 9 Prefácio de privação. Toito.
- 10 Cidades. Antiga unidade monetária da Alemanha. Abreviatura que se usa em música.
- 11 Preposição e artigo. Sua Majestade. Pequena enseada.

VERTICAIS:

- 1 Gritarias. Satanás.
- 2 Tratasse por tu. Recusa.
- 3 O mesmo que peneira. Rádio (s.q.).
- 4 Imão do pai. Deslizavas.
- 5 Artigo definido. Animação. Samário (s.q.).
- 6 Porco. Pertences.
- 7 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Excita.
- 8 Peixe dos mares do Brasil. Autores. Ramada.
- 9 Executam. Sadias.
- 10 Eliminar. Solitários.
- 11 Curais. Sopena.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9485

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

HORIZONTAIS:

- 1 Nojo. Série de arcos.
- 2 Pronome possessivo. Dê pios. Mil e quatro em romano.
- 3 Estrepto de desmoroamento. Verdadeiro. Nota musical.
- 4 Branquearas.
- 5 Velho. Lavras.
- 6 Tempo do verbo ir. Ave da família dos Lúndas. Clima.
- 7 Flutuas. Cidade da Suíça.
- 8 Ferro temperado. Radon (s.q.). Zomba.
- 9 Prefácio de negação. Ondas curtas. Medida de líquidos da Holanda, Alemanha e Suíça.
- 10 Letra grega. Armaria. Czar da Rússia cognominado «O Terrível».
- 11 Rio de França. Gavinhas.

VERTICAIS:

- 1 Seduz. Escuridão.
- 2 Pronome possessivo. Intervalo de 24 horas. Ruim.
- 3 Cobre (s.q.). Barreira. Pátria de Abraão.
- 4 Cavaleiro russo.
- 5 Nome de fruto. Dá socos em.
- 6 Encoleriza. Nota musical.
- 7 Tiraram o retrato a.
- 8 Ave do Brasil.
- 9 Amónio (s.q.). Apelido. Um milhar.
- 10 Abreviatura musical por diminuendo. Rio da Alemanha. Verso.
- 11 Despacha. Destruição (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13624

HORIZONTAIS:

- 1 Acabo. Pisas.
- 2 Lama. O. Roma.
- 3 Alistaremos.
- 4 Paga. Nara.
- 5 Ado. Mesão.
- 6 Adia.
- 7 Ariscas.
- 8 Ámbar. Amear.
- 9 La. Apre.
- 10 Mirar. Pr. Pg.
- 11 Os Me. Garoa.

VERTICAIS:

- 1 Alapa. Salmo.
- 2 Calado. MAIS.
- 3 AMIGO. Ab.
- 4 Basa. Aramam.
- 5 Adir. Re.
- 6 Oau. Si. A.
- 7 Maça. Pg.
- 8 Irene. Amara.
- 9 Somas. Ser.
- 10 Amoras. Arpo.
- 11 Sasão. PREGA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9484

HORIZONTAIS:

- 1 Anula. Pargo.
- 2 Caras. Alais.
- 3 Ocos. Riem.
- 4 Asais.
- 5 Rs. Moela.
- 6 Coem. SS.
- 7 Miastenia.
- 8 Amor. Cama.
- 9 Em. Arpo. Om.
- 10 Vem. No. Lara.
- 11 Elara. Bar.

VERTICAIS:

- 1 Ac. Arc. Deve.
- 2 Não. Som. Mel.
- 3 Urca. Eia! Ma.
- 4 Laos. Mama.
- 5 Assam. Sorna.
- 6 Io. Tno.
- 7 Parse.
- 8 Ali. Lençol.
- 9 Raera. Ia. Ab.
- 10 Gim. Samora.
- 11 Os. Pás. Amar.

Provérbio: O mais amigo a prega.

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30 e 18.30
- N. ac. men. 13 a. - Últimas
O PRESENTE
Às 21.15 e 23.15 - N. ac. men. 13 a.
NA PISTA DA PANTERA

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
NOITES ESCALDANTES
- N. ac. men. 18 a.

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
LUCKY LUKE, A BANDA DOS DALTONS

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
4.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A LICEAL SEDUZ O PROFESSOR
2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
4.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
PAPUÇA E DENTUÇA
Falado em português
6.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Para todos
ANNIE
Ela colocará um sorriso nos seus lábios.
(Filme após início das sessões)
5.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

**UMA COMEDIA SEXUAL
NUMA NOITE DE VERÃO**
Às 24
MISSÃO ULTRA-SECRETA

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.

AS 1001 NOITES ERÓTICAS
Às 24
A LEI NÃO É PARA TODOS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
VEIO DO OUTRO MUNDO
10.ª Semana
Às 24
O MEU GUARDA COSTAS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
CHAMAVAM-LHE KILLER KID

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
É o máximo para as Festas de 82!
O AS DOS ASES
c/ Jean-Paul Belmondo
Colorido

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O BOMBARDEIRO
4.ª Semana

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Uma história de intenso interesse
A DIVA E OS GANGSTERS
c/ Frederic Andrei, Roland Bertin e Richard Bohringer

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
AMOR IMPOSSÍVEL

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a
ANNIE
4.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
FITZCARRALDO

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a
O VARREDOR
c/ Mário Moreno (Cantinflias)
4.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 21.30
A DESFORRA DO VIETNAME
Às 24
CERIMÓNIA SANGRENTA

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
TRON
c/ Jeff Bridges e Bruce Boxleitner
4.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FACE DO PODER
2.ª Semana
Às 24
AMOR MARGINAL

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O DOUTOR CHARLATÃO

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O VOO DAS ÁGUAS



A saude de Verónica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16, 18, 20 e 22
- N. ac. men. 13 a.
**UMA COMEDIA SEXUAL
NUMA NOITE DE VERÃO**
Às 23.30
QUANTO MAIS QUENTE MELHOR
SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
YOL
Às 23.30
SOCORRO/HELP
SALA 3
Às 14, 16.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
DIVA
de Jean-Jacques Beineix
Às 23.30
TAXI DRIVER
SALA 4
Às 14, 16, 18, 20 e 22
- Int. men. 13 a.
A SAUDADE DE VERONIKA VOSS
Às 23.30
OS 7 SAMURAI

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
SCARAMOUCHE
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
DESFORRA DO VIETNAME

S. JORGE 579144 579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1
Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
NA PISTA DA PANTERA
c/ Peter Sellers e David Niven
5.ª Semana
S. JORGE SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
BAIRRO DA LATA
c/ Nick Nolte

S. JORGE SALA 3

- N. ac. men. 18 a.
Às 14, 16.15, 19 e 21.45
POLTERGEIST, O FENÓMENO
12.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
4.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, a Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17 e 19.10
- N. ac. men. 13 a. - Últimas
NA PISTA DA PANTERA
Às 21.30 e 23.30 - Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
19.ª Semana

**OS DEUSES DEVEM ESTAR
LOUCOS**

TERMINAL 671571

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
**UMA COMEDIA SEXUAL
NUMA NOITE DE VERÃO**

TIVOLI 571595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 16 a.
A FELINA

VOX 881818

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para todos
O último e mais divertido filme de Cantinflias
O VARREDOR
4.ª Semana

XENON 308481

Av. da Liberdade, 9

Estreia às 21.30
NOITE FATAL

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)

ALFA-2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA-3 - «A Felina», às 21.45 (18 anos)

MUNDIAL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)

CITY CINE - «Assim Nasce um Herói», às 21.30 (18 anos)

ROYAL - «3 Indomáveis Malucos», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Heróis do Céu», às 21.30 (13 anos)

POLITEAMA - «O Dragão Gordo Entra em Ação», às 21.30 (13 anos)

RESTELO - «Cães de Pálha», às 21.30 (18 anos)

2000 - «Reds», às 21.30 (13 anos)

CAPITÓLIO - «Cine Sexo» 21.00 e 23.00 (18 anos)

ZODIACO - «A Desforra do Vietname», às 21.30 (18 anos)

OLIMPIA - «Violações Sexuais», sessões permanentes (18 anos)

Linha de Cascais

ALGES - «Stadium» - «O Juiz Sou Eu», às 21.30 (18 anos)

PAÇO DE ARCOS - «Chaplin» - «Jesus Cristo Superstar», às 21.15 (13 anos)

OEIRAS - «Oeiras-Cine» - «A Fórmula», às 21.15 (13 anos)

PARADE - «Royal-Cine» - «O Profissional», às 21.30 (18 anos)

ESTORIL - «Casino» - «Uns e os Outros», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - «Palácio» - «Os Bem Casa dos», às 21.30 (13 anos)

CASCAIS - «Oxford» - «Mulher Imaculada... Amante Apimentada», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA - «Silcine» - «As Algemas do Fugitivo», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Cine-Estúdio» - «Star Trek II», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - «Incrível» - «Bullit», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - «Academia» - «Amor e Raiva», às 21.15 (13 anos)

TRAFARIA - «Pavilhão Jardim» - «Herói Mortal», às 21.15 (18 anos)

SETUBAL - Júpiter - «O Órfão», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - «D. João V» - «O Caminho da Esperança», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - «Cine-Piazza» - «A Ratoeira», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - «Lido» - «Poltergeist», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - «Cineestúdio» - «Loucamente Apaixonado», às 21.30 (18 anos)

CACÉM - «Cineestúdio Flores» - «Zombi Holocausto», às 21.30 (18 anos)

MEM MARTINS - «Cine-Chaby» - «O Incrível Hulk», às 21.30 (13 anos)

SINTRA - «Carlos Manuel» - «Uma Louca História do Mundo», às 21.30 (13 anos)

Porto

TERÇO - «O Monte dos Vendavais», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «Noites Escaldantes», às 21.30 (18 anos)

JULIO DINIS - «Desordem na Terra dos Gringos», às 21.00 (13 anos)

SÃO JOÃO - «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)

ESTÚDIO - «A Luta Pela Liberdade», às 21.30 (13 anos)

BEBÉ - «Eugénio, Eugénio», às 21.45 (13 anos)

COLISEU - «A Força do Destino», às 21.30 (13 anos)

ÁGUA - «O Bombardeiro», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-A - «Os Homens que Eu Amei», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE - «Sala L» - «Que o Diabo Seja Surdo», às 21.45 (13 anos)

PASSOS MANUEL - «E. T. o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)

BATALHA - «Os Salteadores da cobra de Ouro» 21.45 (13 anos)

OLIMPIA - «Uma agente muito especial» 21.30 (18 anos)

CHARLOT - «Fitzcarraldo», às 21.30 (13 anos)

FOCO - «Rendez-Vous no Maxs», às 21.30 (13 anos)

SA DA BANDEIRA - «Sexo Fraco... Joga Forte», às 21.30 (18 anos)

VALE FORMOSO - «O Regresso do Macho Latino», às 21.30 (13 anos)

PEDRO CEM - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ANJOS (AO CINEMA ROXY): Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA** - «BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel, P. Francisco de Moraes, 1 (T. 771469); **BAIXA**: Cortez, R. São Nicolau, 93 (T. 325378); **EM-CARNAÇÃO**: Zira, P. Casas Novas, lote 88 (T. 311216); **ENCOSTA DO RESTELO** - «ESCOLA PAULA VICENTE: Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **ESTADOS UNIDOS**: Gasparinho, R. D. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **GALINHEIRAS** - «CHARNECA DO LUMIAR: São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **LUZ** - 2.ª Circular: R. Ribeiro, E. da Luz, 199-A (T. 780969); **LAPA**: Central da Lapa, R. das Navegantes, 10 (T. 661734); **MADRE DE DEUS**: Madre de

teatros

Lisboa

MARIA MATOS - «O Meu Rapaz é Rapaz», às 21.45 (13 anos)

BAIRRO ALTO - «Oratória», às 21.30 (13 anos)

COMUNA - «A Castro», às 21.45 (13 anos)

VILLARET - «Em Carne Cor-de-Rosa Encarnada», às 22.00 (18 anos)

MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

D. MARIA II - «Sopinhas de Mel», às 21.45 (13 anos)

VAREADES - «Há Mas São Verdes», às 20.30 e 22.00 (18 anos)

MONUMENTAL - «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)

ABC - «E Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Porto

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos
 e Publicidade
 RUA LUZ BOMIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740

Agência: Administração e Contabilidade
 Rua Castilho, 185-1 - 1000 LISBOA
 Telefones: 254531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico: DIBOA
 Telex: 12353 LISBOA PORTUGAL

Delegação de Porto:
 Rua do Almada, 33-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 20534/5

O TEMPO
 MARES DE HOJE
 PREIA-MAR BAIXA-MAR
 2.40 3.9 m 8.18 1.3 m
 15.01 3.7 m 20.27 1.3 m
 Dia 14
 3.17 3.9 m 8.53 1.2 m
 15.38 3.7 m 21.01 1.2 m

TEMPERATURAS DO AR
 ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	1°
VILA REAL	1°
PORTO	10°
PENHAS DOURADAS	5°
COIMBRA	7°
C. CARVOEIRO	12°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	5°
ÉVORA	6°
BEJA	6°
SAGRES	12°
FARO	8°
P. DELGADA	11°
FUNCHAL	13°

COMO TE SENTIRIAS SE
 FOSSES JOVEM E LINDO
 E MESMO ASSIM NINGUÉM
 TE CONVIDASSE PARA
 UMA FESTA DE FIM DE ANO?



PENSA BEM! TENHO
 UMA CARA BONITA, SOU
 ENCANTADORA, MAS NÃO
 FUI CONVIDADA!



PENSA
 SÓ
 N'ISTO!



NÃO POSSO...ESTOU
 A PENSAR EM PIZZA!



últimas

É o fim da AD

Continuação da pág. 1

da Aliança Democrática, por ela responsabilizando o CDS.

O candidato a primeiro-ministro, Vítor Crespo, já tem neste momento redigida uma declaração política em que explicará as razões porque renuncia à indagação para constituir o Governo.

E os sociais-democratas preparam-se também para divulgar a carta que Balsemão escreveu ontem a Basílio Horta, na qual se considera o CDS como o único responsável pelos atrasos na constituição do Governo.

Amanhã, se este cenário se confirmar, dirigentes do PSD vão deslocar-se à Presidência da República, onde anunciarão ao general Ramalho Eanes que estão impossibilitados de constituir Governo, pelo que o Presidente deverá de imediato convocar eleições antecipadas.

Muito provavelmente no sábado, vai reunir-se o Conselho Nacional do PSD para ratificar a decisão de romper com a coligação que desde fins de 1979 se encontra no poder.

A crise nas relações entre o PSD e o CDS, depois da demissão de Freitas do Amaral, esteve quase a ser superada na terça-feira, quando os centristas aprovaram na sua Comissão Directiva um comunicado em que reafirmavam o seu empenhamento no processo de constituição do Governo. Nesse mesmo dia, às oito da noite, o PSD foi informado de que o CDS tinha aprovado os nomes dos seus candidatos a ministros.

Luís Barbosa, que dirigia os contactos por parte do CDS fez um esforço para melhorar ainda a participação qualitativa do CDS no Governo e às quatro e meia da manhã de terça-feira informa o PSD de que Lucas Pires e Sá Machado, vice-presidentes centristas, tinham aceitado fazer parte do Executivo, o segundo na pasta da Cooperação, que deveria ser separada dos Negócios Estrangeiros.

Os líderes sociais-democratas, ficaram ainda mais satisfeitos com esta solução, prontificando-se mesmo a dar todo o Ministério dos Negócios Estrangeiros a Sá Machado.

Na manhã desse dia, Basílio Horta provoca um verdadeiro duche de água fria. Fala pelo telefone e depois almoça com Balsemão, acusa Luís Barbosa de traição e garante ao presidente do PSD que não haverá nenhum vice-presidente do seu partido.

À tarde convoca a Comissão Directiva e «parte a loiça». Barbosa justifica-se afirmando que a decisão de terça-feira fora no sentido de maior empenhamento do CDS, o que justificava, no cumprimento desse mandato, a «mobilização» de Lucas Pires e Sá Machado para o Governo. Basílio Horta manteve-se na sua e parece que levou a melhor.

Depois de receber a carta de Balsemão, a Comissão Directiva do CDS arranja um novo elenco de nomes, incompleto porque não indicava o responsável pela Justiça e inaceitável por não incluir nenhum nome com peso institucional no CDS.

Sem Governo, no País de Abril

Sem Governo, e a múltiplos títulos desgovernados, vamos, neste início do Ano de 1983, percorrendo os dias e as noites. As primeiras horas da madrugada a «maioria coerente e estável» que a «Aliança Democrática» se arrogou ser, esteve a ponto de se desfazer. E, seja qual for o peso dos interesses, a força agregadora das convicções e das conveniências, não se vislumbra que o próximo Governo AD possa vir a ser menos mau do que o Governo AD que morreu, de morte natural, com a demissão do Primeiro-Ministro.

Consta que o Presidente da República só aceitará um «governo sólido». Conceito mais físico do que político, que terá mais a ver com a resistência do material humano que o compõe do que com o programa que se propõe levar a cabo.

Parece que não há que esperar, em termos de uma política nacional anticrise, que da matriz ideológica da «Aliança Democrática» promanam as soluções que se impõem. Está a «Aliança Democrática» longe de se sentir obrigada a uma reconsideração autocritica. A sucessão das políticas financeiras — Cavaco Silva, Morais Leitão, João Salgueiro — criou um imenso vazio para o qual não avança qualquer voluntário e para o qual, na involuntariedade da carreira, se foram aventando nomes

de figuras secundárias, como políticos e como técnicos. Os políticos responsáveis do PSD e do CDS desertam a tarefa governativa. Fica o Governo para os aspirantes e para os suspirantes por um pessoal brilho seja ele fugaz. Mais vale um dia de ministro do que uma vida de militante e o que importa, na biografia e no arranjo de vida, é ter sido. É uma boa apresentação ser «ex-ministro». Já não «Estado Novo» era interessante, rendoso, promocional.

Vamos coleccionar «ex-ministros», preencher um vazio político, ou vamos constituir um «Governo anticrise»? A interrogação é legítima quando, com uma «Aliança Democrática» que vive, nas horas da morte a mentira da sua «coerência» e as contradições do «projecto restauracionista», nos falam de «governo sólido» ou de «governo forte e para durar», ou de «governo traco», de «um Governo Crespo» para arremediar.

Não se sabe, em política, em economia, o que é um «governo sólido» a partir de uma «aliança» desconjuntada e com o suporte parlamentar de uma «ex-maioria».

Sabe-se, sim, que Portugal precisa de Governo, de um bom Governo, competente, honesto, eficaz. De um Governo que enfrente a crise, que renove a confiança, que acenda a esperança, que cumpra Abril.

Património arquitectónico a caminho da destruição

Medidas adoptadas até agora têm sido ineficazes

— afirma Associação Portuguesa das Casas Antigas

As medidas até agora adoptadas pelas entidades oficiais têm sido ineficazes para evitar a destruição e degradação do nosso património arquitectónico, afirmaram ontem os responsáveis da Associação Portuguesa de Casas Antigas em conferência de imprensa convocada para apresentação da problemática do património cultural.

Denunciando a inexistência de um sistema de salvaguarda do património «que induza ao empenhamento comunitário global e dos detentores do património, em particular», aquela associação apresentou um conjunto de medidas que poderão, segundo a sua óptica, contrariar a tendência dominante.

Essas medidas concretas preconizam a adopção de créditos bonificados que permitam a manutenção do património pelos seus proprietários, a isenção de impostos ou reduções fiscais relativamente às despesas com a protecção, conservação, restauro ou valorização de imóveis classificados, um regime especial de arrendamento para imóveis classificados, a consagração legislativa a nível programático da figura da «sociedade fa-

miliar» e, finalmente, no campo da valorização e do fomento do património, o exercício do direito de preferência familiar ao lado do Estado e das autarquias e os estímulos fiscais e outras formas de apoio a empresas, colecionadores de museus particulares e arquivos.

Na mesma ocasião, foi revelado que «medidas complementares serão oportunamente objecto de divulgação, designadamente a utilização turística dos imóveis classificados, no seu múltiplo aspecto de visitas, alimentação, alojamento e animação».

Para a Associação Portuguesa de Casas Antigas, «a questão que se põe é se as entidades oficiais responsáveis estão dispostas a concretizá-las», sendo certo que «o que não é passível de se manter, analisando as realidades, são as ilusões desmistificadas da salvaguarda do património», lamentando-se que recente legislação aprovada na Assembleia da República na generalidade, e por unanimidade, tivesse regressado «à gaveta» com a queda do oitavo Governo.

Reconhecendo a dificuldade

de determinar com rigor o conceito de casa antiga, os responsáveis daquela associação adiantaram a ideia de um imóvel com idade superior a 150 anos, ou onde tivesse nascido ou vivido uma figura de renome público.

Outra questão debatida, foi a de saber como reconstruir os edifícios atingidos por catástrofes naturais, tendo sido apontado pelo nosso jornal o caso da Casa dos Bicos, onde decorrem presentemente obras de reconstrução. Em resposta, foi-nos dito que a solução encontrada — manutenção do traçado de fachada e adaptação funcional dos interiores — não é condenável, sendo prática corrente em muitos países europeus, pois «a Casa dos Bicos não era nada antes das obras».

Constituída em Janeiro de 1978, a Associação Portuguesa das Casas Antigas tem sede em Lisboa e estende a sua actividade a todo o território nacional, tendo como principal objectivo «contribuir para o estudo e assegurar a defesa, conservação e valorização da casa antiga portuguesa, bem como, em geral, de todo o património arquitectónico do País».

Doze mortos no naufrágio de 2 pesqueiros

As autoridades marítimas francesas consideraram hoje mortos os 12 tripulantes dos pesqueiros «Cite D'Aleth», naufragado ontem frente à costa irlandesa, e do «Ar Spluger» naufragado próximo da Bretanha.

Não há dúvidas que os dez

marinheiros do «Cite D'Aleth» e os dois tripulantes do «Ar Spluger» morreram afogados.

Nas operações de busca e salvamento, tanto na costa irlandesa, onde intervieram três helicópteros e oito navios, como na zóia da Bretanha, percorrida por um helicóptero e três barcos

de pesca, apenas foram encontrados os corpos do capitão do «Ar Spluger», Gerard Buanic, de 38 anos, e o do marinheiro do «Cite D'Aleth» Alain Dupuy, de 29.

As péssimas condições do mar dificultaram bastante as operações de busca.

De 17 a 20
 deste mês

Simpósio
 sobre

Amílcar Cabral
 na Cidade
 da Praia

De 17 a 20 do corrente vai decorrer na Cidade da Praia, capital de Cabo Verde, um Simpósio Internacional Amílcar Cabral, organizado pelo PAICV-Partido Africano para a Independência de Cabo Verde, a fim de prestar homenagem ao herói e fundador da nacionalidade cabo-verdiana, por ocasião da passagem do 10.º aniversário do seu assassinio — informa oficialmente a Embaixada da República de Cabo Verde, em Lisboa.

Diversos órgãos e personalidades que conheceram e viveram de perto com o grande dirigente africano foram convidados pelo PAICV. O mesmo aconteceu com estudiosos do seu pensamento e acção como sociólogo, diplomata, político e militante.

Algumas das personalidades portuguesas presentes, por convite, na Cidade da Praia: prof. Lopo de Azevedo, Medeiros Ferreira, Luís Moita, Manuel Alegre, Álvaro Mateus e Sérgio Ribeiro.

DL

Devido a um erro técnico, diversos exemplares do «Diário de Lisboa» de ontem, dia 12, saíram com data de 18 deste mês. Do erro, de que a maioria dos nossos leitores não se terão apercebido, já que foi possível repará-lo antes da totalidade da edição ser posta à venda, as nossas desculpas.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO — 47 718 — 54 000 CONTOS
 2.º PRÉMIO — 647 — 18 000 CONTOS
 3.º PRÉMIO — 11 935 — 6 000 CONTOS

O 2.º e 3.º Prémios foram vendidos aos balcões da Casa da Sorte.

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA — BRAGA — AVEIRO — COIMBRA — SETUBAL — FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO
 47 717 — 419 100\$00
 47 719 — 419 100\$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

873; 1 369; 6 518; 7 545; 8 369; 10 515; 16 531; 18 033; 19 045; 19 701; 24 055; 26 962; 27 215; 32 222; 32 448; 32 847; 34 569; 37 798; 38 399; 39 078; 40 086; 40 283; 44 209; 45 859; 45 928; 46 593; 49 945; 51 355; 53 754; 54 276; 55 196; 61 801; 62 329; 62 934; 63 989; 65 656; 67 303; 71 268; 72 716; 73 079; 75 461; 77 661; 81 432; 81 698 e 84 138.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

24 000\$00 — 088; 192; 257; 268; 484; 614; 632 e 735.
 18 000\$00 — 647; 718 e 935.

12 000\$00 — 69 e 76.
 4 200\$00 — 8 (terminação)

PRÉMIOS DE 9 000\$00 (CENTENAS)

601 a 700; 11 901 a 12 000; 47 701 a 47 800.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 13 / 1 / 83

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

LOUIS ARAGON

Espelhos e máscaras de uma vida

DE tantas imagens e de tantos testemunhos contraditórios — como de uma lebre que corre em ziguezague ou como de um animal de lenda que uns dizem branco e outros negro, ora maligno ora benéfico —, só um computador poderia fazer a síntese exacta. Quem era esse surrealista dos anos 20, esse romancista realista dos anos 30, esse poeta e patriota dos anos 40, esse iconografista de *Les Communistes*, esse inquisidor da Libertação, esse escritor libertado dos anos seguintes a 60, esse louco por Elsa?

Do seu nascimento, a 3 de Outubro de 1897, em Paris, pode-se dizer que foi ilegítimo. Seu pai era o prefeito de polícia Andrieux. Em vez do seu apelido, deu-lhe quatro nomes próprios: Louis, Marie, Antoine, Alfred, e um pseudónimo, Aragon. Mas, e este facto é mais digno de nota, a mãe também não o reconheceu publicamente como seu filho, mas sim como seu irmão mais novo. Louis Aragon viveu assim a primeira infância entre três irmãs, uma das quais era sua mãe e as outras suas tias. Não se pode imaginar uma preparação mais cuidada para os jogos de espelhos e de máscaras.

Quanto a imaginação, parece que o futuro autor de *Je n'ai jamais appris à écrire* recebeu, na realidade, mais que a conta normal. Aos nove anos já tinha escrito sessenta romances. Além disso, dedicava-se ainda à poesia. Aos treze, cheio de leituras, fazia a sua primeira obra de *pastiche*, que tomava Nick Carter por modelo. Viria depois *Télemarque*.

Estudante de medicina

Depois das duas formaturas de *baccalauréat* (1916, aos 19 anos), começou a estudar medicina. Mas a guerra veio buscá-lo. Mobilizado para o Val-de-Grâce, aí encontrou — facto determinante para o seu futuro — André Breton e Philippe Soupault. O triunvirato aguçou as armas. Em seguida, colocado em unidades da linha da frente, foi condecorado em Agosto de 1918 com a Cruz de Guerra e veio depois a participar na ocupação do Sarre e da Renânia. Começou então a escrever *Anicet*. Foi no ano em que Tzara lançou, na Suíça, *Dada* — que surgiu em Paris em 1919. Juntar-se-lhe-iam Breton e Soupault, que tinham já inventado a escrita automática, Aragon e Eluard.

Um ano depois, quando Aragon publicava a sua primeira colectânea de poemas, *Feu de joie*, e o seu primeiro romance, *Anicet ou le Panorama*, nascia em Tours o Partido Comunista Francês. No ano seguinte, tendo cortado com o dadaísmo, Aragon e Breton tentaram inscrever-se nele. Aragon, que já tinha dei-

xado o curso de medicina, trabalhou por uns tempos como secretário no Teatro dos Campos Elísios para depois dedicar a sua actividade, tal como André Breton, às colecções de livros raros do costureiro Jacques Doucet, a quem serviam de «conselheiros artísticos».

O ano de 1924 viu os surrealistas entrar em contacto com os intelectuais comunistas. Aragon começou a ler Engels e Lênin (que morreu nesse mesmo ano) e, ao mesmo tempo, publicou *Le Libertinage*. Nessa altura, no panfleto de autoria colectiva contra Anatole France, *Un cadavre*, utilizou a famosa expressão «Moscou, a gágá», que lhe valeu uma querela com o partido. Mas isso não o impediu de lhe aderir em 1927, juntamente com Breton, Eluard, Buñuel e Peret. Estes, na sua maioria, apenas passaram pelo PCF; mas Aragon ficaria, através de ventos, marés, viragens, purgas, processos e reprimendas.

O encontro com Elsa

O ano crucial foi, talvez, o de 1928. Aragon publicou o *Traité du style* e, ao mesmo tempo, encobertamente, um texto erótico anónimo intitulado *Irene*. Em Setembro tentou suicidar-se em Veneza. A 5 de Novembro encontrou em Paris Maiakovsky e, no dia seguinte, Elsa Triolet. Este encontro foi decisivo. Aragon estava em pleno marasmo, dividido entre as tendências surrealistas e a filiação no PCF. Andava em busca da sua unidade. E Elsa resolveu-lhe o problema.

Os primeiros anos foram difíceis. Ela fabricava colares de missangas que ia vender numa maleta de praticista. Depois, em 1930, foi a viagem a Khárkov, onde Aragon foi enviado, com Georges Sadoul, como delegado à conferência dos escritores revolucionários para lá defender as teses surrealistas! Mas não sucedeu assim. Aragon aderiu às teses dos soviéticos. Os surrealistas ficaram gelados, e a cisão foi-se agravando até à ruptura, em 1932, depois da publicação do poema *Front rouge*.

Começou nessa altura um período que, em relação ao período louco do surrealismo, se pode considerar como razoável. Aragon deixou as verduras da mocidade. Os detractores disseram que as trocou por um feio. Foi jornalista do *Humanité* e fundou a revista *Commune* com Paul Vaillant-Couturier. Dirigiu a Casa da Cultura. Desenvolveu uma tripla actividade — que nunca mais deixaria — de jornalista, militante e romancista-poeta. Publicou *Hurrah l'Oural!* e o primeiro dos grandes romances da série *Le monde réel: Les cloches de Bâle* (1934), no qual ajustou contas com o meio em que passara a juventude (a mãe tinha uma pensão familiar para estrangeiras no 16.º «arrondissement» e Louis

frequentou, como aluno pobre, os estabelecimentos escolares particulares de Neuilly). Muitas personagens dos romances dessa série se inspiraram directamente em tal experiência pessoal. Aragon foi delegado, pela França, ao primeiro congresso dos escritores soviéticos; em 1935, foi secretário, com Jean-Richard Bloch, André Chamson e Malraux, da secção francesa da Associação Internacional dos Escritores para defesa da cultura; ganhou em 1936, no ano da Frente Popular, com *Les beaux quartiers*, o prémio Théophraste-Renaudot; depois foi a Espanha, onde estalara já a guerra civil, para entregar donativos da Associação; e, por fim, em 1937, foi, com Jean-Richard Bloch, co-director do novo diário comunista *Ce soir*.

Do «Ce soir» à Resistência

Vem depois o pacto germano-soviético. O *Ce soir* é proibido. Aragon refugia-se na embaixada chilena, onde termina *Les Voyageurs de l'Impériale*. Mobilizado em 1939 para um grupo de companhias de saúde, inventa uma ferramenta para libertar feridos dos carros de combate e recebe felicitações do ministério da guerra, que adopta o modelo. Faz a campanha de Dunquerque, retira do Eure para a Dordogne, é aprisionado e evade-se uma hora depois (feito que narra em *La mise à mort*), é novamente louvado e — condecoração esta mais rara — recebe a medalha militar.

O poeta está já maduro para as tarefas da ocupação: projectos de resistência intelectual que verão a luz do dia com a Comissão Nacional dos Escritores e *Les lettres françaises*. Restabelece contacto com o PCF, agora na clandestinidade. Mas já antes, em 1941, autorizara a publicação na N.R.F. de Drieu la Rochelle, sob controlo dos alemães, de um trecho de *Aurélien*. A bem dizer, isso foi antes de estalar a guerra na frente de Leste. *Voyageurs de l'Impériale* na Alemanha (1942), do *Cantine à Elsa*, dos *Yeux d'Elsa* e, depois, do *Musée Grévin* (1943), continuação do *Aurélien*, continuação, com a libertação, da direcção do *Ce soir*, que pouco depois deixa a J.-R. Bloch e que retoma de novo em 1947 por morte deste.

O período que nessa altura se inicia é um dos mais controversos da existência de Aragon. Há quem dê a entender que em 1944, quando ele voltou a Paris, estava já feita a lista negra da Comissão Nacional dos Escritores para depuração dos colaboracionistas. Mas ele não se limitou a depurar a profissão, enriqueceu-a. Aragon, adulado pelos jovens prosadores e poetas, a quem apoia, é um príncipe das letras. É ele quem eleva, afasta, excomunga ou recompensa. Quando começa a

guerra fria e os comunistas são afastados do governo, Aragon defende as teses de Zhdánov em matéria de literatura e arte. Descobre André Stil, um novo Egmont, e vê em Fougeron um pintor do futuro.

É nessa altura, de 1948 a 1951, que escreve *Les communistes*, um fresco dedicado ao PCF que, todavia, só termina completamente em 1966, na hora do «realismo sem margens».

As «lettres françaises»

Uma tão grande fidelidade à linha do Partido viu-se recompensada em 1950 quando Aragon foi eleito para suplente do Comité Central. Entrou em 1949 para as *Lettres françaises*, que passou a dirigir em 1953, por ocasião da morte de Stálin. Desde então, o seu papel à frente do semanário comunista foi o de realizar a abertura às estéticas novas e menos ortodoxas com o Partido por ter reproduzido um desenho de Picasso julgado pouco respeitoso da memória do «pai dos povos». Mas essas dificuldades não im-

pediram que em 1954 Aragon fosse chamado para o Comité Central. Dedicou-se, na Gallimard, a dar a conhecer os grandes escritores soviéticos na colecção «Littératures soviétiques», por ele fundada.

Pouco depois estoura a bomba do XX Congresso do PCUS. Faz-se a «destalinização». Aragon, galardoado com o Prémio Lênin da Paz, escreve *La Semaine Sainte* — e, em seguida, insiste em negar que com esta obra tenha querido fazer uma antítese de *Les Communistes*.

«Mostro o meu jogo», escreve em 1959 num título um tanto ou quanto cínico; e, no mesmo ano: «há que chamar às coisas os nomes que elas têm».

Continua a «destalinização». A coexistência pacífica substitui a guerra fria. E quando a Argélia adquire a independência, Kennedy é assassinado, Khrushchév é substituído e os norte-americanos começam a bombardear o Vietname do Norte, Aragon escreve uma *Histoire parallèle des Etats-Unis et de l'URSS*, com André Maurois, edita as *Oeuvres croisées* com as de Elsa Triolet, publica o *Fou d'Elsa* e *La mise à mort*.

Em 1967, no ano de *Blanche ou l'oubli*, é eleito para a Academia Goncourt mas demite-se no ano seguinte porque François Nourissier, seu protegido, não obteve o prémio, que foi dado a Bernard Clavel. O ano de 1968, que viu a revolta estudantil em França, a «primavera» de Praga e a intervenção das tropas soviéticas — intervenção que foi condenada pelo PCF —, viu também Aragon apoiar os checoslovacos na sua luta e defender um socialismo mais aberto, à maneira de Garaudy, cujas teses sustentou no prefácio que fez para *Réalisme sans rivage*. Mas em 1970, quando Garaudy foi condenado e expulso pelo partido, Aragon não estava presente.

Elsa Triolet morreu a 16 de Junho desse mesmo ano. Parece que, depois deste luto, Aragon restabeleceu cada vez mais os laços com o seu passado surrealista, a que Maio dera nova vida. Foi então visto de branco, como um lírio, com sapatos verde-garrafa e gravata granza. Frisou os cabelos. Os jovens escritores e poetas rodearam-no

LOUIS ARAGON • LOUIS ARAGON • LOUIS ARAGON • LOUIS ARA

Por todos os caminhos do romance moderno

ARAGON romancista tem como ponto de partida a **coulerur des annés 2**: era **Anicet ou le Panorama**, uma espécie de anti-romance em que a protagonista, a estranha Mirabelle, como confessa o auto, é a «belza moderna». É uma obra que data de antes do surrealismo propriamente dito e que, logo a ser escrita, veio introduzir uma das graves preocupações do escritor: o romance acompanhado da desmistificação do romance. A reflexão sobre o romanesco e sobre a sua escrita não deixariam de import-se até ao fim: basta ir aos prefácios e posfácios escritos para a colecção das **Euvres romanesques croisées**, àquele ensaio fundamental que tem por título *Je n'ai jamais appris à écrire ou, então, aos Contes des quarante ans*.

Em 1926 seria o **Paysan de Paris**, que não é forçado nem insólito considerar como um verdadeiro «romance»: aí são afirmadas as teses do surrealismo, aí se desenvolve a mitologia moderna prometida em **Anicet** — e, principalmente, o lugar romanesco escolhido, Paris, aí fica indicado para ser depois o de toda a série das obras do **Monde réel**. Em 1930, impõe-se a Aragon uma opção: sabe-se como ele havia de resolver-se, que opções políticas tomou. A sua nova e decisiva orientação colocou-o à margem da burguesia e em oposição a ela, mas desviou-o também da atitude antiburguesa incarnada no surrealismo: há neste um individualismo que já não convém a um Aragon que procedeu a uma total revisão de ideias políticas, morais e estéticas.

Essa crise, intensamente vivida, faz de Aragon um escritor realista e leva-o a produzir um considerável fresco, distribuído por cinco romances: **Les cloches de Bâle** em 1934; **Les Beaux Quartiers**, que em 1936 lhe valeria o prémio Théophraste-Renaudot; **Les voyageurs de l'Impériale**, de 1939 mas que só apareceu em 1942; **Aurélien** em 1944; e, por fim, **Les Communistes**, ciclo que viu a luz do dia de 1949 a 1951, em seis volumes. Mas este fresco ficou inacabado: só saiu a primeira parte — que ainda viria a ser refundida em 1966. Aragon explicou-se quanto a tal ruptura: «Não continuei a escrever **Les Communistes** porque era preciso escrevê-los como eles er entendidos e não como eu os trazia em mim, como seres de carne e ossos.» Basta dizer que, nesses anos, em que Aragon abandonou o **Monde réel** tal como tinha sido levado a concebê-lo, conheceu nova crise moral. E também a explica: «Nesses ano de que falo, em que estava a escrever **Les Communistes**, talvez por isso mesmo, e ainda nos anos que imediatamente se seguiram, eu estava dominado simultaneamente por aquela certeza que era a minha vida e por uma dúvida horrível, vinda não sei donde.» O que, ao que parece, nos remete para a política...

Uma meditação sobre o amor

Há, todavia, aquela certeza de que ele falava e que, ao lê-lo, se vê perfeitamente que ilumina toda a continuação do **Monde réel** e teima em iluminar os romances do fim. Já em **Les cloches de Bâle**

essa certeza é afirmada claramente: é o reinado da mulher, «futuro do homem» (como ele dizia). De facto, nos cinco romances da série é desenvolvida uma meditação, por vezes arriscada, por vezes dramática, mas sempre bem aguda, cujo objecto é o amor, contrariado pelos poderes do dinheiro mas que encontra salvação e abrigo na ideia de uma felicidade que já não é individual mas comum às mulheres e aos homens da cidade. A unidade desse fresco, que relembra o período de 1889 a 1939, está nisto — tanto que Aragon pôde dizer, legitimamente, que **Les Communistes** é «a conclusão dos quatro romances anteriores». «A diferença — acrescentava — está apenas na experiência adquirida ao escrevê-los.» E essa experiência, temos de acentuá-lo de passagem, inclui também a do historiador: a documentação ali acumulada, o cuidado com a exactidão, a incontestável verdade dos pormenores, tudo perturba o leitor.

Le Monde réel está marcado por essa obsessão do verdadeiro, e a partir disso pode expandir-se essa mentira que é o romance.

Quanto à dúvida (horrível) de que ele falava, como poderia evitá-la? Estremecia muito vivamente com os acontecimentos e, acima de tudo, recusava-se a transgredir aquilo que a sua condição de escritor exigia do ponto de vista da verdade e da honra. Num dos prefácios às **Oeuvres croisées** encaixou uma breve frase que resume admiravelmente o problema: «A moral de escrever tinha-se modificado, em natureza e sentido, antes que uma pessoa tivesse tempo de viarar-se.»

Quando em 1956 Aragon publicou **La Semaine Sainte**, inaugurou com isso uma nova fase da sua obra romanesca. Pode-se dizer que, enriquecido com os cinco romances que compõem o **Monde réel**, Aragon reatou a sua produção dos anos 20. Com as obras seguintes, **La mise à mort**, de 1965, **Blanche ou l'oubli**, de 1976, **Henri Matisse**, de 1971... **Théâtre roman**, de 1974, reencontrou, singularmente enriquecida e avivada, a noção inicial, a noção do romance como pesquisa. E di-lo-ia claramente: «O século XX não será simplesmente o século da bomba atómica, será também o século em que o romance passou a ser, não já um assunto de alguns homens, limitando-se, no fim de contas a desenvolvê-lo de forma linear, mas uma espécie de gigantesca aventura comparável à ciência.» E, do mesmo passo, a tese (muito difundida e muito duvidosa) segundo a qual existiriam, mutuamente opostos, um Aragon surrealista e um Aragon marxista perde bastante vigor demonstrativo: pelo contrário, a espantosa continuidade do autor é que, por isso, exige uma observação em que se exprime: «A entrada da pesquisa no romance é uma característica do romance moderno.»

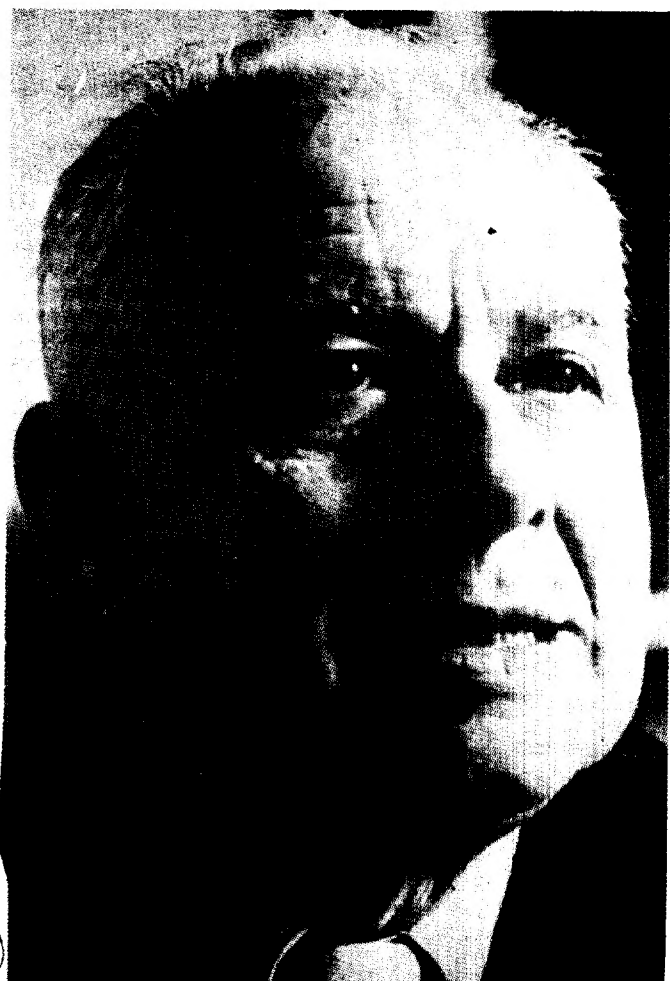
O «mentir-verdade»

As reflexões com que foi recebida a publicação de «**La Semaine Sainte**» causaram uma grande contrariedade a Aragon: muitos pretenderam que ele tinha escrito sobre o passado para mostrar o seu juízo acerca do presente. Mas era mentira. O debate entre a arte e a vida a que a personagem central, o pintor Géricault, dá motivo, longe



Louis A

de nos remeter para o passado, «não é mais — diz o autor — que uma grande busca do futuro», mas é também, **hic et nunc**, uma meditação sobre o valor do romanesco. O que, a este respeito, é preciso pôr em evidência é a advertência que Aragon faz no início do volume, onde acentua com muita força que «isto não é um romance histórico.



Louis Aragon

Espelhos e máscaras de uma vida

Continuação da pág. 1

mais que nunca. Esses «filhos» directos colmatavam a falta de Elsa.

Quatro anos depois, deu-se uma nova explosão criadora. Mas, em Janeiro de 1974, Aragon foi atropelado por um automóvel e ficou com uma perna partida. O acidente não impediu a saída, nesse ano, de duas obras importantes: um romance, **Théâtre-roman**, em que a liberdade da composição e da linguagem, que incessantemente mistura «o cantado com o falado», é levada ao auge; e os dois primeiros tomos de uma empresa de grande fôlego que se abre à edição crítica da **Oeuvre poétique** completa e é afinal uma coisa bem diferente: as verdadeiras memórias que Aragon sempre se recusou a escrever. Deixa incompleta esta obra magistral, no tomo VII, que saiu em 1977 e que cobre os anos de 1936 e 1937. É pena. De facto,

através desses textos de outra época e da voz de hoje que os comentava, deixava-se-nos entrever, melhor que em nenhum outro lugar, aquela grande figura de poeta e de prosador, que acompanhou, cantou e por vezes modelou o nosso tempo.

Caminhando para o silêncio

Ao reunir esses textos antigos, Aragon explica-os e restitui-os à época em que foram compostos. O comentário inédito vai engrossando pouco a pouco e, por entre os poemas, os artigos, as conferências de outrora, esgueira-se, fragmentária, a história de uma vida, as memórias que ele sempre se recusou a escrever.

L'oeuvre poétique, publicada no «Livres de Diderot», ficaria concluída em 1981, com o 15.º volume. Mas, em 1978, a voz que se recordava do terrível ano de

1938 calou-se subitamente a meio do tomo IX. A partir daí, os textos, os grandes textos poéticos, passaram a aparecer sozinhos, acompanhados simplesmente de breves notas de Jean Ristat. Mas, no último volume, houve uma surpresa: aqueles poemas inéditos dos **Adieux** que, a seguir a uma grave doença, Aragon ouviu ainda cantar em si e que, alguns meses depois, seriam objecto de edição em separado.

Se o prosador se calou praticamente por completo a partir de 1978, o homem não desapareceu de cena nos quatro últimos de vida. Em 1979 foi ainda visto, especialmente na televisão, que exibira no ano anterior o **Aurélien**, em seis programas dialogados com Jean Ristat. Primeiro curiosamente mascarado e depois de rosto descoberto, Aragon narrou-se, defendeu-se, explicou-se. Mas foram observadas lacunas, silêncios e até mentiras nesses **ditos e não ditos** de Aragon.

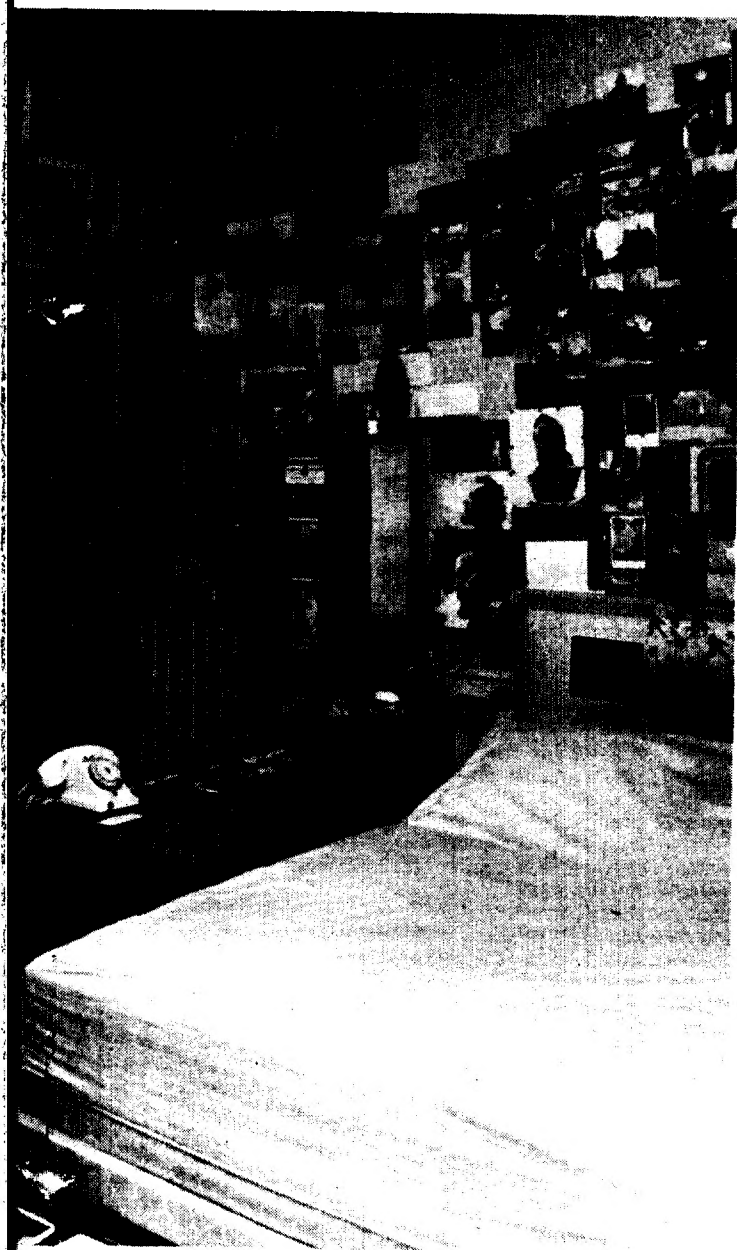
Aplicava-se ainda à sua obra. Em 1977, enviou para o «Centre National de la Recherche Scientifique», onde foi criado um fundo especial — facto sem precedentes —, os seus arquivos e manuscritos e o espólio literário de Elsa Triolet. Em 1980, **Lementir vrai** reúne as suas novelas, algumas das quais são inéditas. Sempre membro do Comité central do PCF, já não assiste às reuniões — mas assinala-se-lhe

a presença em manifestações e a sua assinatura surge ainda em documentos vários. Depois completa-se a retirada, faz-se o silêncio, só violado pelas homenagens que lhe são prestadas. Em Setembro passado, Aragon foi o herói da festa do **Humanité**, onde lhe foi dedicada uma exposição e um espectáculo. Mas era um herói.

A 19 de Novembro do ano anterior, François Mitterrand concedera-lhe a fita da Legião de Honra. Aragon feito cavaleiro aos 84 anos! Todos ficaram espantados. A pequenez da distinção não escapou a Jean Du-tour, que a comentou num artigo, meio doce, meio azedo, do **France-Soir**. «Em minha opinião (a fita) não honra nem o governo nem o poeta. Esta promoção tem todo o ar de uma cilada, como se se tivesse aproveitado um momento de distração da vítima, como se se tivesse estado à espera de ele ter já demasiada idade para poder defender-se... A seguir à guerra, só de Aragon dependia a sua entrada para a Academia Francesa. Thorez, confiou-me ele a rir, pediu-lhe que aceitasse essa consagração, que poderia refulgir sobre todo o Partido Comunista. Mas Thorez não colheu esse fruto. Aragon preferia, orgulhosamente, ser simplesmente ele próprio. E tinha razão.

PAUL MORELLE
& JACQUELINE PIATIER

ARAGON • LOUIS ARAGON • LOUIS ARAGON •



Aragon

Qualquer semelhança com personagens que já viveram, qualquer semelhança de nomes, de lugares ou de pormenores não pode ser senão efeito de uma coincidência, e o autor declina responsabilidades por isso em nome dos imprescritíveis direitos da imaginação. Se, pelo contrário, alguém fizesse reparos à exactidão dos pormenores,

res, o escritor respondia que o romancista «cria». Estamos já no «mentir-verdade».

Com *La mise à mort*, revela-se absolutamente o propósito romanesco de Aragon (aquilo a que se tem de chamar o realismo de Aragon). A bem dizer, nesse livro não há assunto. Admite diversas leituras, mas estas, necessariamente, combinam-se umas com as outras — tão bem que o romance é como uma ratoeira que prende o leitor e se fecha sobre ele, obrigando-o a enfrentar os temas, sobrepostos, do amor, do envelhecimento e da morte. Em certo sentido, é o romance do romancista a misturar-se intimamente com o romance da criação romanesca — mas desviando-se do abstracto em proveito da espessura das coisas e do sabor da escrita. Aqui, só o poeta segura na pena. Como é só ele quem a segura em *Blanche ou l'oubli*, livro do amor na idade madura. O protagonista de *Blanche* descobre de novo a verdade esquecida por intermédio dessa mentira que é a criação romanesca: o que é, muito exactamente, aquilo que Aragon defendera e pusera em prática já nos anos 20. *Henri Matisse*, «romance», viria dar um último retoque a este constante propósito.

Tripla presença

Vem depois *Théâtre roman*, que é romance do espelho (desse espelho que com tão grande frequência encontramos nas obras anteriores, que tem três lados) e romance do duplo. Aqui, o género romanesco explode, faz-se poema e confissão impossível, aceitação e recusa: «Fiz todo o *Théâtre* à custa de mim próprio, compreendes, e esse livro não é mais que aquele teatro que eu vou cortando com uma navalha na casca de árvore de mim próprio, e grito, e grito, e ninguém ouve, ninguém algumas vez ouviu o que eu escrevo até rebentar. Ninguém!». Eram precisos, a seguir aos romances da certeza, os do despojamento esse vasto panorama de palavras quase sem pontuação que veste retrospectivamente o conjunto naquele clima tão verdadeiro como o é o do patético.

Aragon, que durante uns tempos se dedicara a escrever textos curtos (encontramos uma parte no *Libertinage*), não era, todavia, homem de contos e narrativas. Para montar o seu teatro tinha necessidade de um espaço mais amplo. As circunstâncias da última guerra e os episódios da ocupação deram-lhe oportunidade para um novo feixe de breves textos. Ao longo dos anos foi-lhes acrescentando mais outros e o todo, reunido numa única colectânea, saiu em 1980 com o título *Mentir-vrai*. O volume vale, principalmente, pelo prefácio (continuação das *Œuvres croisées*): nele, o autor põe a nu, com a maior clareza possível, o mecanismo do seu romanesco e a singularidade das suas relações com o mundo.

O lugar muito especial e, sem dúvida nenhuma, dominante, que nos nossos tempos ocupa a obra romanesca de Aragon deve-se à sua tripla presença. À primeira vista, e isto é absolutamente verdade, essa obra é um dos mais agudos e mais completos reflexos da época, não só porque abunda em pormenores exactos e notavelmente dados a respeito dos acontecimentos e dos homens que ilustraram tais tempos mas ainda porque o seu próprio desenrolar nos dá conta dos debates de ideias em que se ocupou a nossa era. Depois, e este mérito é maior, é incontestável que a reflexão acerca do romanesco em que ela nos introduz deve desempenhar um capital papel de incitamento para a literatura que se está fazendo e que vier a fazer-se. Finalmente, e eis o motivo pelo qual essa obra não há-de cair no esquecimento, ela revela-nos vivo esse homem chamado Aragon que em toda ela está presente com aquela insolência que é própria dos grandes poetas: mesmo com máscara, não é quem quer que pode confessar-se!

HUBERT JUIN

A poesia de A. J. Vieira de Freitas

Luís de Miranda Rocha

NUM dia qualquer do Verão passado, mês de Agosto, morreu em Lisboa numa clínica, António José Vieira de Freitas. Na altura, os jornais da capital deram a notícia da morte do deputado do PS à Assembleia da República, que o era desde as intercalares de 79, eleito de novo nas legislativas de 80. Que se tenha lido, apenas um semanário se referiu ao desaparecimento do poeta que Vieira de Freitas sempre foi. Parece que o pormenor, chamemos-lhe assim, não estava muito no domínio do meio político ou jornalístico. Lembro-me de que, depois das intercalares, um matutino de Lisboa publicou uma prosa qualquer magazinesca arrolando os nomes de umas boas duas ou três dezenas de parlamentares poetas ou poetas parlamentares, ou o que quer que fossem, desde aqueles a quem com toda a seriedade se deve considerar poetas (porque o são, realmente, numa acepção substantiva da denominação) até aqueles outros que com a poesia não têm a ver mais do que uma boa percentagem da generalidade dos portugueses a quem a chamada «borbulha» poética ataca na idade adolescente ou nas fases etárias de transição. Entre eles não figurava A.J. Vieira de Freitas. Ainda bem.

Vieira de Freitas nasceu na Madeira a 29 de Novembro de 1940 e do seu *curriculum* consta que estudou no Funchal e em Salamanca, onde se licenciou em Filosofia no ano de 1968. Foi professor do ensino secundário no Funchal, cidade onde esteve à frente de diversas iniciativas culturais. De uma delas há resultados em livro: é a publicação, em 77 e pelo departamento de actividades culturais da Câmara do Funchal, de *Da Ilha que Somos*, uma antologia poética de novos autores da Madeira. Lançou uma revista de poesia, *Movimento*, de que saiu um número, com colaboração de António Ramos Rosa, Eugénio de Andrade e Herberto Helder. Consta ainda que foi um dos impulsores, em Espanha, do «movimento» *Alamo* (referência que me escapa). Em Lisboa, onde passou a viver praticamente a maior parte do tempo desde que ingressou no Parlamento, esteve na comissão coordenadora do II Congresso dos Escritores Portugueses. Há colaboração dele dispersa por diversos jornais, e em revistas como *Caderdos CETA*, *Colóquio-Letras*, *Sema*, *Nordeste*, além de *Movimento*. Em 67 publicou um ensaio sobre Rilke, *R.M. Rilke, poeta do nosso tempo*, que não conheço. A sua obra poética está quase toda arquivada em três livros que publicou: *A Palavra que Somos* (Edição do Autor, Lisboa, 71), *Habitat o Tempo* (Moraes, Lx. 75) e *Erosão* (Ed. do A., Funchal, 82).

Não é uma obra muito numerosa: cerca de uma centena de

Continua na pág. 4

O camponês de Paris

«NÃO me chamo senhor, chamo-me Aragon. Se você quiser, jantamos no domingo nas Ilhas Marquesas, na Rue de la Gaité, é um poema de Apollinaire, é um lugar de que eu gosto e ninguém lá nos incomoda». Chegou primeiro, certamente por não calcular andar tão depressa, e esperava, sentado ao fundo da sala vazia, atento a este jovem que se acercava dele.

De cabelos brancos cortados curtos — estávamos ainda pouco depois de 68 —, com um fato cinzento, de rigor, pois ainda estava a aliviar o luto. Os amigos ainda recebiam pelos seus dias. Dizia a lenda que havia sempre um homem do Partido na varanda do jornal para evitar que ele se atirasse à rua.

Levantou-se cerimoniosamente. Alto, com uns olhos tão azuis como os de Elsa e um sorriso gentil, pareceu-me bastante idoso mas forte, robusto. Depois de sentar-se, chamou o dono da casa: «Sou eu quem convida. Se você aceitar um tostão a este rapaz pego fogo à barraca». Falou sem pudor do seu imenso amor por Elsa. A sua tristeza: «Todos estes serões são para mim tão longos... Não acendo o lume em casa, para quê?». Já antes de Elsa se tinha querido matar. Fora em Veneza, em 1927. Ela chamava-se Nancy Cunard. Aragon mandou vir ostras e cada um de nós tinha de comer exactamente o mesmo número, senão não havia jogo. Contou-as e recontou-as e contou a sua vida: «Aos doze anos já tinha lido tudo, o melhor e o pior, mas nunca me enganei. O meu poeta preferido? Talvez Holderlin, mas por motivos que ninguém descortinará».

Fala com uma voz um bocadinho teatral, alongando as sílabas como para impedir interrupções ou talvez porque procura uma palavra mais rara, invulgar. Tem as palavras todas a seu favor, tem um fabuloso dom de palavra. «A minha literatura é oral. Simplesmente, presto atenção aos hiatos. Ensaio a frase com certas consoantes. É por eu escrever oralmente que tenho dificuldade em cortar. A diferença que há entre a literatura do século XIX e a do século XX é a voz».

Brinca com as recordações, a história, a guerra, que, de repente, recorda interminavelmente. Em Dunquerque, perante as bombas que choviam, recusou deitar-se no chão. Procura por todos os meios explicar que isso é mais inteligente; mas tentar fazer com que Aragon mude de opinião é querer desviar o curso de um rio.

Fala com gosto de todas as mulheres que conheceu. A Bérénice do *Aurélien*, «podia ter sido feliz com ela... Como sabe, da primeira vez que Aurélien viu Bérénice, achou-se francamente feia, mas ela tinha qualquer coisa... e era muito inteligente. Acabou trotskista, evidentemente... E confessou-se a uma prima: não fim de contas, estraguei tudo, devia ter casado com Aragon». E outras mulheres desfilam: a de Drieu, a de Maz Ernst, a de Eluard, as amigas da mãe com quem ele se deitou, a mulher do tesoureiro da Fazenda, quando ele tinha treze anos, a companheira de Modigliani, ainda se lembra do vestido verde, da trança ruiva que o leva a falar de Fellini, de Charles Chaplin, que ele apresentou a Picasso, de Géricault, e chegamos por fim a André Breton, ao primeiro passeio, àqueles três nomes em que se baseou a sua amizade: Jarry, Apollinaire, Rimbaud.

O restaurante vai fechar, temos de sair. Aragon despede-se, agradece com extrema cortesia e começa a calcorrear Paris a toda a força. «Sabe porque é que me inscrevi no Partido Comunista a um 6 de Janeiro? Nessa altura, era surrealista e o 6 de Janeiro é o dia de Reis». Fica encantado por tirar o fôlego a uma pessoa com a caminhada e por falar sem parar nos seus projectos — três livros que está a escrever, *Théâtre-roman* ainda se chama *Homme de théâtre*. Não espantaria que na noite anterior tivesse sonhado representar no palco da Comédie Française o papel principal de uma peça por ele inventada se entretanto não tivéssemos chegado àquele ponto do Boulevard Raspail onde, noutros tempos, a paisagem se interrompia. «O Boulevard acabava aqui — disse, apontando as biqueiras dos sapatos —, aqui, digo-te!» gritou como se o estivessem a contrariar. Arrancou de novo, finalmente. Eram três horas da manhã: «Espero que não estejas cansado. E se agora fôssemos ver que ar tem o Sena do outro lado da cidade?»

Rue de Varenne

Cada casal, cada transeunte pode ser o início de um romance: «Vês estes, vês como vão de mãos dadas? São simpáticos mas vão separar-se, é garantido, está por pouco, ela não acredita que ele a ama e ele não sabe dizer-lhe do seu amor. É assim... Que queres que eu faça?»

Chegamos a casa de Aragon, na Rue de Varenne. Passado o portão, há um pátio com uma parede em que estão pintadas janelas falsas. Tinha pensado pedir a Picasso que lhe pintasse ali figuras, naturezas mortas ou não mortas, por trás das janelas falsas. Subimos uma grande escadaria de pedra, até ao primeiro andar. Ai se depara com uma escada mais pequena, de caracol. Tem uma passadeira vermelha e um corrimão a acompanhar a curva da parede; quem quiser pode sentar-se na cadeira ali posta para Elsa.

No escritório há cento e cinquenta fotografias dela. Livros e muitos quadros. Na sala de jantar, pombas da paz, nos muitos estados em que Picasso as desenhou, e quadros de Tanguy, desenhos de Matisse, colagens de Max Ernst, fotografias de Man Ray. O chão é vermelho, os móveis pretos, a mesa é bastante comprida. No escritório de Elsa está colado um coração de pedra vermelha a uma vidraça: «Dei-o a Elsa e fixámo-lo ali; esse coração só há-de sair com a casa toda. Sabes, isto aqui está povoado de fantasmas e cada objecto tem a sua história. Este balde para esfriar o *champagne*, comprei-o no restaurante da Torre Eiffel. Comprava tudo que encontrasse com a marca E.T.». Vou deixá-lo, vai ficar a escrever toda a noite. «Não quero ser o escritor de um livro, e então despisto-os com outro livro».

«Um dos meus vícios é educar as pessoas por quem sinto afeição», diz ele, vindo bater à porta de cada um a qualquer hora por ter visto um belo filme japonês, tão belo como *Um chien andalou*, ou uma exposição. «Tenho poucos amigos — confessa, recusando-se a ver os de outrora, só tem por si a juventude — e tão poucos dias para viver», diz há já muito tempo. Um jovem escritor telefona-lhe. Aragon pede-lhe que venha imediatamente: «Querida dizer-te que tens um defeito: julgas-te a ti próprio. Escrever é escrever e depois ver o que sucede, e tanto pior, ou até tanto melhor, se houver defeitos, defeitos de gosto. O mau

Continua na pág. 4

A poesia de A. J. Vieira de Freitas

Continuação da pág. 3.

poemas, distribuídos quase igualmente pelas três colectâneas que publicou. Também não é uma obra para colocar num primeiro plano das nossas referências respeitantes à poesia portuguesa do tempo a que pertence, os anos 70. Mas é uma obra interessante, por duas ou três razões. Antes de mais, pela sua alguma e patente qualidade. Depois, pela sua discrição; (e isto deve-se considerar, se não uma qualidade, pelo menos um motivo de interesse: — nunca o autor recorreu a quaisquer expedientes, além da cordialidade para com os outros escritores e os críticos, para ganhar através disso uma projecção mais vasta do que aquela que a sua obra pudesse merecer. E hoje pode-se dizer que a projecção que a sua obra merece é um pouco mais do que a projecção que tem tido).

É indicativo, melhor, prenunciador, que os primeiros trabalhos literários da bibliografia de Vieira de Freitas seja um ensaio sobre Rilke. As raízes da sua poesia é muito na poética do autor das «Elegias de Duino» que as vamos encontrar, e em aspectos patentes como a assumpção expressiva de tonalidades e inflexões, além dos prendimentos a temas fundamentais: a vida, a existência, a morte, a solidão, nas suas revelações intermediadas pelo mundo, a natureza, o outro, e o espaço e o tempo numa constante e dialéctica tensão relacionada com os processos de mudança, alteração, transformação. O sentido central desta poética implica ainda a linguagem como descoberta ontológica da transitoriedade. O eu delega-se numa assumpção primopronominal plural dir-se-ia que espontaneamente. Logo o título do primeiro livro é disso significativo. Na formação do autor terão pesado muito também leituras de poetas franceses e espanhóis deste século. Mais próximo, e entre nós, são visíveis as ligações — de alguma dependência ou pendência, pelo menos — com ascendentes como Herberto Helder e Eugénio de Andrade, mas também, e talvez principalmente, António Ramos Rosa. Inevitavelmente, porque a formação do autor foi nos anos 60 que se processou, a ideia ou noção de rigor está latente em toda a sua obra. Mas a sua exigência centra-se menos sobre os processos construtivos do poema e mais sobre o labor da metáfora e da imagem, do que resulta algum prejuízo visível em certa distensão e um perder-se do efeito poético numa excessiva abundância vocabular e num certo descontrolo sintáctico e organizativo das palavras.

Curiosamente, mas não menos significativamente, é no campo vocabular do realismo e nas suas zonas semânticas privilegiadas que a linguagem e as denotações e muitas das conotações mais imediatas desta poesia começam por se situar logo no primeiro livro. Vocabulos como espiga, manhã, pássaro, dia, luz, terra, mãos, boca, rosto, rios, etc. são aí muito ocorrentes. E nas formas verbais que mais ocorrem é a terceira pessoa (sujeito impessoal, ou subjectividade activa atribuída às coisas) que se assume, guardando-se o eu para poses de uma discrição menos interventiva ou delegando na como que espontânea actividade verbal a responsabilidade de estabelecer uma coerente e consequente — se bem que sempre simbólica — relação com o real e o concreto das coisas do mundo.

Estamos assim perante uma poesia dialéctica e de raiz progressista. E o sentido disso vai reforçar-se no segundo livro, tanto através da aceitação e do frontal tratamento de oposições e contrariedades ou incoincidências (entre o real do desejo e a realidade que lhe furta o objecto, entre a vontade ou voluntariedade de actuação sobre o real e a sua espessura, ou densidade, ou peso inamovível perante a nomeação, entre a palavra ou a voz, o canto, e o silêncio — que lhe sobrevem, por exemplo), como por efeito duma maior tensão conseguida no labor verbal metafórico ou e imaginístico, organizativo e construtivo do texto e do discurso do poema.

«Habitar o Tempo» é o título de uma das três secções em que o livro se divide. As outras são «Habitar o Corpo» e «O Lugar do Espírito». A secção parece corresponder ao que se passa na visão do mundo ou percepção do real que é agora a do autor, mais reflectida e amadurecida, mais adulta, no segundo livro. Em «Habitar o Corpo», como a própria designação titular sugere, é do corpo que se trata, mas fundamentalmente na relação do corpo com o espaço que o envolve e enreda. Que espaço é este? «Não sei olhar espero além da névoa do silêncio/branco como a espuma do instante perdido» — lê-se num dos dez poemas que constituem a secção, e onde, curiosamente, se fala também de um «tempo de incerteza sem pátria definida nem lugar/para encostar a miséria enxuta/ou esquecer o sapato roto sobre a noite». Na secção que dá o título ao conjunto, o tempo tem ainda uma dimensão corporal mas é também projecção assumida declaradamente no trabalho da linguagem, duma linguagem

reflexiva do real vivido como realidade, da existência como relacionamento, do quotidiano numa visão do imediatamente perceptível e projectada num horizonte de transfiguração — o que não significa desistência ou fuga mas, antes, um esforço incesante de superação, de auto-superação, de conhecimento para além dos limites consentidos pela experiência saturadora das realidades e do real. «Nada acrescento ao correr dos dias/que não seja a visão o calor o lume/a pureza do sal quando queima/ a invenção do ar quando aquece/escrevo o nome atirado à boca da pedra/ o nome diluído no musgo da tarde» — lê-se no penúltimo poema desta secção, e numa das mais nitidas inflexões de outra noção sempre muito premente nesta poesia: a de que o trabalho poético não excede o real com que se prende senão na visão transfiguradora dele através da metáfora, da metonímia, e sobretudo da imagem. A terceira e última secção do livro, «Lugar do Espírito», aparece-nos como resultado dum esforço de síntese e superação dos conflitos relativos (quer dizer, respeitantes a relações, de relacionamentos) com que se debatiam os poemas das secções anteriores. O «lugar» da indicação titular bem pode ser esse que «edifício (...) desde sempre/ com as mãos abertas erguidas» e «palmo palmo/pedra a pedra», enquanto («faço e desfaço») «o sonho cresce» e «no meio estás inteira e frágil/ mas és tu quem chamas/no fundo da tua ausência» e «avanças pela noite dentro/devagar como se os olhos perdidos/arrancassem o sal da terra/e o vigor das ervas brancas;/uma criança dobra-se na ternura/e é ver caminhar a inocência a teu lado,/ as mãos crescendo para o teu olhar/pou-sando sobre a vida.»

Acabámos por transcrever o poema quase todo, para que fique também a imagem ilustrativa de como Vieira de Freitas em regra constrói os seus poemas: num incesante processo de avanços e recuos, de ascensos e descensões, de atravessamentos por dentro e envoltimentos por fora — da palavra, das palavras, de certas palavras — imagens metafóricas ou metonímicas significativas duma atitude do olhar perante os objectos, as coisas, e principalmente os sinais; um olhar sempre perscrutador e interessadamente perceptivo, mas não certamente insensível aos efeitos de saturação, desgaste ou erosão que o real, a realidade e as suas espessuras lhe provocam. É por isso talvez sintomático que o último livro do autor (saído duma tipografia do Funchal poucos dias antes de Vieira de Freitas morrer em Lisboa) se intitule *Erosão*. À semelhança do primeiro, e diferentemente do segundo, trata-se dum conjunto de poemas sem qualquer secção ou divisão. São vinte e nove, os poemas, e, tal como se passava também nos conjuntos precedentes, variam muito no âmbito formal e, menos um pouco, mas também, no âmbito discursivo, ou no fôlego da fala, da voz. Estas variações, porém, não têm assinalável interesse num confronto com outro aspecto que neste livro ressalta para um plano de evidência como não tinha talvez sido atingido ainda e de que já falámos a propósito de «O Lugar do Espírito», do livro anterior: é a constante processual que consiste na acumulação de palavras — imagens adensando o espaço semântico, e, diga-se também, prejudicando-lhe a estruturação através da síntese — que acaba sempre por não desempenhar uma função organizativa relevante. Mas isto é sistemático, faz parte intrínseca duma poética, duma estratégia e duma táctica poética e verbal, e é como tal que deve ser entendido. Os temas, as tópicas, as tonalidades e as inflexões são obsessivamente os mesmos dos poemas anteriores, e é ainda em determinadas palavras-chave (ou, pelo menos, palavras mais ocorrentes) que os vamos detectar: o corpo, o tempo, os elementos, o espaço, as coisas, a mudança, a alteração, os sentimentos, a própria palavra, o silêncio, os limites, as resistências, as destruições, os renovaos de energia para uma incessante e sempre renovada afirmação do ser — a um tempo diluído numa dispersão de relações referenciais, de objectivos, e, no entanto, recuperado para os sempre outros confrontos e defrontamentos perante o real e os seus apelos.

Não iria mais longe, mas não terminaria sem referir um pormenor pelo menos interessante e que se prende com o facto de Vieira de Freitas ser natural da Madeira e aqui ter vivido praticamente toda a sua vida. Apesar da naturalidade insular, todavia, pode-se dizer que a noção de insularidade não é obsessiva nesta poesia. É uma poesia insular, mesmo marcadamente insular, mas sem que nela se processe a insularidade como assumpção intencionada e deliberada previamente. Não é uma poesia onde a insularidade centralmente se imponha, concretamente pretextada ou referida. É apenas — e não é pouco — uma poesia em que a noção insular alastra por todo o território



Vieira de Freitas

verbal, palavra a palavra, poema a poema.

Faltavam ocorrências que apontassem nesse sentido com alguma insistência. Elas aparecem agora em *Erosão*. Aparecem por exemplo em «Casulo Fechado» (que é a ilha): «A ilha redonda de neblina coroa o sossego da noite». «Invenção da Ilha» é um poema legendário da dimensão de insularidade ganha pela poesia do autor. Em «Porto Santo» é difícil não entrever a ilha do mesmo nome. Num poema como «A Ilha» é irresistível a sugestão de que se trata da Madeira. Este poema justifica a transcrição na íntegra: «Falésia áspera onde os ventos enredam / os caminhos / A ilha adormecida respira / a violência do mar a ternura dos cimos. // Falésia áspera que desce até aos homens / debruçados na terra branda e submissa / as aves defrontam Dezembro e a chuva / as casas encostam-se às vertentes. // Falésia áspera que ordena as palavras / embrulha os rumores dispõe o rumo / estende a noite sobre o mar // Falésia de renúncia flor de pedra / grito de basalto puro e liberto / Por ti clama o sangue a dor a vida / dos homens que rasgaram o teu ventre / com a enxada erguida o suor semeado».

Mas nem serão estas as sugestões mais fortes com que o livro se nos propõe, e sim as da tonalidade crepuscular, ou já pós-crepuscular, outonal, ou já pós-outonal, já hiemal, sensíveis, visíveis na maior parte dos poemas. Um pouco ao acaso: «é a monção de Setembro / e a sua noite / um punhal de sombra / aguarda a chuva»; (...) «é a monção de Setembro / fechada em mágoa / é a monção de Setembro / aberta em água»; «nada se alonga a não ser a noite / que envolve os braços de quanto vive...»; (...) «um deserto cresce ao longe branco / intensa lâmina a romper o vento / áspera e linda ninguém presente / a noite morna dilacerada».

É na vertente crepuscular que se situa «a visão da luz amarrotada». Em «A Dor», há uma inflexão forte dirigida ao nascente: «Cresces suave contra a parede / de violência cresces inteiro / contra o instinto da morte». Em «Quadros», «pergunta por Dezembro» — perante a perspectiva inelutável do Inverno a vir, ainda que sejam «manhãs» (como, noutros passos, a madrugada), o lugar onde tal perspectiva se entrevê. Em «Invenção da Ilha», esta (a ilha) é uma «reliquia extrema de Dezembro / o Inverno confrange os ossos», fala-se de «a noite trópega / do Inverno». Um poema intitula-se «Inventário de Novembro», fala-se aí do «amarelo ardente / deste fim de Outono aqui na ilha clara». Outro poema intitula-se «Memória de Outono» e aí «estamos na folha frágil / da esperança emersa». Em «A Sombra», esta (a sombra) «cresce na límpida coluna / onde se inscreve a luz e o dia», «avança no olhar claro / onde repousa a manhã a transparência / de vento áspero e das palavras» «devora a luz do corpo», «corrói por dentro a luz».

Erosão é certamente o melhor dos três livros do autor. São aqui muito menos os deslizos na construção dos poemas, é muito mais a vigilância exercida sobre os excessos verbais que não raro, nos livros precedentes, inflavam a denotação de certos substantivos e adjetivos e a inibiam para uma conotação mais feliz de efeitos sugestivos.

É talvez por isso que nos últimos poemas deste livro a fala do autor parece mais do que nunca até então marcada por fortes acentos de gravidade na tonalidade e na inflexão. Esta gravidade — que é uma constante tendencial da obra do autor e que somente uma exigência também de equilíbrio e discrição disfarçava ou superava — tem a ver com a noção das contradições inerentes a toda a reflexão envolvente de atractivos temáticos essenciais polarizados em torno da vida e da morte — duplo enigma e redobrada motivação para a luta verbal que a poesia nunca deixa de ser, mesmo quando nos seus resultados expressivos não é um superficial ou postico optimismo que mais se patenteia.

LOUIS ARAGON

Continuação da pág. 3

gosto não é assim uma coisa tão má como isso. Retraís-te, tens medo de não ficar de pé, miras-te nos olhos dos outros, não sabes dizer merda. O estado violento em que agora estás é um estado ideal para escrever. Julgo saber daquilo que estou a falar».

A sua magia das palavras, a sua fabulosa memória, os seus jovens amigos poetas, salvaram-no de um fim triste. Queria deitar-se debaixo de um automóvel mas nunca conseguiu. As palavras ganharam a ele, há quatro ou cinco anos, veio a loucura. Tinha no olhar algo de mudado, um ar nem ausente nem furiosamente interessado, antes sombrio. Que fez ele hoje? «Estive em Saint-Amour — a casa de campo, onde Elsa, enterrada no jardim, espera —. Os guardas ficaram muito contentes por me ver. Viam-me a ir e vir, como te digo, e ficaram também contentes por me ver partir. A vida... nada! Ai tens, eu estava à espera de umas pessoas, não vieram, a vida é assim. E os dias vão-se passando, toda a gente corre, toda a gente acredita, mas eu não. Não se terá feito mal por não ter morrido? Todas as coisas são más, incluindo o bem que se espera — pega num livro de Maiakovskiy e lê —. Este sabia o que é um verso».

Quando deixou de escrever pôs na escrivaninha dois bustos: Balzac e Lamartine. Ora fala sozinho

O camponês de Paris

com mulheres que imagina a seu lado ora se dirige a Stendhal em inglês, ou a Flaubert, ou a Chateaubriand. Marca-lhes encontros, está sempre preocupado com encontros, encontros falhados: ou não vieram ou foi ele que se atrasou. Hoje de manhã ouviu Mallarmé a cantar no telhado. E Rimbaud estava vivo.

Ao atravessar uma rua, estremeceu de repente e alguém lhe perguntou o que tinha: «Pássaros que poisam sub-repticiamente nos meus ombros». À esquina das ruas Bonaparte e Jacob, para ir mais depressa, diz a um amigo que o queria reter: «Está quieto, estou só a fingir que me vou embora». Foi isto há quatro meses. E, com a sua grande capa, com um chapéu de aba larga, lá seguiu com passada definitiva. Em casa, sem intenção de sair, pôe de repente a capa, depois tira-a e diz para si próprio, como que a explicar o estranho gesto: «O fora e o dentro já não existem. Mas que está Elsa a fazer? Por que espera? Lá vou outra vez chegar atrasado».

FRANÇOIS-MARIE BANIER